

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - CCHE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**

SIBELI CARDOSO BORBA MACHADO

**MARACAJÁ EM FOCO:
REFLEXÕES ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL DO CENTRO HISTÓRICO CULTURAL 'AVETTI
PALADINI ZILLI' – MUSEU MUNICIPAL DO TRABALHO EM
MARACAJÁ, SC**

FLORIANÓPOLIS, SC

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SIBELI CARDOSO BORBA MACHADO

MARACAJÁ EM FOCO:

**REFLEXÕES ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL DO CENTRO HISTÓRICO CULTURAL 'AVETTI
PALADINI ZILLI' – MUSEU MUNICIPAL DO TRABALHO,
MARACAJÁ/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em História do Tempo Presente.

Orientadora: Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha.

FLORIANÓPOLIS, SC

2010

SIBELI CARDOSO BORBA MACHADO

**MARACAJÁ EM FOCO: REFLEXÕES ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS
DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO CENTRO HISTÓRICO
CULTURAL 'AVETTI PALADINI ZILLI' – MUSEU MUNICIPAL DO
TRABALHO EM MARACAJÁ, SC**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Orientadora:



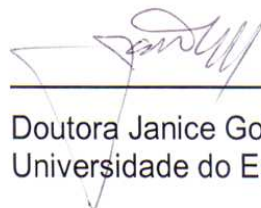
Doutora Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Doutora Maria Isabel Leite
Universidade do Extremo Sul Catarinense

Membro:



Doutora Janice Gonçalves
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 14 de maio de 2010.

A minha família.

A meus alunos.

Aos professores das escolas públicas e particulares que nunca deixaram de promover diálogos com outras instituições educativas, apesar das dificuldades.

E aos profissionais de museus que com coragem e determinação fazem destes espaços educativos e promotores de cidadania.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é, antes de qualquer coisa, admitir que em algum momento se precisou de alguém, pois sabemos que ninguém cresce sozinho e, além disso, em todos os momentos de nossa vida, de uma forma ou de outra, estamos a absorver a ajuda do outro. Desta forma, os agradecimentos que tenho a fazer são muitos, e as citações subsequentes não implicam ordem de importância.

A Deus, força maior, que me orientou e cuidou ao longo da vida e que nunca me deixou só, mesmo quando eu, por muitas vezes, tenha O deixado.

À Empresa de Transporte Bigotur, em especial, a Daniel e Diego, que fizeram com que a distância não me impedisse de concretizar este sonho. Agradeço profundamente esta empresa a qual subsidiou minhas idas a Florianópolis por quase dois anos.

À Secretaria Municipal de Saúde de Santa Rosa do Sul/SC, em especial, à Rosa, à Greice, à Valmorê e Jaíçon, que possibilitaram algumas idas e vindas quando eu ainda cursava a disciplina como aluna especial no PPGH/UDESC. Agradecimento especial ao motorista Valmorê, que na madrugada do dia da prova escrita da seleção do Mestrado sentiu minha ausência, em meio aos demais passageiros, e teve a sensibilidade de não seguir viagem sem mim. Meu sonho poderia ter sido interrompido ali! Não tenho palavras para agradecer!

À coordenadora Vera, à Vitória e ao menino Antônio que me acolheram com afeto em sua casa todas as sextas-feiras quando eu voltava de Florianópolis para participar das aulas de Especialização na cidade de Tubarão, as quais cursei simultaneamente ao Curso de Mestrado em Florianópolis: Muito Obrigada!

Aos colegas de Mestrado Cedenir, Daniel, Djéssika, Eduardo, Janaina, Lucas, Marcelo, Michele, Michelle, Paulo Augusto, Paulo Roberto, Sara, Tati e Willian, com quem dividi bons momentos nesses dois anos: foi bom ter conhecido vocês!

À colega Laura, do Mestrado em Educação, com quem partilhei orientações e tantas conversas, expectativas e angústias e que me acolheu carinhosamente em sua casa: guardei seu nome com carinho. Muito Obrigada por tudo, inclusive pelo

tempo despendido às inúmeras revisões em meu trabalho, mesmo vivendo também as atribuições finais de seu curso de Mestrado. Grata a você!

Aos colegas da Especialização, em especial, à Luciane, Odécia, Gustavo e Mirian, que sempre compreenderam meu esforço, cuidando de mim e tentando a todo o momento transformar minha expressão de cansaço em alegria: que bom que vocês estavam comigo, obrigada!

À Paula, Giovane e à menina Mariana, que me acolheram com carinho em sua casa, poupando, assim, algumas viagens entre Santa Rosa do Sul e Florianópolis. Muito Obrigada!

Ao Pe. José Carlos, colega de disciplina isolada no PPGH/UDESC no ano de 2007, que me encorajou a todo o momento com seu otimismo e que sempre orientou para os bons caminhos: obrigada, Colega! Como esquecer os transtornos do dia da prova de seleção?

Ao município de Maracajá/SC, Centro Histórico/Museu e às Escolas que me acolheram como profissional e consentiram minha pesquisa.

Às professoras Sílvia Maria Favero Arend (UDESC) e Maria Bernadete Ramos Flores (UFSC) por terem me aceitado como aluna especial em suas disciplinas no ano de 2007.

Aos/às professores/as Emerson César de Campos, Janice Gonçalves, Maria Teresa Santos Cunha, Marlene de Fáveri e Sílvia Maria Favero Arend, que abriram caminhos por meio dos debates nas aulas de Mestrado e dos quais tive o prazer de ter sido aluna. Obrigada!

Às professoras Dras. Maria Isabel Leite e Janice Gonçalves, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação. Muitas de suas sugestões foram incorporadas ao trabalho; outras, certamente, auxiliarão em futuros trabalhos. Muito Obrigada!

À professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha, orientadora deste trabalho, pela compreensão, aconselhamentos, paciência, encorajamento e por suas contribuições ao longo da construção desta dissertação. MUITÍSSIMO Obrigada!

À Eulélia Henrique, coordenadora do Curso de História da UNISUL, por ter acompanhado minha formação e, posteriormente, ter me dado a oportunidade de

lecionar no Ensino Superior, o qual validei como estágio e, acima de tudo, por sempre acreditar em mim. Muito Obrigada!

Às minhas amigas de infância Carina e Sandra, por compreenderem minha ausência.

À Odécia, por todo incentivo e ajuda.

A minha família, razão de todas as minhas conquistas, em especial, a meu filho Pablo Henrique, meu esposo Jairo, minha mãe Alda e meu pai Nilton, obrigada por fazerem minha vida mais feliz: amo vocês! Mãe, pai e esposo: sem o apoio de vocês eu certamente não teria conseguido! Pablo: você é a razão de todas as minhas lutas!

À minha irmã Pricila, por todas as oportunidades geradas!

A meu sobrinho Heitor, por tê-lo privado de mimos neste primeiro ano de vida.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Aos (às) funcionários(as) da UDESC, em especial à Wilma Bertoud Gonçalves (FAED) pelo carinho, à Flávia Silva Barbosa (DAPE), à Cleci Queiroz (DAPE) e aos demais profissionais da segurança que sempre me receberam com muita atenção e cuidado em todas as minhas chegadas nas madrugadas dos dias de aula do PPGH, amenizando, assim, o medo que eu sentia de estar só em uma cidade que eu pouco conhecia. Muito Obrigada!

E a todas as pessoas adoentadas, que se deslocaram de suas cidades para a capital em busca de tratamento e da cura, com as quais pude compartilhar sonhos, inquietações e experiências nesses últimos dois anos de minha vida, agradeço e dedico este trabalho.

“Sem dúvida, qualquer história pode ser contada de mil maneiras.”

Beatriz Sarlo

RESUMO

MACHADO, Sibeli Cardoso Borba. **Maracajá em foco: Reflexões acerca das experiências de educação patrimonial do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli' – Museu Municipal do Trabalho, Maracajá/SC.** Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação (Área de Especialização: História do Tempo Presente), 2010.

Esta dissertação, construída à luz da História do Tempo Presente, tem por objetivo analisar como o município de Maracajá/SC, apoiando-se em propostas de Educação Patrimonial, tem vislumbrado e, por conseguinte, traçado, linhas de atuação para atender políticas de democratização de seu patrimônio cultural. Para esta pesquisa, três motes balizaram a investigação dadas sob o contexto da disseminação e do aceleração de ações de preservação e de valorização do patrimônio cultural no presente: a sistematização de ações voltadas à preservação do patrimônio maracajaense, que culminaram com a criação do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli' no ano de 2004, o qual acolhe o Museu Municipal do Trabalho; a adoção de atividades de Educação Patrimonial pelo museu, com o intuito de orientar as propostas de ação educativa e as atividades desenvolvidas por ele em suas parcerias com outras instituições de ensino e com a comunidade; a descrição interpretativa do conjunto de atividades educativas desenvolvidas entre os anos de 2004 e 2009 pelo museu, em parceria com as escolas da rede municipal de ensino de Maracajá, que vislumbram como o Museu Municipal do Trabalho tem gestado possibilidades de acesso ao patrimônio, na busca pela promoção de cidadania e autonomia.

Palavras-chave: Museu. Educação Patrimonial. Atividades Educativas. História do Tempo Presente.

ABSTRACT

MACHADO, Sibeli Cardoso Borba. **Maracajá in focus: Reflections concerning the patrimonil education experiences of the Cultural Historical Center 'Avetti Paladini Zilli' - Municipal Museum of the Work, Maracajá/SC.** Dissertação de Mestrado in History Presented to the University of the State of Santa Catarina, Center of Sciences Human beings and the Education (Area of Specialization: History of the Present Time), 2010.

This dissertation, constructed to the light of the History of the Present Time, has as its objective to analyze how the city of Maracajá/SC, supporting itself in proposals of Patrimonial Education, has glimpsed and, therefore, tracing, lines of performance to take care politics of democratization of its cultural patrimony. For this research, three concepts had grounded this investigation under the context of the dissemination and the acceleration of preservation actions and valorization of the cultural patrimony in the present time: the systematization of actions directed to the preservation of the maracajaense patrimony, that had culminated with the creation of the Cultural Historical Center 'Avetti Paladini Zilli' in the year of 2004, which receives the Municipal Museum of the Work; the adoption of the boarding of Patrimonial Education by the museum, with intention to guide the proposals of educational actions and the activities developed for it in its partnerships with other institutions of education and the community; the interpretative description of the set of developed educational activities between the years of 2004 and 2009 by the museum, in partnership with the municipal schools of Maracajá, that glimpse how the Municipal Museum of Work has managed possibilities of access to the patrimony, in the search for the promotion of citizenship and autonomy.

Keywords: Museum. Patrimonial Education. Educational Activities. History of the Present Time.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01-	O Viajante sobre o Mar de Névoa.....	19
Figura 02-	Mapa dos municípios que compõe a região do extremo sul catarinense.....	47
Figura 03-	Caminhamentos realizados na localidade de Espigão da Toca, Maracajá- SC.....	66
Figura 04-	Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’ – Museu Municipal do Trabalho.....	72
Figura 05-	Planta baixa do Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’, Maracajá/SC.....	74
Figura 06-	Interior da Biblioteca Municipal Frei Marcelo Bianchi.....	74
Figura 07-	Interior da Biblioteca Municipal Frei Marcelo Bianchi.....	74
Figura 08-	Recepção do Museu do Trabalho, Maracajá/SC.....	76
Figura 09-	Núcleo de Arqueologia - Museu do Trabalho.....	77
Figura 10-	Exposição do Núcleo de Arqueologia - Museu do Trabalho.....	78
Figura 11-	Exposição do Núcleo das profissões e da Estrada de Ferro - Museu do Trabalho.....	79
Figura 12-	Exposição do Núcleo das profissões e da Estrada de Ferro - Museu do Trabalho.....	79
Figura 13-	Exposição do Núcleo Lazer e Religiosidade dos grupos colonizadores - Museu do Trabalho.....	80
Figura 14-	Exposição do Núcleo Lazer e Religiosidade dos grupos colonizadores - Museu do Trabalho.....	80
Figura 15-	Cotidiano dos colonizadores - Museu do Trabalho.....	80
Figura 16-	Cotidiano dos colonizadores - Museu do Trabalho.....	80
Figura 17-	Doação de Bate Enxada, Sr. Vendramino Zilli.....	97

Figura 18-	Doação de acervos, Sr. Gervásio Mondo.....	101
Figura 19-	Matéria sobre a doação de acervos – na casa do doador.....	101
Figura 20-	Publicações: ‘Maracajá: Pré História e Arqueologia’.....	131
Figura 21-	Palestras de Educação Patrimonial na escola.	133
Figura 22-	Construção de maquetes temáticas.....	134
Figura 23-	Construção de maquetes temáticas.....	134
Figura 24-	Produção de objetos de cerâmica nas escolas.....	135
Figura 25-	Produção de objetos de cerâmica nas escolas.....	135
Figura 26-	Cartilha ‘Uma aventura pela história de Maracajá’.....	136
Figura 27-	Ida ao museu - encontro com Maraquinha.....	136
Figura 28-	Ida ao museu - encontro com Maraquinha.....	136
Figura 29-	Cartilha ‘Uma aventura pela história de Maracajá’ - interior da cartilha.....	137
Figura 30-	Cartilha ‘Uma aventura pela história de Maracajá’ - interior da cartilha.....	138
Figura 31-	Visita ao museu.....	139
Figura 32-	Atividades na sala de aula.....	139
Figura 33-	Processo de higienização de documentos.....	139
Figura 34-	Noções sobre restauro, na escola.....	140
Figura 35-	Incentivo a leitura no Centro Histórico.....	140
Figura 36-	Exposição em homenagem ao Dia Internacional da Mulher - alunos fazendo a narrativa.....	148
Figura 37-	Exposição em homenagem ao Dia Internacional da Mulher - alunos fazendo a narrativa.....	148
Figura 38-	Morador lembrando o tempo em que tocava instrumentos musicais.....	149

LISTA DE TABELAS

Tabela 01-	Acervos doados por moradores.....	83
Tabela 02-	Quantidade de alunos/as das escolas municipais de Maracajá (2007-2009).....	142
Tabela 03-	Quadro de algumas das ações educativas do Museu Histórico de Santa Catarina.....	183
Tabela 04-	Quadro de algumas das ações educativas do Museu Meirelles.....	186
Tabela 05-	Quadro de algumas das ações educativas do Museu Universitário do Extremo Sul Catarinense- MUESC- Unidade de Zoologia.....	191
Tabela 06-	Quadro de algumas ações educativas do Museu da Infância-UNESC.....	194
Tabela 07-	Quadro de algumas das ações educativas do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli' – Museu Municipal do Trabalho.....	198

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AMESC** - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense;
- AMREC** - Associação dos Municípios da Região Carbonífera;
- AMUREL** - Associação de Municípios da Região de Laguna;
- APAE** - Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais;
- BESC** - Banco do Estado de Santa Catarina;
- GRUPEP** - Grupo de Pesquisas em Educação Patrimonial e Arqueologia;
- IBAMA** - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis;
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional;
- MERCOSUL** – Mercado Comum do Sul;
- MHSC** - Museu Histórico de Santa Catarina;
- MUESC** - Museu Universitário do Extremo Sul Catarinense;
- MVM** - Museu Victor Meirelles;
- NUPEP** - Núcleo de Pesquisas em Educação Patrimonial;
- ONGS** - Organizações Não Governamentais;
- PPGH** – Programa de Pós-Graduação em História;
- SNUC** - Sistema Nacional de Unidades de Conservação;
- UDESC** - Universidade do Estado de Santa Catarina;
- UNESC** – Universidade do Extremo Sul Catarinense;
- UNISUL** – Universidade do Sul de Santa Catarina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	15
--	-----------

PRIMEIRO CAPÍTULO : SENSIBILIDADES

1 MARACAJÁ EM CENA.....	42
1.1. CONTORNOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL MARACAENSE.....	42
1.2 ENTRE INCENTIVOS E OPORTUNIDADES: A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL E O PATRIMÔNIO CULTURAL.....	56
1.3 A SISTEMATIZAÇÃO DE UM ESPAÇO MUSEOLÓGICO EM MARACAJÁ.....	71

SEGUNDO CAPÍTULO: POSSIBILIDADES

2 O CENTRO HISTÓRICO CULTURAL ‘AVETTI PALADINI ZILLI’ E O MUSEU DO TRABALHO: EM MARACAJÁ, O QUE SE PODE E O QUE SE QUER.....	86
2.1 OS MUSEUS E SEU PAPEL SOCIAL NO TEMPO PRESENTE.....	86
2.2 O MUSEU DO TRABALHO E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE.....	94
2.3 INTERFACES ENTRE OS ESPAÇOS EDUCATIVOS EM MARACAJÁ.....	108

TERCEIRO CAPÍTULO: DESDOBRAMENTOS

3 DO CAMINHO PENSADO AOS CAMINHOS PERCORRIDOS: AS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM MARACAJÁ.....	118
3.1 DELINEAMENTOS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU DO TRABALHO.....	118
3.2 UMA EXPERIÊNCIA EM FOCO: AS AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU DO TRABALHO.....	128

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
----------------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA	156
---------------------------	------------

ANEXO.....	166
-------------------	------------

APÊNDICES.....	170
-----------------------	------------

INTRODUÇÃO

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”.¹

(A hora da estrela, Clarice Lispector, 1998).

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Esta pesquisa faz parte de minha história de vida, de minhas inquietações de historiadora e, agora, como pesquisadora das instituições museais. A proposta de estudar a dimensão educativa dos museus, na perspectiva da Educação Patrimonial, nasceu de questionamentos levantados após a conclusão do Curso de Graduação em História, no ano de 2007. Questionamentos estes que, ao adentrar no Curso de Mestrado em História, tornaram-se mais latentes e me motivam, cada vez mais, a investigar sobre o potencial pedagógico e ações educativas promovidas pelos espaços não-formais de educação que, neste estudo, são representados pelos museus.

Ao longo dos quatro anos de graduação em História, fui sempre despertada para pesquisas ligadas às áreas patrimoniais, em especial àquelas que elegiam como temas de debates a preservação, a memória e o patrimônio. Inesperada aproximação, pois em nenhum outro momento de minha formação lembro de ter tido tamanha identificação com temas ligados ao patrimônio, tampouco por suas formas de ensinar e/ou educar.

Durante a formação básica, recordo-me de que sempre apresentei pouca disposição e interesse em compreender e discutir sobre os temas ligados à área patrimonial, o que hoje, com olhar mais atento e cuidadoso, posso avaliar que talvez

¹ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.17. [Aproveito este momento inicial para sinalizar que todas as citações que compõem este trabalho, estão de acordo com o disposto nas obras consultadas e referenciadas, não sofrendo, portanto, alterações ortográficas e/ou gramaticais].

o desafeto inicial seja um indício de como esses temas estiveram às margens dos debates de sala de aula e também dos currículos escolares naquele momento.

Na busca por respostas, sem nenhuma pretensão de culpabilizar e/ou “desvendar” heróis e vilões, remexi em um tesouro guardado a sete chaves: meu baú de cadernos, que revela muito de mim e de minha trajetória escolar. Folheando cuidadosamente os materiais que possuo e que guardo com muita estima, percebi que desde a 4ª série do ensino fundamental, hoje 5º ano, não encontrei nenhuma proposta de texto ou atividade que pretendesse discutir, qualificar ou problematizar os espaços patrimonializados naquele tempo vivido. Tudo o que eu encontrei foram breves escritos que enfatizavam e apontavam sobre o que deveríamos entender e considerar como patrimônios comuns, tanto para nós como para a humanidade.

Também encontrei em minhas anotações as palavras ‘obras de arte’, ‘museus’, ‘prédios’, ‘esculturas’, ‘igrejas’ e também nomes de ‘quadros e artistas’ importantes que retrataram de algum modo a ‘história oficial’ do lugar onde vivemos e ao qual pertencemos [a história de um, entre muitos, *Brasis*]. E, hoje, nessa leitura, me salta aos olhos a palavra *Museu*, por ser o objeto de estudo que venho polindo e lapidando; familiarizando e estranhando; construindo e desconstruindo por algum tempo.

Por outro lado, mesmo na graduação, onde tomei como desafio refletir sobre as instituições museais, não revelei nenhum estranhamento frente a elas, ao contrário, busquei sempre consagrá-las e potencializá-las, principalmente ao desenvolver uma pesquisa de conclusão de curso, para a qual olho hoje com certo estranhamento, intitulada ‘*Museu Agrícola de Santa Rosa do Sul: um modo de recuperar as reminiscências plurais do mundo do trabalho na região*’². Esta pesquisa privilegiou e elegeu o espaço museológico como um guardião de memórias e como um apaziguador de conflitos latentes e de cicatrizes identitárias em Santa Rosa do Sul/SC, cidade onde moro. Hoje, já consigo analisá-lo com outra ótica e perceber suas ausências.

² Este trabalho monográfico apresentado ao Curso de História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – no ano de 2007 discutiu a necessidade de criação de um espaço museológico no município de Santa Rosa do Sul/SC a fim de preservar e salvaguardar as memórias dos agricultores e dos processos agrícolas desenvolvidos ao longo dos anos nesse município. Entretanto, no momento da confecção desse trabalho não estive muito atenta aos jogos de negociações e às disputas identitárias que subsidiavam o projeto proposto.

O fato foi que com essa pretensão me formei e dei continuidade à vida acadêmica ingressando no Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado) da Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, no ano de 2008. Entretanto, após participar das aulas das disciplinas optativas³ e obrigatórias do curso, alguns conceitos foram se renovando e as formas de perceber meu objeto de estudo foram também se modificando a partir de teorias que foram apropriadas ao longo da trajetória e que, muitas vezes, de forma conflituosa, desconstruíram a ‘solidez’ de tudo o que eu parecia saber até o momento. Foi, então, nesse momento de renovação e de repensar, que me veio à mente a imagem de um quadro apresentado pelo historiador americano John Lewis Gaddis na abertura de seu livro ‘*Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado*’. O quadro, conhecido como ‘*O Viajante sobre o Mar de Névoa*’ [1818]⁴, de autoria do pintor alemão Caspar David Friedrich, foi utilizado pelo autor como metáfora para incitar as discussões iniciais de seu livro, a partir de uma leitura factual e minuciosa sobre a paisagem expressa na pintura.

Antes de tudo, cabe destacar que dentre os quadros de Friedrich o tema ‘paisagens’ era bastante representativo e que, geralmente, suas pinturas, compostas por cores frias, davam a impressão de isolamento e de melancolia. Outra característica particular das pinturas deste artista é que elas geralmente trazem uma “sensação de impotência humana diante das forças da natureza.”⁵ Do mesmo modo, o quadro ‘O viajante sobre o Mar de névoa’ não foge ao estilo e, conforme o historiador Gaddis, ele apresenta

um homem jovem de pé sem chapéu, com um casaco preto, num alto pico rochoso. Suas costas estão voltadas para nós, e ele se apóia em uma bengala contra o vento que emaranha seus cabelos. À sua frente, descortina-se uma paisagem semi-oculta pela névoa, onde as fantásticas

³ É preciso lembrar, nesse momento, que as discussões feitas com os professores do Programa de Pós-Graduação História (Mestrado) da UDESC trouxeram novas reflexões para meu objeto de estudo. Em especial, lembro da Professora Dra. Janice Gonçalves e das conversas esclarecedoras sobre as dimensões de um patrimônio que, até então, era desconhecido para mim. Se naquele momento me senti desamparada e sem rumo devido a uma certa nebulosidade como a representada na obra “O Viajante sobre o Mar de Névoa, de Caspar David Friedrich”, citado em GADDIS (2003, p.15), hoje agradeço pela grande contribuição e pela oportunidade de reflexão e crescimento profissional.

⁴ FRIEDRICH, Caspar David. *O Viajante sobre o Mar de Névoa*. (c. 1818. Hamburg Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha/Bridgman Art Library). In: GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História*. Como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 15.

⁵ CASPAR DAVID FRIEDRICH 1774-1840. Tradução de Paulo Victorino. Disponível em: <<http://www.pitoresco.com.br/universal/friedrich/friedrich.htm>>. Acesso em: 20 de março de 2010.

formas de distantes promontórios são parcialmente visíveis. O horizonte longínquo revela montanhas à esquerda, planícies à direita, e, talvez, ainda mais longe – não se tem certeza – um oceano. Mas pode ser mais névoa, fundindo-se imperceptivelmente nas nuvens.⁶

Certamente, a utilização da imagem feita por Gaddis não tem nenhuma aproximação com o propósito que eu tenho de trazê-la neste momento da narrativa, contudo, o que gostaria de enfatizar aqui é que, como Gaddis bem descreveu, a imagem oferece uma sensação de insegurança e impotência do sujeito diante dela. E esse sentimento de insegurança pode ser relacionado ao sentimento conflituoso e desorientado que sentem os profissionais, como o que eu senti, num momento quando grande parte de ‘minhas convicções’ passaram a dúvidas.

De outra maneira, na obra *‘Paisagens da História’*, Gaddis utiliza a imagem do quadro *‘O Viajante sobre o Mar de Névoa’* como uma metáfora para iniciar as discussões sobre sua percepção acerca do “significado da consciência histórica”⁷. De acordo com o autor, ao se observar a pintura do viajante, tem-se a impressão de uma imagem contraditória, que sugere “ao mesmo tempo domínio sobre a paisagem e a insignificância do indivíduo diante dela.”⁸ Assim, para os conhecedores do quadro, os elementos descritos - um homem de casaco preto e sem chapéu, de pé, localizado no alto pico de uma montanha - servem como indícios para a (re)composição mental da imagem. Já para os leitores que nunca tomaram contato com o quadro, a descrição factual feita por Gaddis abre uma possibilidade de ensaiar-se uma suposta composição para a cena.

Na obra citada, Gaddis inicia a discussão com a pintura do viajante e justifica que a lógica de iniciar o texto a partir de uma imagem, mais precisamente com uma paisagem, pode não ser imediatamente óbvia; porém, ela o é se levarmos em consideração o poder que possuem as metáforas. Portanto, é como linguagem metafórica que o autor apresenta o quadro do viajante em seu texto e é igualmente como metáfora, entre outras possibilidades, que ele sugere aos historiadores apropriarem-se das imagens em seus estudos. Gaddis nos leva a perceber como as imagens incitam, provocam, interrogam-nos, mas também se abrem como possíveis

⁶ GADDIS, *Op. cit.*, p. 15.

⁷ *Ibid.*, p. 16.

⁸ *Ibid.*, p. 15.

objetos de interrogação, e isso se dá de acordo com as inquietações e as curiosidades de cada observador.

Como Gaddis, - e outros tantos pesquisadores que já exprimiram suas impressões acerca desta imagem, cada um a seu modo, estilo e afiliações teórico-conceituais - eu também me senti despertada por esta imagem. Ao observá-la, imediatamente relacionei a postura do viajante de Friedrich à postura e ao labor dos historiadores. Pois não seria este um de nossos ofícios: virar as costas para onde quer que estejamos indo e focalizarmos nossa atenção, a partir de qualquer ponto vantajoso em que nos achemos, para onde estivemos?

Apresento, então, a imagem 'O viajante sobre o mar de névoa' aos leitores deste trabalho e repouso um segundo olhar sobre ela.



Figura 01: Caspar David Friedrich, *O Viajante sobre o Mar de Névoa*, 1818.
Fonte: <http://images.google.com.br/>. Acesso em: 03 de Agosto de 2009.

A segunda possibilidade que vislumbrei para esta imagem aqui foi a de utilizá-la - a partir de uma leitura sobre o ponto de vista atualizado de uma parte de seu conteúdo total - para discorrer sobre algo mais pessoal, que é mostrar como o elemento névoa, representado na pintura, assemelhava-se ao sentimento de desorientação o qual eu sentia a cada momento de renovação teórico-conceitual. Como pesquisadora, vi-me como o Viajante de Friedrich: entre a névoa e a bruma.

Certamente, não seria tarefa fácil para qualquer pesquisador, independente de sua área do conhecimento, questionar suas próprias ‘verdades’, não raro, cristalizadas! Afinal, é preciso assinalar que, em linhas gerais, minha formação diferia-se bastante das discussões as quais me propus fazer ao ingressar em um Programa de Pós-Graduação com área de concentração no Tempo Presente, que me apresentou outras formas de perceber e lidar com meu objeto de estudo.

Todavia, com o desenrolar das aulas de Mestrado, passei a perceber, cada dia mais, que todas as ‘convicções’ que eu parecia ter, com base em pesquisas anteriores, desmanchavam-se no ar, esvaziavam-se mais e mais, obscureciam-se. Por vezes, meu objeto de estudo, tão questionado por muitos, mas a mim tão próximo e familiar, agora justamente me parecia estranho.

Hoje, como pesquisadora, ensaio-me na perspectiva do ensaísta-historiador proposto pelo filósofo espanhol Jorge Larrosa, e direciono meu olhar, juntamente com meu objeto de estudo, para o presente, não para um presente “[...] como realidade, mas como experiência [...]”.⁹ Trato de dar formas a uma experiência no presente, que, neste trabalho, procura dar conta de inquietações particulares acerca de uma instituição museológica específica, sua dimensão educativa e as atividades que promove. Como aponta Jorge Larrosa: “[...] A questão do ensaio é o que nos acontece agora, quem somos agora, [...] neste exato momento da história”¹⁰. Interessa-me, então, a história do presente, saber e “descortinar o passado de nossas verdades e não as verdades de nosso passado.”¹¹

A investida de transgredir o objeto de estudo, Museu, e de lançar um olhar acerca desta instituição secular no presente vincula-se, neste estudo, à História do Tempo Presente, corrente esta que emergiu com a criação do IHTP - *Institute d’Histoire du Temps Présent* – no ano de 1978, na França¹². A história do presente e

⁹ LARROSA, Jorge. *A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. Educação & Realidade*, v. 29, nº1, p. 27-43, jan/jun. 2004, p. 35.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ibid.*

¹² O *Institute d’Histoire du Temps Présent*, constituído no ano de 1978, teve como fundador e diretor até o ano de 1990, François Bedarida. Após Bedarida, o Instituto fora assumido até o ano de 1994 por Robert Frank e, posteriormente, por Henry Rousso. Conforme Jean- Pierre Rioux (1999, p. 39), “na França, a questão se estabeleceu no finzinho da década de 1970, quando o CNRS, sem fazer alarde, criou um laboratório, O *Institute d’Histoire du Temps Présent*, cuja missão, precisamente, consistia em refletir ativamente sobre a noção, conduzindo pesquisas específicas que resumiriam o movimento. Ela não parou de agitar os espíritos, e o dito Instituto nunca esteve resguardado das atribuições”. Ver: RIOUX, Jean-Pierre. *Pode-se fazer uma história do presente?* In: CHAUVEAU, Agnès;. TÉTART, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

do tempo curto, próximo, é uma corrente que não se restringe e tampouco se fecha em especificidades; é antes um fazer historiográfico “que participa das orientações novas de um paradigma buscado na ruptura com o tempo único e linear e que pluraliza os modos de racionalidade”¹³, como sublinha François Dosse. Grosso modo, uma das propostas que balizam a História do Tempo Presente é a de afastar-se de uma escrita historiográfica que apresente a história a partir de um processo linear e homogêneo de construção. Nesse esforço, esta corrente considera que a história não é retílinea, pois revela indícios de sinuosidades na forma como os sujeitos se relacionam com o tempo, como abordam/consideram o passado e estabelecem/relacionam as demarcações entre o passado, o presente e o futuro – o que François Hartog denomina em seus estudos como “regimes de historicidade”¹⁴.

Nesse universo, a História do Tempo Presente tem incitado novos objetos de estudo, apresentado novos paradigmas e permitido que as temporalidades sejam ora misturadas e atravessadas, ora distanciadas e apartadas pelo historiador. Também oferece ao historiador a possibilidade de estar em muitos lugares ao mesmo tempo e lhe delega, ainda, o ofício e o desafio de saber lidar com uma multiplicidade de fontes pouco imaginadas ou admitidas, entre elas, a oportunidade de dialogar com as próprias fontes vivas¹⁵, por meio de depoimentos, testemunhos e relatos de vida.

Muitos pesquisadores, assim como Paul Thompson, reconhecem que os historiadores tinham consciência dessas fontes inexploradas, “não obstante continua sendo verdade que escrever qualquer outro tipo de história a partir de fontes documentais continua a ser tarefa muito difícil, que requer especial criatividade”¹⁶. Lembro aqui as palavras de Jean- Pierre Rioux¹⁷ ao assinalar que o historiador do presente é um profissional que dispõe de uma vasta ‘caixa de ferramentas’, mas que, a exemplo do ‘bom senso’ de um ‘velho artesão’, saberá desempacotar sua caixa de instrumentos e escolher dentre eles as possíveis ferramentas que lhe permitam lapidar seu objeto de estudo. Valendo-se das aproximações feita por Rioux entre os labores do velho artesão e do historiador, entende-se, então, que cabe ao historiador

¹³ DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 91.

¹⁴ HARTOG, François. *Regime de Historicidade*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>>. Acesso em: 08 de maio de 2006.

¹⁵ O que é impossível para os historiadores que não elegem os séculos XX ou XXI como o marco temporal de suas investigações.

¹⁶ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 24.

¹⁷ RIOUX, *Op. cit.*

do presente ser tão minucioso ao tatear seu objeto quanto o é o artesão ao dar forma às suas criações.

Críticas também são lançadas a esta corrente historiográfica; entre elas está a de que os pesquisadores, mergulhados no calor dos fatos, não conseguiriam afastar-se de suas subjetividades ao tratar com seu objeto de estudo. Todavia, esta falta de recuo¹⁸ apontada pelos críticos ao historiador do presente não se sustenta, pois não está todo historiador imerso em suas pesquisas, sejam elas sobre a antiguidade clássica, sobre o medievo ou sobre a modernidade? Estamos nós apartados de nossas subjetividades, gostos e paixões em tempos de pesquisas e de escritas? Frente a essas indagações, tomo as palavras de Jean-François Sirinelli ao lembrar que

o historiador trabalha sobre o passado, mesmo que próximo, isto é, sobre o que está abolido. Não que ele conceba sua prática unicamente como uma espécie de retorno das cinzas do passado a um presente que seria totalmente desconectado daquele. Bem ao contrário, esse historiador, qualquer que seja sua especificidade cronológica, bebe em seu presente e, longe de pensar que “é de nenhum tempo e de país nenhum”, ele sabe que está ligado por múltiplas fibras a seu tempo e à comunidade à qual pertence. Poderíamos, de sobra, multiplicar os exemplos. Limito-me aqui à constatação, significativa, do impacto da guerra sobre a obra de grandes historiadores, trabalhando, de resto, em domínios cronológicos afastados uns dos outros. Em dezembro de 1991, Philippe Contamine, quando da cerimônia de sua recepção no Instituto, assinalava explicitamente em seu discurso que, pertencendo à geração da guerra da Argélia, e tendo servido na Argélia, esse episódio de sua vida tinha tido um peso na escolha de seu tema e seu campo de estudo: a guerra dos Cem Anos. A correlação entre o historiador e sua própria história – mesmo se esta só constitui um parâmetro – é, portanto, real aqui, e o fato é tanto mais notável quanto não diz respeito a um historiador do presente, mas a um medievalista.¹⁹

Com efeito, Sirinelli destaca que as escolhas que fazemos sobre nossos temas de estudo são atravessadas por nossas histórias de vida, por nossas paixões, visto que não estamos nós, pesquisadores, desafilados ou, nas palavras de Roger

¹⁸ Fundamentando-se em François Bédarida (2001), Helenice Rodrigues da Silva (2008, p.3) alerta sobre o *recuo* a que deve ter todo historiador: “(...) Insistindo sobre o fato de que a distância do historiador em relação a seu objeto não é o fruto do tempo mas o produto do trabalho efetuado durante a construção do objeto de estudo.” [SILVA, H. R. . A história do tempo presente e a problemática das fontes. In: *Seminário: História do Tempo Presente* (UDESC). Florianópolis, 2008, p. 1-8.

¹⁹ SIRINELLI, Jean-François. *Ideologia, tempo e história*. In: CHAUVEAU, Agnès.; TÉTART, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 78.

Chartier, ‘desencarnados’²⁰ de nosso tempo, tampouco de ‘nossas raízes’, ‘concepções’ e ‘credos’. De algum modo, a possibilidade de autorizarmos o local de onde falamos e de justificarmos as nossas escolhas revelam uma, dentre as muitas oportunidades, que se abrem com a História do Tempo Presente. Assim, justifico que o recorte desta pesquisa e a seleção de meu objeto de estudo acompanham essa ‘nova’ tessitura, na qual minhas escolhas foram também singularizadas, de alguma maneira, por minhas vivências e inquietações de historiadora.

Dito isso, trago novamente à cena o objeto *Museu*. No desafio de trilhar caminhos que me são, de certa forma, familiares, mas com o intuito de problematizá-los tomo como objeto de estudo o Museu do Trabalho de Maracajá, discutindo, principalmente, como este espaço, desde o projeto à criação, insere-se nas políticas de democratização do patrimônio cultural deste município e como o Museu, apoiado na abordagem de Educação Patrimonial, vem desenvolvendo alternativas para atender e cumprir as finalidades a que se propõe uma instituição desta natureza. Cumpre assinalar também que neste trabalho a Educação Patrimonial toma o sentido de uma educação voltada para o “ensino centrado nos bens culturais” e que estes bens culturais, considerados como *fontes de ensino*²¹, serão o ponto de partida para se desenvolverem as atividades socioeducativas do museu.

Clarifico, portanto, que o conceito de Educação Patrimonial adotado para a confecção deste trabalho é aquele que, inserido no contexto da educação não-formal, utiliza o patrimônio cultural (material e imaterial) como fonte fundamental para o ensino e o conhecimento e que objetiva fortalecer também a relação de identificação entre a comunidade e os bens culturais que possuem, compreendendo as mais variadas faixas etárias e sociais. De acordo com essa perspectiva, o patrimônio é concebido então como um recurso educacional o qual, ao invés de competir junto às disciplinas em currículos geralmente sobrecarregados, complementam-lhes e ainda conferem certa aproximação entre as diversas áreas do conhecimento.²²

Por meio de uma descrição interpretativa, dedico atenção ao conjunto de

²⁰ Conforme Roger Chartier (1991), a materialidade das práticas culturais remete à representação do grupo específico que as produziu e também “sustentam as operações de produção do sentido” reconhecendo que “nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas” (p. 180) do contexto de suas produções.

²¹ GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial. Utilização dos bens culturais como recursos educacionais. *Cadernos do CEOM*. Chapecó, n. 12, p. 159-180, 2000, p. 167-168.

²² *Ibid.*, p. 168.

atividades educativas desenvolvidas entre os anos de 2004 e 2009 pelo museu, em parceria com as escolas da rede municipal de ensino de Maracajá, que vislumbram como o Museu Municipal do Trabalho tem gestado possibilidades de acesso ao patrimônio, na busca pela promoção de cidadania e autonomia. É válido ressaltar também que entre os desafios postos à realização desta pesquisa está o de discutir e problematizar uma instituição onde tenho uma relação muito próxima com seus profissionais e onde já desenvolvi alguns projetos em parceria, o que tornou o meu desafio ainda maior – necessidade de recuo, distanciamento.

Como pesquisadora, no esforço de avaliar o museu a partir de uma outra face (para além das exposições; comunicação; avaliação de público; gestão de acervos, etc), dedico atenção às ações educativas que ele promove. Para tanto, comungo com as observações de Betânia Gonçalves Figueiredo e Diana Gonçalves Vidal²³, que concebem o objeto museu como um *poliedro*. E, como poliedro - sólido geométrico composto por várias faces -, este museu pode ser girado a partir dos autores que propõem o movimento à peça, a qual poderá ser historicizada por suas diversas arestas, seus diferentes ângulos e ainda acolher novas interpretações, tanto em suas relações com o passado quanto em suas relações com o presente.

Ao tomar o Museu como foco de investigação, o pesquisador tem, segundo as autoras, a oportunidade de optar por uma dentre as inúmeras possibilidades de desdobramentos de pesquisa que esta instituição oferece:

Ora o olhar repousa sobre as injunções que estabelece o Museu com o presente em suas práticas de acúmulo de acervo e gestão; ora, desloca-se para o passado, investigando a constituição histórica das instituições museais; ora, encara os desafios atuais da aproximação com o público, expressos nos afazeres educativos.²⁴

E nessa multiplicidade de interpretações, transposições e de deslocamentos (tanto temporais, como espaciais), as instituições museais foram, nesta pesquisa, repousadas sobre o presente e - compreendidas como *poliedros* - analisadas sob a face da educação e das interações que promovem com o seu público e com as comunidades que hoje as circundam.

²³ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte, MG: Argumentum; Brasília, DF: CNPq, 2005.

²⁴ *Ibid.*, p. 7.

Iniciada a investigação sobre dimensão educativa dos museus, a partir dos textos de referência de autoras como Luciana Sepúlveda, Martha Marandino, Guaracira Gouvêa e Maria Cristina Leal, causou-me estranhamento perceber, como asseguram as autoras, que apenas os espaços formais de educação, aqueles que tradicionalmente se desenvolvem “[...] no seio do sistema de ensino, regido por leis e diretrizes comuns, dentro de um espaço institucional socialmente construído (a escola, o colégio, o liceu, a universidade, etc.)”²⁵, estiveram nos centros das discussões e reflexões sobre educação. De acordo com os apontamentos das autoras, deixaram-se à margem das discussões espaços como os museus, os arquivos, os centros culturais e tantos outros espaços onde também se permite educar.

Diante disso, trago o museu à cena da educação e, apoiada nas discussões de Luciana Sepúlveda, parto do pressuposto de que os museus podem ser considerados instituições ‘*intrinsecamente*’ educativas e promotoras de cidadania se concebermos a educação como processo abrangente de socialização. Conforme observa a autora, os museus como espaços de sociabilidades²⁶ permitem que processos de interação sejam geridos entre diversos atores, como também entre diversas instituições. Ainda, reforçando esta premissa, lembro as palavras de Maria Célia T. Moura Santos²⁷, a qual da mesma forma considera a educação como um processo, onde *processo* - palavra entendida a partir de sua origem latina - significa ação de avançar; o que toma sentido de reflexão constante e que se desdobra em ações transformadoras tanto dos sujeitos quanto do mundo que os envolve.

Todavia, torna-se importante destacar neste momento que existe uma diferença considerável entre conceber o museu como “instituição intrinsecamente educativa e desenvolver-se, nestas instituições, um atendimento específico para

²⁵ SEPÚLVEDA, Luciana. A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G., MARANDINO, M. e LEAL, M.C. (Orgs). *Educação e Museu. A construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: Access Editora/FAPERJ, 2003, p. 107-128. p. 107.

²⁶ A noção de *sociabilidade* é, na perspectiva de Michel Maffesoli, entendida como formas da vida social que se dá a partir da vivência conjunta dos sujeitos, no qual esta tem sentido comunitário, sentido de compartilhamento de valores, sentimentos e comportamentos. Ver: MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p. 5.

²⁷ SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Museu e Educação: conceitos e métodos*. *Ciências e Letras - Patrimônio e Educação* Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Rio Grande do Sul: Ciências e Letras, v. 31. jan. / jun. 2002.

atender aos diferentes públicos explicitando objetivos pedagógicos precisos.”²⁸ É preciso lembrar que a ação educativa dos museus “ideais” do século XIX consistia apenas em visitas guiadas e em empréstimos de objetos às instituições de ensino. O museu apresentava-se, então, mais como um espaço de difusão e aculturação do que propriamente de reflexão e de debates. Somente com o adentrar o século XX é que os museus tornam-se mais atuantes e demonstram interesse, e isso se deu, segundo Maria Célia Santos,

pela proposição de exposições acessíveis a um público heterogêneo, introduzindo, então, as questões sobre comunicação com seus visitantes. A instituição torna-se mais atuante e, com a finalidade de facilitar a relação entre suas exposições e seus visitantes, desenvolve ações específicas na intenção do público escolar e instaura o princípio do ensino dentro da exposição.²⁹

De um modo geral, a história dos museus revela que a educação não esteve descolada ou totalmente afastada dos pilares e das funções das instituições museológicas. Contudo, o que reitero neste momento, fundamentada nas autoras já indicadas, é que atualmente os museus, para além de educadores, adotam também papéis de agentes de transformação social e apresentam-se como interlocutores e promotores de autonomia e de cidadania - o que Sepúlveda denominou como ‘intrinsecamente educativos’.

De acordo com esta concepção, os museus afastam-se de paradigmas que os colocam como espaços exclusivos de conservação e reprodução de memória para orientações que os concebiam como espaços de integração, reflexão e produção de conhecimento. Porém, para possibilitar essa produção de conhecimento, é preciso que os museus forneçam instrumentais que suscitem discussões, leituras críticas e questionamentos por parte de seus visitantes, e não apenas adotem uma postura de meros repassadores de informações, pois informação e conhecimento não são palavras sinônimas e, quanto mais afastados os museus estiverem do conhecimento, mais afastados estarão da educação.

Por outro lado, é preciso lembrar que como tantas outras instituições, os museus, em sua trajetória histórica foram instituições pensadas e sistematizadas

²⁸ *Ibid.*, p. 108.

²⁹ *Ibid.*

para atender às necessidades de momentos específicos, como também para servir, possivelmente, às expectativas e aos interesses de grupos socialmente eleitos e, não raro, compactuaram, intencionalmente ou não, com os ensejos de cada contexto histórico. Logo a origem, a permanência e/ou a renovação desses espaços geralmente estiveram atreladas às perspectivas e aos projetos de seus idealizadores.

No caso brasileiro, lembrando-se dos museus que estiveram a serviço do estado-nação e da construção de uma 'identidade nacional'³⁰, importa destacar que, embora esses espaços - criados a partir de expectativas de uma elite política e que acabaram por homogeneizar um passado brasileiro, dotando-lhe de inteligibilidade - de alguma forma trazem indícios, marcas, 'rastros e vestígios'³¹ de um passado comum. Nesse sentido, é preciso considerar que as condições de nascimento das instituições museológicas não podem ser confundidas com seus usos e as possibilidades de diálogos no presente.

Nessa investida, não pretendo fazer de meu objeto de estudo um *justo*³², que ofereça correção aos supostos erros do passado, tampouco pretendo que ele garimpe memórias esquecidas e que possam ter sido de alguma forma marginalizadas e/ou reprimidas em detrimento de outras tantas oficializadas. O que pretendo é perceber como os museus – também produtos de educação - podem, no presente, se tornar interlocutores sociais e estabelecerem diálogos e reflexões, a partir das ações educativas que promovem, entre o passado e a sociedade e, principalmente, com a comunidade que hoje o circunda. Além disso, é intuito desta

³⁰ Sobre o assunto ver: LEITE, R. P.. *Contra-usos e Espaço Público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 115-134, 2002.; LEITE, R. P.. Lugares da política e consumo dos lugares – nação e patrimônio cultural. In: -, *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, Aracaju (SE): Editora UFS, 2004 p. 34-95.

³¹ O método indiciário proposto por Carlo Ginzburg pressupõe que o historiador atue como um caçador que fareja os fatos não perceptíveis a partir de pistas, sinais, resíduos que podem ser reveladores. Aqui [...] entrevê-se, talvez o gesto mais antigo da história intelectual do gênero humano o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa. (GINZBURG, 2003, p.154). Assim, [...] a proposta de um método interpretativo é centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, agora fornecem a chave para aceder a produtos mais elevados do ser humano. (GINZBURG, 2003, p.150). Em: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

³² Expressão que designa: justiceiro; justo; justiça.

pesquisa também descrever, interpretar e divulgar algumas das experiências de educação neles realizados, como é o caso de Maracajá³³.

Nesse sentido, mais do que um bastião da afirmação social de grupos tradicionalmente marginalizados pela história social, o museu torna-se um espaço dedicado à cidadania. Perceber que as diferentes histórias coletivas criam uma teia de significados no diálogo com o tempo, que criam e recriam o mundo, que oferecem projeções de futuro e sentidos àquela comunidade, enfim, essas são algumas das razões do sucesso do museu como instituição: no reforço do diálogo crítico e reflexivo com a sociedade ou com a comunidade que o cerca e o inclui.³⁴

Ser um espaço dedicado às diversas experiências temporais, que contraponha múltiplas visões de mundo e sociedade e que incentive a reflexão no tempo e sobre o tempo é o que se espera de uma instituição museológica. Nesse sentido, ao longo do ano de 2008, dediquei-me a algumas visitas³⁵ a museus do estado de Santa Catarina, principalmente na Região Sul e na Capital do Estado, com intuito de conhecer alguns aspectos da dimensão educativa de outros museus, para que, assim, pudesse pluralizar meu olhar acerca das experiências educativas do museu que me propus a investigar. Cabe destacar neste momento que embora as passagens pelos museus tenham sido bastante breves, recebi nessas visitas exemplares de publicações e materiais didáticos que me permitiram saber algumas das ações educativas e atividades desenvolvidas por esses museus – o que foi reforçado também pelas consultas nas páginas dos *websites* dessas instituições.

Entre as pretensões vislumbradas com as visitas está a adoção de um método ou de “uma estratégia de abordagem do empírico”, denominada assim por Sandra Jatahy Pesavento, que se pretende realizar a partir de uma análise pautada na

³³ Reitero que, pela escassez de tempo, não foi possível me dedicar a outras experiências. Desta forma, optei por conhecer melhor o museu de Maracajá e apenas a visitar outros museus do estado, a fim de identificar algumas das ações educativas realizadas em museus catarinenses.

³⁴ AMARAL, E. L. G. Reflexões sobre o papel educativo dos museus. In: *Rev. Humanidades*, Fortaleza, v. 18, n. 1, p. 9-16, jan./jun. 2003. p. 12.

³⁵ Em Florianópolis visitei o Museu Victor Meirelles e o Museu Histórico de Santa Catarina. Já na cidade de Criciúma visitei o Museu da Infância e a Unidade de Zoologia do MUESC – UNESC e, em Maracajá, visitei o Museu do Trabalho. Ressalto aqui que as visitas (passagens pelos museus) foram rápidas e que não permitiram um estudo mais aprofundado sobre a dimensão educativa de cada museu. No entanto, a partir das atividades que pude mapear no momento das visitas, no contato com os profissionais dos museus e, posteriormente, com a leitura dos exemplares dos materiais recebidos (como publicações diversas, *folders*, relatórios de atividades desenvolvidas com os públicos escolares, fotografias de algumas atividades educativas desenvolvidas com os visitantes, etc.), somados ainda ao auxílio dos *websites* das instituições, foi possível tomar uma aproximação inicial com os museus em questão e também vislumbrar alguns aspectos dos conjuntos de atividades desenvolvidas por eles.

redução de escalas, a qual é um dos desdobramentos dos “jogos de escalas” da micro-história, sugeridos por Jacques Revel. Tomar contato com alguns aspectos das experiências educativas de outros museus seria, então, como formar um “laboratório de experiência” que permita perceber como as propostas educativas do museu selecionado (em sua dimensão local, esfera pública municipal e situado na região interiorana do extremo sul catarinense) versam com as propostas de museus de cidades-pólo como a de Criciúma (dimensão regional, esfera privada e situados numa cidade-pólo) e com os museus da Capital (dimensão estadual, esfera pública estadual, situados na Capital do estado) nas linhas gerais de atuação sugeridas aos museus catarinenses.

Provavelmente o trabalho com escalas reduzidas lança também alguns desafios ao historiador, como assinala Sandra Pesavento, no texto *‘O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado.’* Pesavento, mesmo ao considerar o micro como positivo, “como sendo um ganho e um avanço este aspecto da micro-história”, alerta que é fundamental ao historiador ter conhecimento do extramicro, pois num jogo de escalas, na relação entre micro e macro, é que “as especificidades se explicitariam e ganhariam significado por aquilo que estaria extramicro, ou extra-região e extralocal.”³⁶ Outro cuidado que o historiador deve ter ao ensaiar um ‘jogo de escalas’ refere-se às “possíveis superinterpretações, onde, a partir de um caso analisado, o historiador se permite interpretações que extrapolariam os limites autorizados pela análise do micro.” Ou, dito de outra forma, onde o historiador levaria muito longe as suas associações, ao estabelecer correspondências que extrapolam os limites das fontes e de seus indícios. Reitero, então, que o ‘zoom’ da fotografia de minha pesquisa recai sobre o município de Maracajá, uma fatia pequena do todo que será ampliada, mas que a paisagem da fotografia continua sendo o estado de Santa Catarina. Com esta delimitação pretendo evitar o risco de uma superinterpretação ao ensaiá-lo, talvez, numa perspectiva mais ampla como a dimensão interestadual ou ainda a nacional.

Cabe assinalar, ainda, que, para além do desejo de adentrar espaços museais com tipologias distintas, minhas escolhas foram recortadas e singularizadas por minha prática: cidades por onde eu transitava em função de minhas atividades

³⁶ PESAVENTO, Sandra Jathay. O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado. São Leopoldo, *História Unisinos*, v. 8, nº 10, p. 179-189, jul. dez. 2004, p. 183.

acadêmicas ou pessoais. Florianópolis foi a primeira escolha: capital do Estado, cidade pólo e berço de alguns museus. Dentre as inúmeras possibilidades que a capital me oferecia, sempre demonstrei curiosidade quanto ao Museu Histórico de Santa Catarina – MHSC, espaço este onde até o ano de 2008 eu nunca havia visitado, por estar localizado em uma cidade que eu raramente frequentava antes do Curso de Mestrado.

Criado em 04/10/1977 pela Lei nº 5.476, o Museu Histórico de Santa Catarina foi inaugurado em 1979 na casa da antiga Alfândega, hoje sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Com a transferência da sede do governo em 1984, o MHSC tem como sede definitiva, desde o ano de 1986, o Palácio Cruz e Sousa, cujo nome foi adotado em 1979 em homenagem ao poeta simbolista nascido em Desterro.

Em 1984 o prédio é tombado como patrimônio histórico do Estado e iniciam-se novas obras de restauração, as quais lhe devolvem as características arquitetônicas originais da reforma feita pelo governador Hercílio Luz em 1898. Em 1986, reaberto, passa a sediar o *Museu Histórico de Santa Catarina*.³⁷

Inegavelmente, ao adentrar o museu-palácio tudo me fascinou: da arquitetura aos objetos. Em se tratando da arquitetura interna, chamam atenção as escadarias de mármore, as claraboias de ferro no telhado, os trabalhos de marchetaria nos assoalhos, as pinturas nas paredes, os detalhes de estuque nos tetos – os quais fazem referência à antiga utilização das salas – e o vitral na Sala de Jantar, influenciado pela *art nouveau*. Quanto ao acervo, é composto por móveis e por objetos ligados à história política do Estado de Santa Catarina, principalmente ao exercício do Poder Executivo. Já para exposição do acervo permanente do museu procurou-se “recriar o ambiente do final do século XIX e início do século XX, utilizando o mobiliário remanescente na casa, e que foi sendo adquirido pelos sucessivos governos.”³⁸

Ao ser recebida no museu por Susana Bianchini, administradora do MHSC, que me apresentou um pouco da história da instituição, busquei saber sobre as ações educativas que o museu desenvolvia e, dentre suas propostas, pude conhecer

³⁷ MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA. *Histórico*. Florianópolis: MHSC. Disponível em: <www.mhsc.sc.gov.br>. Acesso em: 30 de novembro de 2009.

³⁸ *Ibid.*

um pouco sobre um projeto intitulado “Projeto Museu na Escola”, que se desdobra em algumas atividades e experiências educativas.

O *Projeto Museu na Escola* é desenvolvido no MHSC desde 2004 e foi criado para:

atender as escolas públicas e privadas do nosso Estado, visa proporcionar aos estudantes a oportunidade de vivenciar o Museu Histórico de Santa Catarina de uma forma lúdica e pedagógica. Sua meta principal é transmitir conhecimento e despertar os nossos jovens estudantes para a importância da preservação do patrimônio cultural. Patrocinado pelos CORREIOS por quatro (4) anos consecutivos, o programa inclui apresentações semanais de teatro com a peça “Momentos no Palácio”, especialmente desenvolvida para o MHSC, com texto e encenação do grupo Jabuti, além de concertos didáticos, com professores e alunos do Curso de Música da UDESC, contação de histórias e cursos de capacitação para os docentes. Dentro deste Projeto também foi desenvolvido material didático distribuído aos estudantes visitantes e, material de apoio aos professores.³⁹

Outras atividades que o museu desenvolve e que se encontram catalogadas no *Apêndice B* deste trabalho são: ‘*Música no Museu*’, ‘*Exposições Temporárias*’ e a ‘*Sexta no Jardim*’. Procurei saber, além das atividades educativas também sobre as publicações feitas pelo MHSC e que são voltadas à Educação, especialmente aquelas destinadas aos públicos escolares - que são de um modo particular também objetos de análise desta pesquisa. Dentre o que me foi apresentado, cito ‘*Um museu- palácio em Santa Catarina*’, ‘*Uma aventura no Museu*’ e ‘*Vivendo com a música*’, publicações desenvolvidas sob a coordenação de Edna de Marco.⁴⁰

Outras publicações didáticas são os *folders* como o ‘*Museu Histórico de Santa Catarina – Palácio Cruz e Sousa*’ que conta um pouco sobre a história da instituição e faz convite à visita do espaço museológico. Na oportunidade da visita, recebi exemplares das publicações e dos *folders* apresentados. No mesmo ano, acompanhei também a visita de um grupo de escolares ao MHSC para participar da Visita Guiada no interior do museu e conhecer um pouco mais sobre sua história e suas propostas.

A segunda visita realizada na capital, cujo olhar também era de iniciante, se deu no Museu Victor Meirelles, uma unidade museológica vinculada ao Instituto

³⁹ MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA. *Histórico*. Florianópolis: MHSC. Disponível em: <www.mhsc.sc.gov.br>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

⁴⁰ Cabe destacar que a Dra. Maria Teresa Santos Cunha, orientadora desta Dissertação de Mestrado foi, juntamente com Dra. Cristina Scheibe Wolff, a consultora histórica e didática de algumas dessas publicações.

Brasileiro de Museus do Ministério da Cultura e está instalado desde o ano de 1952 na casa onde o artista nasceu, no Centro de Florianópolis. Aos 56 anos de existência

o museu hoje engloba não só o espaço das coleções e da casa do artista - patrimônio histórico - mas um espaço cultural de abordagem contemporânea, com uma constante agenda cultural sem perder de vista a preservação do acervo e do edifício com princípios técnico-científicos atuais da museografia, museologia e da conservação preventiva.⁴¹

Ao ser recebida no museu, a educadora Josete de Fátima V. Sandrine apresentou-me projetos como a 'Agenda Cultural', o 'Projeto Victor Meirelles' e o 'Projeto Vi Vendo Victor Meirelles'. De acordo com Josete, o *Projeto Victor Meirelles* refere-se a uma ação conjunta tomada entre a Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, a Associação dos Amigos do Museu Victor Meirelles, o Governo do Estado de Santa Catarina e a Prefeitura Municipal de Florianópolis, com a qual se elaborou uma proposta de reestruturação e revitalização do Museu para conter os múltiplos problemas de degradação que vinham apresentando tanto o acervo quanto o edifício do Museu.

Desde a implantação do Projeto várias ações foram concretizadas, tais como: a criação do Largo Victor Meirelles; a pintura mural com uma releitura da "Primeira Missa no Brasil", na empena cega de prédio contíguo ao Museu; restauração do edifício; restauração/conservação do acervo; elaboração e instalação de novo projeto museológico (tratamento do micro-clima, controle ambiental, umidade relativa, temperatura, luz e poluentes; segurança contra roubo e incêndio; conservação preventiva) e do projeto museográfico; expansão da área do Museu com a cessão de um andar de prédio anexo para instalação da reserva técnica, sala de conservação, sala multiuso (já executados), atividades educativas culturais, pequeno auditório, biblioteca e administração; cessão de pessoal para trabalhar no Museu e execução do projeto de Ação Educativa-Cultural para atender a alunos e professores das escolas públicas e particulares.⁴²

No tocante ao '*Projeto Agenda Cultural*', é responsável por organizar uma criteriosa programação cultural, a qual tem ampliado as ações do Museu Victor Meirelles. Para tanto, realizam-se oficinas teóricas e práticas, cursos de formação, apresentações musicais, encontros com artistas, exibição de filmes, lançamentos de revistas, palestras, ciclos de história da arte e seminários com profissionais

⁴¹ MUSEU VICTOR MEIRELLES. *Museu*. Florianópolis: MVM. Disponível em: <www.museuvictormeirelles.org.br/o_museu.htm>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

⁴² *Ibid.*

qualificados no cenário nacional e internacional, estabelecendo, desta forma, “um ambiente de encontro para reflexão, construção de conhecimento, discussão e apreciação crítica sobre a arte e patrimônio cultural tendo como objetivo a capacitação e a formação do público.”⁴³ Outras atividades que a Agenda Cultural organiza são ações anuais como a Primavera dos Museus, as Semanas em homenagem ao nascimento e à morte de Victor Meirelles e a Semana de Museus.

Já o ‘*Projeto Vi Vendo Victor Meirelles*’, como orientou a educadora, é desenvolvido por meio de uma exposição itinerante com reproduções de algumas obras do acervo do Museu Victor Meirelles, em centros culturais e escolas em diversos municípios de Santa Catarina. O Projeto inclui ainda atividades educativas e culturais para a comunidade por meio do “Kit Viagem”, composto por reproduções fotográficas das obras, slides e transparências coloridas de obras do pintor Victor Meirelles. Dispõe também de um Cd Rom - Museu Victor Meirelles, dois vídeos (Projeto Vi Vendo Victor Meirelles, de Sandra Alves e Victor Meirelles: Quadros da História, de Penna Filho) e materiais didáticos de apoio ao educador.

Durante a visita foi possível perceber que o MVM hoje engloba não somente o espaço das coleções e da casa de Victor Meirelles, mas se apresenta como um espaço cultural de abordagem contemporânea, a partir das diversificadas programações da Agenda Cultural. Do mesmo modo, ao observar as fontes coletadas no MVM que se encontram sistematizadas no *Apêndice C* deste trabalho, é possível perceber que as ações educativas deste museu voltam-se para públicos distintos e numa mesma intensidade.

Trilhando caminhos que distam da esfera pública, deparo-me, já na cidade de Criciúma/SC, com dois museus universitários: o ‘Museu Universitário do Extremo Sul Catarinense – MUESC- Unidade Zoologia’ e o ‘Museu da Infância’, ambos dispostos no campus da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Ao visitar a Unidade de Zoologia, criada no ano de 2002, travei contato com um museu que possui uma configuração diferente dos demais visitados. A Unidade de Zoologia dispõe o seu acervo de animais taxidermizados⁴⁴ em vários setores da

⁴³ MUSEU VICTOR MEIRELLES. *Agenda*. Florianópolis: MVM. Disponível em: <www.museuvictormeirelles.org.br/agenda/projeto.htm>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

⁴⁴ O processo de taxidermização consiste na retirada da carne, deixando a pele em tanque de formol por alguns dias. Posteriormente o animal é recomposto a partir do enchimento com plástico-bolha e serragem de plástico. Esta nova técnica veio substituir o enchimento com serragem de madeira,

Universidade. Nessa configuração, o bloco da Biblioteca é responsável por abrigar o acervo de Animais da Mata Atlântica que apresenta dentre as espécies: macacos, tamanduás, jacarés, papagaios, serpentes e outros. Já no bloco Administrativo da Universidade está o acervo Ecossistema Marinho, o qual apresenta sua coleção formada por baleias, golfinhos, tartarugas, e também algumas aves marinhas taxidermizadas ou em material osteológico (esqueletos).

Dentre os programas educativos que a Unidade de Zoologia desenvolve e que me foram apresentados, está o programa “*Bicho que Educa*” que é dedicado à comunidade escolar. O programa engloba a visita monitorada, sendo que, no decorrer da visita, são apresentados aos estudantes sons característicos de Mata Atlântica e do ambiente marinho. Durante o percurso “o monitor apresenta a história natural de cada espécie e informa sobre o papel da fauna nos ecossistemas e a necessidade da preservação, destacando a importância do respeito à vida, em suas múltiplas formas.”⁴⁵ Na visita, ainda, os alunos participam de palestras ministradas por representantes da Polícia Ambiental e pela equipe da Unidade de Zoologia da UNESCO. Na mesma oportunidade são realizadas atividades com materiais didáticos, de acordo com a faixa etária do público.

Entre as atividades do Museu, apresentadas pela bióloga Kelly Cristina Minoto Bom, estão o Programa de Educação Ambiental, com palestras específicas sobre a educação ambiental e o tráfico de animais; o Projeto ‘*Conheça e Preserve a vida. Unidade de Zoologia UNESCO*’ realizado por meio da divulgação e veiculação de informações em jornais locais; programas de monitorias; exposições dos acervos da Unidade em diversos espaços da cidade de Criciúma; produção de material didático-pedagógico pensada para os diversos públicos; *folders* e catálogos de divulgação do acervo da Unidade de Zoologia, entre outros.

De acordo com as observações da bióloga Kelly Cristina, este museu, além do cumprimento de suas funções museológicas e de desenvolver os programas que propõe, ainda é um espaço utilizado para dar suporte a programas educativos de outras instituições como APAE, Secretaria do Meio Ambiente, Polícia Ambiental, centros comerciais, entre outros. Cabe destacar que esta Unidade atende escolas

evitando-se os ataques de cupim. (Esclarecimentos dados pela bióloga do Museu no momento da visita).

⁴⁵ UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE. Museu. Criciúma: UNESCO. Disponível em: <http://www.unesc.net/propex/index.php?ver=listbox&cd_listbox=16&cd_tipo_listbox=2>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

de 34 municípios das regiões da AMESC, AMREC e AMUREL. Além disso, a Unidade de Zoologia também se dedica à identificação gratuita de materiais biológicos (animais) trazidos por ONG's, órgãos ligados à saúde, entidades e pela comunidade em geral.

Na mesma oportunidade visitei o Museu da Infância, também situado na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. O Museu da Infância é “um espaço de preservação, produção e circulação da produção científica e artístico-cultural *para, sobre e da* infância.”⁴⁶ É um espaço museológico que se dispõe a contribuir para a “ampliação de repertório artístico-cultural de crianças e adultos, na reformulação dos processos de formação de professores, nos projetos de ação pedagógica das escolas e demais instâncias culturais”, fornecendo subsídios para pesquisadores da infância, e também para políticas públicas de educação e de acesso à cultura.⁴⁷

O Museu da Infância, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (PPGE/UNESC) e fundado no ano 2006, vem buscando efetivar ações que estreitem e problematizem as relações da tríade museu-escola-universidade. Com tal intuito, oferece ciclos de palestras de formação para escolares; ciclos de debates abertos à comunidade universitária e extrauniversitária; cursos de formação de professores; exposições; oficinas de contação de histórias; oficinas de pintura para crianças; oficinas de escultura e modelagem; oficinas com jogos eletrônicos; oficinas com confecção de brinquedos; ciclos de filmes sobre a infância, entre outras atividades.

Conforme Rodrigo Ribeiro, bolsista do projeto ‘Museu Virtual da Infância’, o Museu da Infância desenvolve atividades voltadas ao atendimento de públicos escolares, pesquisadores, universitários, professores e comunidade em geral. No tocante ao acervo do museu, é composto de coleções, como as de pinturas, desenhos, partituras, esculturas, trabalhos escolares, entre outras expressões. O Museu da Infância conta também com produção artístico-cultural, como jogos, músicas, brinquedos, cinema e literatura, todos destinados ao público infantil.

Por fim, a última visita do ciclo se deu no museu que é foco de minha pesquisa, o *Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’ – Museu Municipal do*

⁴⁶ MUSEU DA INFÂNCIA. Museu da Infância. Criciúma: UNESC. Disponível em: <<http://www.museudainfancia.unesc.net/?menu=principal>>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

⁴⁷ *Ibid.*

Trabalho, localizado em Maracajá, município do extremo sul catarinense. O Centro Histórico Cultural de Maracajá, que iniciou suas atividades no ano de 2004, é um espaço que “visa facilitar a construção do conhecimento da história da cidade por meio de memórias compartilhadas, do patrimônio coletivo e das relações entre cada cidadão e sua comunidade.”⁴⁸ Com a temática ‘trabalho’ reúne um acervo que conta a história do trabalho na região desde os grupos indígenas que habitavam suas terras até a colonização.

Entre as ações educativas que a instituição promove e que me foram apresentadas pela educadora Odécia Almeida de Souza, está a ‘Aula no Museu’, a qual é uma atividade dirigida às escolas de Ensino Fundamental e Médio e tem o objetivo de colocar os alunos em contato com os elementos materiais (artefatos) que compõem o acervo do museu e fazem parte da cultura maracajaense, os quais foram coletados e salvaguardados pelas comunidades ao longo da história. Outra atividade que o museu desenvolve é a ‘Oficina de Arqueologia’, voltada também aos públicos escolares e que visa à compreensão das diferentes etapas da pesquisa arqueológica. Conforme a educadora, as etapas desta atividade vão desde as simulações de escavações até a confecção de objetos de cerâmica que fazem referência às culturas indígenas.

Exposições itinerantes; cursos para professores; palestras para públicos diversos; organização de materiais didáticos - como é o caso da cartilha ‘Uma aventura pela História de Maracajá’ - para públicos escolares; publicação de pesquisas acadêmicas como a obra ‘*MARACAJÁ: Pré-história e arqueologia*’ e de *folders* didáticos são algumas das atividades que convidam à visita e apresentam o patrimônio cultural do município.

Feitas as visitas e catalogadas e sistematizadas as informações coletadas nos museus visitados, obtive um banco de dados importante de ações educativas e de atividades que contribuíram para ampliação de meu olhar acerca de algumas atividades educativas dos museus, auxiliando-me, por conseguinte, na análise e na qualificação das atividades desenvolvidas no museu de Maracajá e seus desdobramentos.

⁴⁸ CENTRO HISTÓRICO CULTURAL DE MARACAJÁ. *Documento de Apresentação*. [200_].

Na mesma investida, ao realizar o ‘Estado da Arte’⁴⁹ mapeei também alguns trabalhos de pesquisa que foram dedicados a compreensão dos museus que visitei nas cidades de Criciúma e de Florianópolis: Teses, Dissertações de Mestrado, Monografias de Especialização e de Graduação, Projetos de Pesquisa, Seminários, entre outros trabalhos, em diversas Universidades da Capital e do Extremo Sul Catarinense. Contudo, em relação a Maracajá, não encontrei trabalhos de pesquisa que se dedicassem a investigar de forma mais profunda o *Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’ – Museu Municipal do Trabalho* e suas respectivas propostas de ações educativas. Tudo que encontrei foram alguns materiais como jornais, livros de história local que fazem menção ao Centro Histórico, *folders* e algumas pesquisas acadêmicas⁵⁰, os quais trazem discussões mais particularizadas sobre a dimensão patrimonial e/ou a cultura maracajaense, mas que citam, de alguma forma, o museu e/ou a educação patrimonial, ainda que de maneira sucinta.

Foi, então, que percebi que o ‘Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’ – Museu Municipal do Trabalho’ e suas ações educativas ainda estava ausente de pesquisas acadêmicas desenvolvidas por profissionais das diversas ciências e pelos especialistas do campo museológico. Fato este que me incentivou ainda mais a pesquisá-lo.

Em se tratando da pesquisa, os contornos teórico-metodológicos (tema, recorte, fontes, arcabouço teórico) estão vinculados à História do Tempo Presente. Quanto às fontes, foram utilizados os materiais (em seus diferentes suportes) provenientes das ações educativas do Centro Histórico Cultural, como *folders*; cartilhas educativas; *banners* educativos; relatórios de atividades que permitiram entender a aplicabilidade de uma proposta de educação patrimonial no município. Livros de registros das atividades do museu também foram importantes: como o livro de visitas, o livro de registro de doações e o de catalogação de acervos, que contribuíram para a constatação de participação dos munícipes na organização do espaço museológico e, posteriormente, nas atividades. Atas; Leis e Decretos foram documentos que permitiram vislumbrar como o poder municipal de Maracajá vem

⁴⁹ Mapeamento e catalogação de fontes que fazem referência ao tema e ao objeto de pesquisa escolhido. Ver: Apêndice A.

⁵⁰ Trabalhos monográficos: MORAES (2004), SOUZA; FREITAS (2004); SOUZA (2005). Artigos científicos: MORAES (2004; 2005).

conduzindo, no cumprimento de suas funções, as políticas patrimoniais e de preservação no município.

Publicações em jornais regionais como ‘Jornal Sem Censura’ de Criciúma/SC, ‘Jornal Correio do Sul’ de Sombrio/SC, e ‘Jornal O Destaque’ trouxeram indícios de como o marketing cultural dialoga intimamente com as dimensões econômicas, políticas e sociais do município de Maracajá. As publicações de pesquisadores locais mostraram diferentes percepções de cidade, a partir de narrativas singulares, e apontaram caminhos que conduziram a investigar outros conjuntos de acervos documentais, como as fotografias e o banco de dados de depoimentos orais.

Com base em leituras dos textos de Alessandro Portelli⁵¹, as fontes orais - como é o caso dos depoimentos que compõem o acervo do Museu do Trabalho - são documentos que revelam, de alguma forma, como o cidadão se percebe e como compreende o seu entorno a partir de suas experiências passadas e presentes. Nessa associação, as fontes orais auxiliaram na compreensão do espaço musealizado a partir das pessoas que viveram o momento, que possivelmente acompanharam, mesmo como espectadoras, o momento da organização do museu, que é efeito da onda preservacionista patrimonial/ambiental que vive o município neste limiar do século XXI.

Importante esclarecer que não se pretendeu, nesta pesquisa, utilizar as fontes orais com o intuito de obter informações sobre o passado da cidade, tampouco do museu, mas sim perceber como as subjetividades - aqui entendidas como suas formas de compreender a si e ao mundo que os cerca - dos cidadãos maracajaenses foram postas nessas narrativas. Da mesma forma que as fontes impressas, sugeridas pelo historiador francês Roger Chartier como “técnicas para a compreensão do mundo”, pretendeu-se com as fontes orais e visuais perceber as representações de uma cidade e quais possibilidades de leitura se abrem frente a essas ferramentas na busca por indícios do passado a partir do presente.

Após construir o objeto de estudo nessa nota introdutória que apontou os caminhos teórico-metodológicos a seguir, oriento o trabalho em três momentos distintos. O primeiro momento é dedicado à fase denominada *Sensibilidade*, onde Maracajá mostra-se sensível às causas patrimoniais. Início o primeiro capítulo, intitulado “*Maracajá: em foco*”, procurando dar visibilidade à organização do cenário

⁵¹ PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética da História Oral.” *Projeto História*. São Paulo: nº 15, abr. 1997.

que foi berço para a criação de um museu neste município. Para tanto, localizo a cidade de Maracajá, vislumbro as políticas municipais, perpasso pela criação do Parque Ecológico (articulador na Educação Patrimonial do município) e pelo seu entorno e aponto os direcionamentos que levaram à criação do museu.

Neste capítulo, escavo a intimidade do museu de Maracajá. Apresento sua trajetória, partindo das motivações que levaram à constituição de um acervo inicial pela comunidade até a constituição do museu. Perpasso por suas lutas, suas dificuldades e as motivações e incentivos que o levam a permanecer como instituição municipal nesses seis anos de existência. Para a confecção deste capítulo utilizo como fontes os jornais, atas, decretos, depoimentos e diálogo pesquisadores da literatura regional, como os/as historiadores/as Lúcio Vânio Moares, Odécia de Almeida Souza, Agilmar Machado, procurando sistematizar os pontos e contrapontos que levaram o município de Maracajá à organização do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli'. Por outro lado, autores como Michel Mafessoli, Jean-Pierre Rioux e Start Hall auxiliam nas discussões mais amplas deste primeiro momento da dissertação, situando as experiências do município de Maracajá em um contexto global.

No segundo capítulo, intitulado como '*O Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli' e o Museu do Trabalho: Em maracajá, o que se pode e o que se quer*', e designado como *Possibilidades*, discuto sobre os museus e seu papel social no presente. Procuro vislumbrar a renovação do campo museológico, a partir da vertente Nova Museologia, e seus esforços para que os espaços museais afastem-se das denominações de 'espaços de coisas velhas' e passem a espaços de socialização, de interlocução e agentes de transformação. Para tanto, busco em Mário Chagas, Gabriela Aidar, Judite Primo argumentos para ensaiar e compreender a vertente do campo museológico, chamada *Nova Museologia*. Essa renovação, arraigada no Tempo Presente, é também atravessada pelas propostas da História Cultural, que neste estudo são orientadas por autoras como Sandra Pesavento, Elizabete Tamanini e Zita Possamai. Já a leva de pesquisadores da corrente teórica da História do Tempo Presente, mencionados na introdução deste trabalho, auxilia para a compreensão de como as representações da cidade de Maracajá são 'dadas

a ler⁵², a partir de um legado cultural, ressignificado, que se guardou e se pretende cuidar.

Na mesma oportunidade discuto a relação de proximidade entre o museu e a comunidade neste município, a preocupação que seus moradores apresentam em legar um passado dito “comum” para as futuras gerações e as memórias de um espaço que foi escolhido para acolher seus legados. Para a confecção deste capítulo, dialogo com museólogos/as Maria Célia T. Moura Santos; Martha Marandino, Guaracira Gouvêa, Maria Cristina Leal e Luciana Sepúlveda que auxiliam na compreensão das múltiplas possibilidades de interfaces entre o binômio museu e escola. Jaime Trilla, Elie Ghanem, Valéria Aroeira Garcia, Renata Sieiro Fernandes, Almerindo Janela Afonso contribuíram nos esforços de compreender o contexto da educação não-formal, bem como seus desafios e possibilidades no tempo presente.

Em *‘Uma experiência em foco: contornos da educação patrimonial em Maracajá’*, terceiro e último momento deste trabalho, o qual denomino como *Desdobramentos*, procuro vislumbrar como o município de Maracajá, apoiando-se na abordagem de educação patrimonial, tem proporcionado diálogos entre o que considera patrimônio histórico-cultural e a comunidade. Essa mesma investida dedico às experiências de educação patrimonial que foram desenvolvidas pelo Museu do Trabalho em parceria com as escolas municipais, entre os anos de 2007 e 2009, e com a comunidade. Observo, neste capítulo, ainda, como o museu se esforça, para além do cumprimento de suas funções, em sensibilizar os munícipes para o patrimônio e ainda aproximar as diversas dimensões do universo educativo deste município.

Para a construção deste capítulo, apoio-me em Paulo Freire para as discussões sobre educação. Autores como Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg, Adriane Queirós Monteiro, Deisi Scunderlick Eloy de Farias, Elizabete Tamanini e Magaly Cabral foram fundamentais para as discussões sobre a educação patrimonial. Por fim, com as leituras de Sandra Pesavento e Clifford Geertz encontrei maneiras para pensar e analisar algumas das ações educativas do museu de Maracajá em relação ao ‘contexto macro’ de ações educativas dos museus catarinenses.

⁵² CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

PRIMEIRO CAPÍTULO

SENSIBILIDADES

1 MARACAJÁ EM CENA

1.1 CONTORNOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL MARACAJAENSE

Ao iniciar o estudo em Maracajá e tomar contato com as primeiras fontes de pesquisas dos arquivos do Centro Histórico Cultural, observei que a década de 1990 apresentou mudanças na forma como os maracajaenses lidaram com as noções de patrimônio e de desenvolvimento. Jornais, fotografias e entrevistas, davam indícios de como, no ano de 1990, as sensibilidades estiveram mais afloradas às causas ambientais e patrimoniais no município e como também certa mobilização acerca da valorização dos *modos de ser e fazer* da comunidade, das experiências e dos legados familiares através das memórias dos moradores, havia sido iniciada.

Por outro lado, nesses mesmos arquivos, encontrei fontes datadas de períodos anteriores ao ano de 1990 que apontavam como o município de Maracajá, desde a sua emancipação política, em 1967, procurou acompanhar os processos de desenvolvimento e modernização, a que seguiu a região sul de Santa Catarina e o Brasil. Contudo, no limiar da década de 1990, os processos neste município parecem ter tomado uma direção contrária: sensibilizou-se pelo desejo de memória e investiu em práticas ambientais e patrimoniais.

Nesse sentido, tanto em contextos globais como nos locais, como é o caso de Maracajá, veem-se cidades, bairros e vilas, sistematizando ações e adotando medidas para a preservação e valorização dos bens culturais que julgam possuir. Entendam-se aqui como bens culturais “[...] o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade.”⁵³ De um modo geral, pode-se dizer também que esse conjunto de bens, considerados heranças, permitem aos sujeitos situarem-se aos grupos sociais e culturais a que pertencem.

⁵³ DMITRUK, Hilda Beatriz. *Material para a Série Interdisciplinar do Centro de C. Humanas e Sociais*. In: I CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Tubarão. Anais, Tubarão – SC, 2001, p. 14.

Nesse ínterim, como forma de resistência às rápidas mudanças do presente, muitos indivíduos acabam por mapear, reunir e sistematizar acervos (conjunto de artefatos e de registros escritos, visuais e sonoros, etc.) significativos para a comunidade ou para grupo com o qual se identificam a fim de cristalizar memórias e histórias que possam servir de subsídios às demais gerações. Neste cenário de mudanças, vão se desenvolvendo, então, nas comunidades de Maracajá, sentimentos de resistências às mudanças apresentadas pelo presente e um considerável desejo de proteger o passado e seus vestígios.

Em linhas gerais, independentemente dos interesses, expectativas e motivações que possam levar à organização de acervos, não há como negar o quanto pode ser significativa a sua existência, seja como suportes de memórias, seja como indícios⁵⁴, rastros e marcas de traços culturais deixadas por grupos, mas que de algum modo podem fazer revelações importantes sobre as especificidades de uma dada comunidade.

Cabe sinalizar ainda que esta preocupação de cristalizar as experiências do passado e do presente para as próximas gerações, como acontece em Maracajá - por meio da criação de espaços de memórias (como e o caso do museu), da constituição de acervos documentais, orais e imagéticos da comunidade em geral e da disseminação de práticas patrimoniais e preservacionistas -, dá-se principalmente em virtude da dinâmica acelerada de vida à qual são submetidos os sujeitos. Atualmente, o ritmo rápido do trabalho urbano e o desenvolvimento tecnológico colocam-nos frente a uma crescente quantidade de recursos de consumo e informações. Povos, usos e costumes, *modos de ser e de fazer* diferentes já são parte de nosso cotidiano e do cenário globalizante. Somados a isso estão também os efeitos da “mundialização” que, na compreensão de Pierre Nora, parecem ter tornado o mundo um só e onde a mídia assume um poder jamais imaginado.

Nesse sentido, a globalização, com a imediata divulgação de eventos e de múltiplos *modos de ser, de fazer e de viver* tem aproximado cada vez mais as várias partes do mundo e, conseqüentemente, as tem tornado mais parecidas. Por outro

⁵⁴ O método indiciário a que propõe Carlo Ginzburg (2002), consiste em uma investigação qualitativa e interpretativa a qual abdica da preocupação exclusiva com a repetibilidade e sistematicidade de dados e de resultados. No paradigma indiciário a análise dos episódios considerados como *indícios* permitem ao historiador compreender os fenômenos mais gerais. A partir dessa perspectiva teórico-metodológica, sem abdicar da regularidade, dá-se abertura às ocorrências locais, aos pequenos fatos que para o autor são a chave para a compreensão do relacionamento local/global. (GINZBURG, C. *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002).

lado, o “efeito de contestar e deslocar identidades centradas e ‘fechadas’”⁵⁵ que a globalização nos apresentou merece também ser reconhecido.

Num esforço de análise sobre o cenário globalizante, Stuart Hall, ao parafrasear Anthony Giddens, observa que “à medida em que as áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra e a natureza das instituições.”⁵⁶ Assim, diante do mundo globalizado, onde existem tendências à generalização e massificação da cultura, é que os diversos grupos sociais vêm buscando reconstruir sua história a partir elementos (materiais e imateriais) que consideram significativos para o autoconhecimento, mas também para o reconhecimento social.

Face ao exposto, pode-se dizer que Maracajá vem operando nessa lógica, mais precisamente a partir do ano de 2001, quando se começou a promover e incentivar ações e projetos, que vislumbravam o fortalecimento da memória histórica e da ‘identidade cultural’, sobretudo aqueles em conjunto com a comunidade. A constituição do museu foi um desdobramento desta lógica.

Por outro lado, essa busca por uma ‘identidade cultural’, como é dada a ver em Maracajá, transparece, em longa medida, um desejo de colher elementos que permitam a composição de um modelo identitário e, portanto, fixo, a ser tomado pela coletividade. Contudo, no presente, essa busca tem recebido olhares mais atentos por meio de perspectivas historiográficas, como a História do Tempo Presente e os Estudos Culturais, cuja preferência tem sido dar relevo ao uso do termo identificações, em substituição ao de identidades.

Deste modo, com base nas discussões de autores como Stuart Hall e Michel Maffesoli, observa-se “um deslize progressivo da identidade em direção à identificação.”⁵⁷ Nessa concepção haveria um deslizamento do termo identidade - que é mais ligado ao indivíduo - para o de identificações, que faz referência mais ao coletivo. Esta ideia está também ligada ao que David Harvey, lembrado por Stuart Hall, tem denominado como “deslocamento”. De acordo com o autor, “uma estrutura

⁵⁵ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 87.

⁵⁶ GIDDENS *apud* HALL, *Ibid.*, p.15.

⁵⁷ MAFFESOLI, Michel. Da identidade à identificação. In: MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 299-350, p. 302.

deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por ‘uma pluralidade de centros de poder’.”⁵⁸

De fato, muitas comunidades têm operado nesta perspectiva; porém, em uma direção contrária: empenham-se em reunir e sistematizar essa pluralidade de centros de poder em um só. É neste contexto, então, que surgem muitos espaços de memória como os museus, as casas de culturas, os arquivos, os monumentos, etc. Todavia, Stuart Hall alerta que não se pode perder de vista algumas premissas, entre elas a que foi apontada por Ernest Laclau: as sociedades “da modernidade tardia [...] são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos.”⁵⁹ Deste modo, é possível pensar que se essas sociedades “não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados.”

Assim, é preciso se ter clareza de que embora haja ações e projetos que são desenvolvidos e imaginados por um grupo ou por uma comunidade específica, dentro de um contexto maior, para dar suporte à construção de um modelo identitário estático, é preciso considerar que se este modelo ainda perdura é também pelo desejo das identificações que, de uma maneira ou de outra, articulam-se e coexistem ao modelo proposto. Em Maracajá, essa lógica não opera de forma diferente.

Acompanhando movimentos internacionais no mundo ocidental, muitas comunidades vêm apresentando um forte interesse pela cultura local e regional, o que se justifica principalmente devido às significativas mudanças no cenário sociocultural, sentidas nas últimas décadas do século XX, que afetaram diretamente as identificações. Por outro lado, esse interesse também pode ser examinado como um sintoma; como uma reação defensiva por parte dos diversos grupos ou comunidades ao se sentirem ameaçados pela presença de outras culturas ou ainda por verem dissolvidas as fronteiras que antes pareciam protegê-los. Nesse cenário, desenhar uma ‘identidade cultural’ foi a alternativa que muitas comunidades

⁵⁸ HARVEY *apud* HALL, *Op. cit.*, p. 16.

⁵⁹ LACLAU *apud* HALL, *Op. cit.*, p. 17.

adotaram para fortalecer-se na luta contra o esquecimento⁶⁰. Há reverberações dessa perspectiva em várias frentes e, ao analisar o contexto regional, onde Maracajá está inserido, Rocha nota que

vivemos hoje um momento de identificação e reaproximação com a identidade cultural em diversos âmbitos, ainda que paradoxalmente a massificação cultural se apresente como um risco permanente a desafiar a resistente cultura que sobrevive de geração em geração. Mas de fato, atualmente as cidades e as instituições, as empresas e as comunidades têm demonstrado cada vez mais, uma forte necessidade de estudar seu passado e compreender o seu presente. Vem dos olhares cada vez mais sensíveis esta busca. Ela chega pelas mãos dos elementos humanos às voltas com as convivências e as existências onde habitam e trabalham.⁶¹

Trilhando por caminhos semelhantes aos vislumbrados por Alexandre Rocha, o município de Maracajá (Figura 02), juntamente com seus munícipes, vem apresentando motivações e tomando iniciativas que permitam um autoconhecimento e levem a identificação dos patrimônios (embora inicialmente mais atrelados à dimensão ambiental) que julgam possuir e que pretendem preservar e legar para as próximas gerações. Nessa busca, a década de 1990 parece ter sido bastante expressiva.

⁶⁰ Jean-Pierre Rioux assinala que a mídia contribui para o esquecimento: “[...] Com todos os efeitos e da rapidez adquirida pela ação generalizada da mídia, por uma espécie de vontade comovente de lutar contra uma massificação das efemérides que mantêm uma temerária amnésia nas nossas sociedades”. RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? 39-50. In: CHAVEAU, A. e TÉTART, P., *Op. cit.*, p. 45.

⁶¹ ROCHA, Alexandre. *Projeto: Centro de História e Memória de Araranguá*. Araranguá: Prefeitura Municipal de Araranguá, 2006, p. 9.



Figura 02: Mapa dos municípios que compõe a região do extremo sul catarinense.

Fonte: Acervo do Website da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional. Disponível em: <http://www.sc.gov.br/sdr/ararangua/mapa_ararangua.gif>. Acesso em: 07 de agosto de 2009.

Maracajá é um município que traz em sua história traços da diversidade humana, onde os diversos grupos étnicos (elementos brancos, negros e índios), ocuparam tais terras (em tempos distintos e com formas de organização também distintas) e foram vagarosamente construindo sua história. Contudo, desde a segunda década do século XX, com a instalação da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina nessas terras (1920), vem-se atribuindo à Ferrovia o ‘marco’ de abertura do processo de instalação dos primeiros núcleos humanos e a estruturação (comercial, econômica, etc.) que, posteriormente, a qualificou como cidade.

É certo que “o imaginário social criado a partir da construção do ramal ferroviário oportunizou o deslocamento de pessoas de outras cidades para essa região, a comercialização de produtos na estação e em seu entorno”⁶², como também permitiu a circulação de pessoas e produtos por intermédio da ferrovia. Todavia, o que desperta a atenção é a demasiada ênfase dada ao ramal ferroviário. Na obra intitulada ‘Maracajá’ e publicada no ano de 2000, Agilmar Machado qualifica a população, antes da chegada da ferrovia, como um “incipiente povoado”; povoado com “presença esparsa de agricultores, geralmente ligados ao centro tradicional da sede municipal, Araranguá.”⁶³ De alguma maneira, mesmo que a população não

⁶² MORAES, Lúcio Vânio ; SOUZA, Odécia de Almeida de. *Maracajá: Outras Memórias, Novas Histórias*. Florianópolis: Samec, 2009, p. 43.

⁶³ MACHADO, Agilmar. *Maracajá*. Criciúma: Gráfica e Editora Tabajara, 2000, p. 9.

estivesse tão concentrada como no momento da construção da ferrovia, é preciso tomar cuidado ao destituí-la de reconhecimento como o fez o autor e, na sequência, a historiografia oficial. Ao que pude perceber, a forma enfática como foi tratado o período da instalação do ramal ferroviário parece ter obscurecido todo um percurso pretérito da história de Maracajá, que se deu antes da chegada da ferrovia.

Deste modo, ao cravar como ‘marco’ o início das atividades da ferrovia, negou-se visibilidade a um longo percurso da história que já havia sido construído, muito antes da chegada do ramal ferroviário e antes mesmo da instalação dos ‘grupos agrícolas mais distanciados’, como sugere Agilmar Machado. Entretanto, a invisibilidade se deu de forma mais acentuada para os grupos indígenas (Xokleng e Guarani), aos quais praticamente se renegou um lugar na história. Cabe sublinhar também que, embora houvesse tímida referência aos grupos indígenas na história de Maracajá, apresentadas em livros como os dos padres João Leonir Dall’Alba “*História do Grande Araranguá*” e Paulo Hobold “*A História de Araranguá: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930*”, foi somente no ano de 2004, com as pesquisas de uma ‘nova’ leva de historiadores locais de Maracajá – mais atentos às problemáticas do presente - que a comunidade foi oportunizada a tomar contato com discussões que atestam também aos grupos indígenas participação no processo de desenvolvimento do município.

Por outro lado, somados a um trajeto histórico marcado por conflitos e tensões entre grupos humanos, a Maracajá também foram reservadas ‘outras marcas’, que foram potencializadas pela própria ação da natureza e pelas quais até hoje o município recebe certo reconhecimento dentro do cenário regional - embora pareça ter dedicado a ela pouca atenção até os anos de 1990.

Situado no extremo sul catarinense e apresentando uma população estimada de 6.185 habitantes para o ano de 2009⁶⁴, o município de Maracajá pode ser considerado um município privilegiado por localizar-se no corredor do MERCOSUL. Ao mesmo tempo, Maracajá dispõe de um considerável remanescente de Mata Atlântica que hoje compreende uma área de 107,8 hectares, o que o torna um atrativo turístico na região. Essas características permitiram a Maracajá adentrar as discussões sobre o turismo regional e ainda compor a ‘*Rota dos Canyons*’, também conhecida como o ‘*Caminho dos Canyons*’, que é formada pela organização de

⁶⁴ Cf. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2010.

quinze municípios que se integram - por meio de roteiros com mais dois municípios do norte gaúcho - e desenvolvem seus projetos voltados à preservação da autenticidade local e regional por meio do desenvolvimento sustentável do turismo.⁶⁵

Cumprе sinalizar também que, mesmo dispondo desse considerável remanescente que, de certa maneira, lhe proporcionava certo destaque no cenário regional, foi somente no ano de 1990 que o poder municipal de Maracajá adquiriu a extensão de terras que compreendia a Mata – quase que “reduzida a 10% do que já foi um dia”⁶⁶ - e a qualificou, por meio da Lei nº 224, de 08 de maio de 1990, como espaço de utilidade pública.

No intuito de compreender o contexto de criação desta Lei, volto-me ao arquivo de jornais do Centro Histórico Cultural e encontro, dentre os diversos jornais do período, um exemplar do *Jornal Nosso Tempo*, datado de 08 de junho de 1990, que traz entre as manchetes gerais de preservação ambiental, um depoimento do então prefeito municipal de Maracajá, Antenor Rocha, no qual o gestor assinala algumas das motivações que o levaram a baixar o Decreto-Lei:

‘Se todos nós humanos temos o direito à vida, podemos exigir para vive-la mais confortável, que o ambiente seja um instrumento para prolongá-la’. Com esta frase o prefeito de Maracajá, Antenor Rocha, justifica o Decreto Lei por ele baixado, considerando de utilidade pública, para efeito de desapropriação, gleba de terra destinada à constituição de preservação ambiental. [...] ‘O administrador público que não pensar nesse mister, estará sujeito a penalidades pelas gerações futuras devido a falta de visão’, diz Rocha, argumentando que o pouco do verde que resta deverá ser preservado a qualquer custo.⁶⁷

⁶⁵ No caminho dos Canyons a etnia predominante é a açoriana, mas apresenta também “vários núcleos de descendentes de italianos e a sua identidade é constatada na gastronomia, nas manifestações folclóricas, no artesanato e nos hábitos e costumes. Essas características, aliadas ao variado mosaico de aspectos naturais, enriquecido por dois Parques Nacionais de preservação, formam um conjunto harmônico com o litoral e o complexo lagunar do extremo sul do Estado, tornando a Serra e o Mar um inesquecível caminho que leva aos Canyons, profundas crateras, que atingem até 1.000 m de profundidade, escavadas há milhões de anos pelas forças da natureza. Esta região integra a Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC - e está delimitada a oeste por dois Parques Nacionais, o *Parque dos Aparados da Serra* e o *Parque da Serra Geral*, e a leste, pelo Oceano Atlântico.” ROTA DOS CANYONS. *A região*. Disponível em: <<http://www.rotadoscanyons.com.br/?acao=aRegiao>>. Acesso em: 05 de agosto de 2009.

⁶⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE MARACAJA. *Exemplo de Preservação Ambiental e Cultural*. Folder. Maracajá.

⁶⁷ MEIO AMBIENTE É PREOCUPAÇÃO. *Jornal Nosso Tempo*, Araranguá, 08 de junho. 1990. p. [3-10].

A partir do depoimento é possível perceber que entre as motivações a partir das quais se tomou esta medida, para além do compromisso com as futuras gerações, estavam imbricadas as de desenvolver/executar as atribuições e as responsabilidades de gestor municipal o qual, ainda que não tenham sido colocadas de forma direta, podem ser percebidas no desdobrar das falas no depoimento. Ainda no arquivo, dentre as várias reportagens e matérias veiculadas sobre a preservação ambiental em Maracajá no ano de 1990, encontro uma matéria, assinada pelo empresário Joelcio Silveira, ao *Jornal Nosso Tempo*, onde se sublinha que o lema da Gestão Municipal (1989-1992) vigente era 'Natureza, Gente e Trabalho'. Ao apreciar o lema de campanha e à medida que se pretendia tomar com a baixa do Decreto, é possível imaginar que, em última instância, o prefeito estava buscando cumprir também com algumas de suas promissões de candidatura.

Entretanto, no avançar da entrevista, o empresário Joelcio Silveira assegura que a Gestão Municipal do prefeito Antenor Rocha não estava de acordo com suas propostas de governo e tampouco as atendeu. Destaca ainda, que não entende

[...] o porquê do prefeito ter utilizado em sua campanha eleitoral que trabalharia para preservar o meio ambiente e está deixando que derrubem os morros existentes na localidade, especialmente este que dá acesso à cidade. 'Quando eles falam em ecologia, o que fazem é agredir o meio ambiente.'⁶⁸

Embora o Sr. Joelcio Silveira tenha feito apontamentos sobre uma possível omissão do prefeito frente à derrubada de morros para gerar acessos à cidade, a matéria parece revelar mais uma disputa de interesses particulares do que propriamente um desmerecimento das atividades e propostas da Gestão, haja vista que dentre os concorrentes para a eleição de 1988 - na qual o Sr. Antenor Rocha fora eleito - estava também o empresário Joelcio Silveira. É importante assinalar também que dentre todas as matérias de jornais, que cuidadosamente manuseei e analisei, esta foi a única que apontou para aspectos distintos relativos à educação ambiental naquele momento.

Cumprе assinalar, ainda, que os exemplares dos jornais que mapeei e que, posteriormente, examinei são advindos de cidades diversas e produzidos por imprensas distintas. No entanto, faz-se necessário um olhar atento para esta fonte,

⁶⁸ NATUREZA, GENTE E TRABALHO. *Jornal Nosso Tempo*, Araranguá, 15 de junho. 1990. p. 5.

ao levar em consideração que nem a imprensa nem suas publicações são neutras, imparciais e desinteressadas. Nesse ínterim, é preciso escavar os aspectos subjetivos das escritas e ainda perceber a imprensa “como [um] instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”⁶⁹. De acordo com Maria Helena Capelato e Maria Ligia Coelho Prado, aos pesquisadores recomenda-se afastarem-se de perspectivas que concebiam os jornais como um “mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos”⁷⁰, pois em nenhum nível ele é isolado da realidade político-social na qual se insere.

Por sua vez, os veículos de comunicação tanto podem expressar-se de maneira favorável a quem está no poder como podem contestá-lo e, nessas escolhas, encontram-se imbricados os interesses do grupo o qual representam e os que almejam alcançar. De fato, o que pude visualizar nas reportagens consultadas é que a imprensa se mostrava bastante favorável à gestão municipal de Maracajá – o que merece ser também melhor investigado. Entretanto, reitero que as subjetividades postas na matéria em questão - ‘Natureza, Gente e Trabalho’ do *Jornal Nosso Tempo* - e os indícios que ela traz merecem ser mais bem tateados e certamente renderiam outros desdobramentos; todavia, neste momento, eles ultrapassam os contornos do estudo.

Ainda na busca por vestígios que pudessem elucidar a questão ambiental em Maracajá, dentre as notas, matérias e reportagens veiculadas no ano de 1991, encontro no *Jornal O Estado Sul*, uma matéria intitulada ‘A criação de um Parque Ecológico’, datada de 22 de fevereiro, que nos permite fazer deduções sobre como o poder municipal vinha adotando medidas na busca pela preservação ambiental.

A Prefeitura de Maracajá continua indenizando os proprietários de uma gleba de terras que foi desapropriada para fins de preservação ambiental. A área de 104 hectares está localizada às margens da BR 101 e se trata da última mata nativa do Sul do Estado que margeia a referida rodovia. Lá são encontradas árvores centenárias que se transformaram no habitat natural de pássaros e animais em fase de extinção. ‘Grande número de macacos pode ser visto pulando nos galhos de frondosas árvores’, diz Antenor Rocha, um árduo defensor do meio ambiente. O prefeito de Maracajá pretende transformar aquela área em um Parque Ecológico. Para isso está elaborando projeto que será posteriormente enviado a Brasília. Ele espera

⁶⁹ CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino: Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p. 19.

⁷⁰ *Ibid.*

dessa forma, conseguir recursos financeiros. 'Com mais recursos poderemos dar tratamento adequado aos animais e a mata [...].'⁷¹

Com o objetivo de proteger uma importante área remanescente, a Prefeitura Municipal de Maracajá, por meio da Lei nº. 224, de 08 de maio de 1990, e do Decreto nº. 20, de 20 de julho de 1990, constitui o Parque Ecológico Maracajá e, em 16 de outubro, via Decreto nº. 127. O "Parque torna-se legalmente uma Unidade de Conservação reconhecida pelo IBAMA e seguindo as normas contidas no SNUC (Sistemas Nacional de Unidades de Conservação), passa então a se chamar Parque Natural Municipal Maracajá."⁷²

Conforme o caderno especial do Jornal Sem Censura, edição que comemorou os 40 anos de Maracajá no ano de 2007, um dos objetivos para a sistematização deste espaço é o de proteger e conservar o pouco que ainda resta deste "importante ecossistema. A preservação **desse tesouro**, [...] não apenas assegura a continuidade dos esforços conservacionistas feitos no passado como garante e **lega a beleza e grandiosidade** da Floresta para as futuras gerações. (grifos meus)"⁷³ Nesse sentido, fica perceptível que Maracajá, a exemplo de outros tantos municípios, criou mecanismos próprios para acompanhar a onda preservacionista advinda com os limiares do século XXI e para alcançar certo reconhecimento dentro da divisão regional, como bem mostram as inúmeras adjetivações feitas à Floresta na citação.

É válido apontar ainda que o Parque, para além de suas funções de preservação, assume também a função de efetivar e potencializar as práticas preservacionistas no município como também de (re)animar o turismo da região. A partir de sua criação o parque torna-se um atrativo para públicos diversos e de diferentes regiões. De uma maneira direta ou indireta, pode-se afirmar que, o Parque atendeu tais expectativas ao impulsionar o *marketing* cultural do município que hoje atrai turistas e escolares da região sul de Santa Catarina e norte do estado do Rio Grande do Sul. Em se tratando de turismo, faz-se necessário apontar que o

⁷¹ A CRIAÇÃO DE UM PARQUE ECOLÓGICO. *Jornal O Estado Sul*, Criciúma, 22 de fevereiro. 1991. p. [3-10].

⁷² DAL PONT, Gisele da Silva Garcia. Entrevista não gravada a Sibeli Cardoso Borba Machado no dia 10 de agosto de 2009.

⁷³ MARACAJÁ 40 anos. *Jornal Sem Censura*, Araranguá, 12 -14 de maio. 2007. p. 9.

turismo religioso já vinha sendo bastante explorado, desde a segunda metade do século XX, pela religiosidade católica nas diversas comunidades de Maracajá.

Sobre o turismo religioso, que é considerado pela comunidade (ou por parte dela) como uma das ‘marcas’ do município, Agilmar Machado assinala que “ninguém desconhece, na região, a forte vocação religiosa da comunidade de Maracajá.”⁷⁴ Em seus argumentos o autor atribui o alargamento do campo religioso a uma figura religiosa bastante representativa no imaginário⁷⁵ da comunidade maracajaense:

Um pastor que cuidou – e muito bem – da preservação desses princípios, foi o Frei Eusébio Ferreto [...] Suas curas, através das ervas e das bençãos especiais, foram uma constante. Com o tempo, seu nome cruzou fronteiras e hoje está consagrado em grande parte desse País.⁷⁶

De modo geral, pesquisadores regionais como Lúcio Vânio Moraes⁷⁷ – o qual toma como foco de estudo a religiosidade maracajaense -, concordam que o potencial religioso do município de Maracajá foi explorado de maneira contundente e destacam ainda que esse potencial já poderia ter sido reconhecido mesmo antes da emancipação política, que se deu em 12 de maio de 1967. No entanto, é preciso ressaltar que a visibilidade dada à dimensão religiosa de Maracajá fazia referência apenas à vertente católica, o que acabou por encobrir outras práticas religiosas que já faziam parte do cotidiano das diversas comunidades há bastante tempo.

Logo, mesmo que a dimensão religiosa já tivesse oferecido certo destaque ao município, com a constituição do Parque e a intensificação de ações e projetos na área de preservação ambiental, ocorre uma (re)dinamização nos setores econômico

⁷⁴ MACHADO, *Op. cit.*, p. 80.

⁷⁵ De acordo com Sandra (2008, p. 13) o imaginário é um conceito derivado de representação e que pode ser entendido como um “[...] sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história, para dar sentido às coisas. O imaginário é sempre um outro real, e não o seu contrário. Este mundo, tal como o vemos, do qual nos apropriamos e ao qual transformamos é sempre um mundo qualificado, construído socialmente pelo pensamento. Este é o nosso verdadeiro mundo, no qual vivemos, lutamos e morremos. O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima; existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade. O imaginário compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também se apóia sobre os sonhos, desejos e medos de cada época, isto é, sobre o não-tangível nem visível, que passa, porém, a existir e a ter força de real para aqueles que o vivenciaram.”

⁷⁶ MACHADO, *Op. cit.*, p. 80.

⁷⁷ MORAES, Lúcio Vânio. *História e Memória Religiosa: Paróquia Nossa Senhora da Conceição-Maracajá* (1956/2006). Criciúma: do autor, 2008.

e político do município por meio do turismo. Maracajá, a partir daí, passa a receber destaque frente aos demais municípios da região do extremo sul catarinense não apenas por seu potencial religioso, mas agora também por sua dedicação às causas ambientais.

Passados onze anos desde a implantação do Parque, propõe-se no ano de 2001, uma reorientação das propostas ambientais dentro do município a partir de projetos que visavam a uma aproximação maior entre as instituições escolares e o patrimônio natural do município, principalmente com o Parque. Com a Lei nº. 516 de 12 de junho de 2001, o Poder Municipal institui o Programa “Educação Ambiental e Qualidade de Vida”⁷⁸, que previa uma adequação ao currículo escolar da rede municipal de ensino também para as questões ambientais.

Desta maneira, o Programa passa a ser um articulador entre os campos disciplinares nas escolas de Ensino Fundamental do município. É importante salientar que, embora o Programa tenha oferecido bons resultados até o ano de 2006, ele não deu conta de atender outras dimensões do patrimônio para além do ambiente natural. Durante os cinco anos do Programa, tanto o patrimônio material quanto o imaterial parecem ter sido esquecidos e deixados à margem das discussões.

Nesse contexto, a partir do ano de 2002, pesquisadores/as como Ademir Henrique, Lúcio Vânio Moraes, Odécia de Almeida de Souza, Beibiane Rocha de Freitas e Cristina Farias, publicaram pesquisas acadêmicas que proporcionaram um repensar sobre as demais dimensões do patrimônio maracajaense que estavam desassistidas em virtude da ênfase dada à dimensão natural do patrimônio maracajaense. De acordo com os pesquisadores, o Patrimônio Histórico-Cultural e suas dimensões, por sua vez, tinham se tornado preocupações secundárias nos espaços e círculos de discussões dentro do município. Do mesmo modo, importa sinalizar também que, embora os trabalhos desses pesquisadores sejam importantes, devem ser apropriados com parcimônia, tendo em vista serem produções iniciais em suas carreiras.

⁷⁸ O Programa “Educação Ambiental e Qualidade de Vida” foi criado para ser desenvolvido na Rede Municipal de Ensino de Maracajá por meio de projetos específicos em cada escola, que deveria levar em consideração a realidade da escola e o meio onde ela se encontrava inserida. O programa foi desenvolvido a partir de material pedagógico de apoio - que foi confeccionado especialmente para a sua realização - e contou também com atividades distintas planejadas pelos professores que ministraram a disciplina ao longo dos cinco de existência.

Por outro lado, o fato é que com o crescimento do setor turístico e consequentemente o do econômico, especialmente dinamizado pelo Parque Natural Municipal de Maracajá, fica fácil perceber as razões as quais fizeram com que a dimensão patrimonial histórico-cultural não pudesse ser entendida como uma das principais preocupações de Maracajá.

Em 2002, iniciou-se também no município uma campanha para a organização de um acervo que pudesse representar a história do trabalho de Maracajá, para ser apresentado na Festa do Colono. Esses conjuntos de objetos foram organizados, em forma de exposição, nas comemorações da Festa do Colono, festa típica do município que mobiliza a comunidade em geral e atrai visitantes dos municípios vizinhos. Para este evento, são organizadas corridas de tratores, exposições de máquinas, comidas típicas, artesanato, escolhas das princesas da festa, e toda a organização fica sob responsabilidade dos diversos setores municipais (secretarias), que contam com a ajuda de outras instituições públicas e privadas. Nessa comemoração, apresentam-se aos participantes alguns dos elementos que fazem parte da cultura maracajaense e, por conseguinte, representações de um legado que os situa como grupo social na história.

Neste contexto, os trabalhos de organização da exposição do ano de 2002 foram dirigidos por Odécia de Almeida de Souza e Beibiane Rocha de Freitas⁷⁹, que naquele momento iniciavam novas frentes de discussões sobre patrimônio maracajaense e recomendavam, em suas pesquisas, que o poder público municipal dedicasse um olhar mais atento ao patrimônio histórico-cultural, visto que a dimensão ambiental já era bastante reconhecida no município.

A partir dessa exposição, a qual contou com o empréstimo de objetos que fazem referência ao mundo do trabalho agrícola - ferramentas, utensílios domésticos, vestimentas, fotografias, etc. -, e que, em grande medida, já foram doados para a exposição, surgiu a proposta de ampliar este conjunto documental e organizá-lo, de modo que pudesse, mais tarde, compor o acervo de um museu. Assim, os artefatos que foram tomados sob empréstimo para a exposição e, posteriormente com o consentimento de seus doadores, ficaram sob a guarda do Departamento de Educação, Cultura e Esporte da Prefeitura Municipal de Maracajá

⁷⁹ Trata-se de trabalhos produzidos por essas acadêmicas durante seus Cursos de Graduação em História, em Unisul.

até que fosse viabilizado um espaço que pudesse acondicionar o núcleo inicial do museu.

Iniciou-se, a partir daí, por meio dos jornais, uma campanha de sensibilização da população para a doação de acervos. Assim, inúmeros moradores escavaram suas intimidades para extrair delas artefatos e outros conjuntos documentais que pudessem representar parte da história do trabalho do município e de suas famílias. Com base nas leituras dos livros de doações de acervos, assinalo que foram muitas as famílias que, de forma desinteressada ou não, retiraram de sua intimidade os pertences para oferecê-los como acervo de museu⁸⁰. Ao que tudo indica, os maracajaenses mostraram-se bastante sensíveis à 'cultura de preservação' instaurada no município.

1.2 ENTRE INCENTIVOS E OPORTUNIDADES: A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL E O PATRIMÔNIO CULTURAL

Ao observarmos a paisagem de um bairro ou de uma cidade, percebemos que ela não é estática, visto estar em constante movimento. Ao observarmos uma determinada rua, seja ela a rua de nossa casa ou de uma movimentada avenida, podemos perceber o quanto ela varia ao longo de um dia e como, com o passar das horas, ela vai se modificando e compondo novas e variadas cenas. Nessa dinâmica, as pessoas que lá vivem ou por lá circulam – crianças, homens, mulheres, jovens e idosos - tornam-se elementos fundamentais para essas composições.

Em Maracajá, entre as inúmeras paisagens que se formavam no decorrer dos dias de trabalho e também nos de descanso no ano de 1960, estava a paisagem das sociabilidades, onde grupos de senhores se reuniam para discutir formas de melhorias para a organização política e econômica da comunidade. Entre conversas, uma das propostas mais discutidas fazia referência à necessidade e ao desejo de

⁸⁰ Sra. Ana Benicá Martinello retirou de seus pertences um chapéu, uma enceradeira e um ferro Elétrico para doar ao museu. Sra. Julieta Medeiros doou uma de suas toalhas de mesa. Já o Sr. Olávio Scarduelli doou alguns de seus copos de cerâmica, seus livros de cantos e de missas, além de um álbum de partituras. A máquina de costura, que hoje compõe o acervo do museu, foi doada pela Sra. Irene Fontana Berti. As demais doações encontram-se catalogadas na Tabela 01.

ver Maracajá emancipar-se politicamente do município de Araranguá. Cumpre sinalizar aqui que, ao examinar as sociabilidades maracajaenses - tomadas aqui como formas de interações entre indivíduos num dado momento histórico e sob certas condições –, é possível perceber como, em Maracajá, desde a década de 1960, esforços já estavam sendo sistematizados por segmentos e divisões distintas na busca por autonomia.

Em meio ao quadro acima descrito, formou-se uma comissão composta por moradores e também por autoridades políticas⁸¹ para solicitar junto ao município de Araranguá a emancipação política de Maracajá. Ao avaliar a proposta, o prefeito Osmar Nunes, junto às demais autoridades dos poderes Executivo e Legislativo do município de Araranguá, ofereceram seu apoio e ‘conseguiram’, sob a presidência do deputado araranguaense Leciam Slowinski, a outorga legal de emancipação em “30 de dezembro de 1967, para a instalação do município de Maracajá, comarca de Araranguá, criado pela lei nº 1063, de 12 de maio de 1967.”⁸²

Em entrevista a Lúcio Vânio Moraes, o Sr. Lauro Scarduelli narra como foi o processo de organização da emancipação:

Em 15 de abril de 1967 teve o início do movimento para o desmembramento. Vereadores de Maracajá, o Pe. Frei Eusébio Ferreto e outras pessoas iam à busca de assinaturas. Depois essas assinaturas foram enviadas ao prefeito da época, Osmar Nunes (...).⁸³

Na obra ‘História e Memória Religiosa’, Lúcio Vânio Moraes enfatiza que “a cidade de Maracajá teve forte influência do Frei Eusébio Ferreto para o desenvolvimento da economia, da política, da cultura e da religiosidade católica.”⁸⁴ Além disso, assinala que o referido frei “foi uma das pessoas que iniciou e incentivou o processo de emancipação política e administrativa do município.” Para o autor, com base nas discussões de Pierre Bourdieu, o Frei Eusébio “possuía uma imagem de autoridade e referência, pois, além de ser um guia espiritual da população, era também uma pessoa que exercia poder na política maracajaense.”⁸⁵ Nessa

⁸¹ Participaram dessa comissão os senhores: Frei Euzébio, Antônio Rocha, Mario Carradore, José Jovelino Costa, Luiz Antônio de Medeiros, José Tomaz da Silveira e Astir Demétrio da Rocha.

⁸² MACHADO, *Op. cit.*, p. 11.

⁸³ MORAES, Lúcio Vânio. *História e Memória Religiosa: Paróquia Nossa Senhora da Conceição-Maracajá* (1956/2006). Criciúma: do autor, 2008, p. 60.

⁸⁴ *Ibid.*

⁸⁵ *Ibid.*, p. 61.

perspectiva, a imagem do frei, “revestida do poder religioso, permitia o respaldo em atividades que [ele] ‘encabeçava’ (...)”⁸⁶ no município, o que deu abertura para que o frei atuasse também, além do campo religioso, nos campos da política, economia e educação. Com vistas ao caráter de ‘exemplaridade’ que o Frei apresentava, cabe pontuar que tais características eram ‘comuns’ em biografias desse período,⁸⁷ ou seja, extremamente laudatórias.

De acordo com Agilmar Machado, o Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, datado de 26 de novembro de 1967 traz em matéria a publicação do nome do Sr. Lauro Scarduelli (30/12/1967 a 31/01/1969) para o cargo de Prefeito Provisório do município de Maracajá, iniciando-se, assim, a história político-administrativa do município. Posteriormente, “passado o período regulamentar da fase provisória, assumia, como primeiro prefeito eleito de Maracajá, Tomaz Pedro da Rocha.”⁸⁸

Como tantos outros municípios que tiveram seu território emancipado, Maracajá ao longo desses anos vem construindo uma história de conflitos, enfrentamentos e resistências, mas também de silenciamentos e esquecimentos, como bem mostrou a historiografia consultada ao ter oferecido visibilidade apenas para alguns poucos grupos sociais (especialmente para a imigração açoriana e italiana). Neste contexto, indígenas e negros, mulheres e crianças, parecem ter ficado quase que apagados no processo histórico do município. É importante sinalizar também que, muitas das escritas consultadas, trazem aspectos laudatórios em relação ao grupo a que se referem.

Por outro lado, com a promulgação da Constituição de 1988, conhecida como ‘Constituição Cidadã’ - que propôs a democracia e a cidadania considerando as peculiaridades e a diversidade da população brasileira e instituiu uma série de princípios e garantias (sociais, econômicas, políticas, ambientais, etc.) -, os diversos

⁸⁶ *Ibid.*, p. 62.

⁸⁷ O mesmo modelo de ‘exemplaridade’ também pode ser percebido nas histórias de cidades próximas à Maracajá, como a de Araranguá e a de Sombrio. Em Araranguá, o Pe. Paulo Hobold teve participação efetiva nos direcionamentos da cidade e, em Sombrio, o Pe. João Reitz também teve uma atuação política muito forte junto às comunidades e a região. Ambos, além de líderes religiosos, eram também líderes políticos. Ver: HOBOLD, Paulo. *A História de Araranguá*. Nova ed. complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s.n.], 2005; REITZ, Raulino Pe. *Paróquia de Sombrio*. Edição comemorativa do 10º aniversário. 1938-1948. Azambuja, Brusque, Santa Catarina, 1948.

⁸⁸ MACHADO, *Op. cit.*, p.15.

grupos sociais receberam o direito de tomar seu lugar na história e, ao mesmo tempo, ter seus bens culturais também reconhecidos. Desta maneira, entre as providências e disposições que a Carta previa, no Art. 216 estava a recomendação de uma interação entre o Estado e a sociedade no desenvolvimento de tarefas que viabilizassem o exercício desses direitos como também a proteção, a defesa e a fruição dos bens culturais (materiais e imateriais) que lhes dão suporte.

Nessa paisagem, a atual referencialidade dos bens culturais dos diferentes grupos e da diversidade cultural brasileira tem, portanto, fonte na Constituição de 1988, a qual indica a atuação do Poder Público (em suas múltiplas esferas) e da sociedade em sua defesa. De fato, os princípios de igualdade entre sujeitos e grupos, previstos e sugeridos pela Constituição Federal, foram fundamentais para a valorização e o reconhecimento da diversidade cultural que tem o Brasil e suas diversas regiões. Outrossim, cabe ressaltar que esse mesmo princípio de igualdade ofereceu também respaldo a atitudes discriminatórias, com base nas próprias diferenças entre os grupos, ao recomendar que a igualdade, em sua plenitude, residiria numa certa 'homogeneidade identitária'. Atualmente, com a intensificação dos debates e dos estudos mais ligados às Relações Gênero, Étnico-raciais e de Diversidade, o princípio de igualdade distancia-se consideravelmente desta concepção inicial e passa, agora, por uma compreensão de sociedade onde coexistam, em igualdade, as diferenças.

Desde então, pautados nessas diretrizes, estados e municípios têm orientado suas ações e atividades de modo a atender as recomendações desta Carta (1988), que os convida, inclusive, a revisar seus planos de trabalho e atualizar suas legislações. Nessa perspectiva, Maracajá constitui sua Lei Orgânica no ano de 1990 e, ao que tudo indica, ela foi elaborada em conformidade com as determinações e os limites sugeridos pela Constituição de 1988.

Ao examinar-se o conjunto dos duzentos e oito (208) artigos que compõem a Carta Municipal, tomo aqui como foco de análise os artigos que fazem referência à Educação, Cultura e Desporto (Art. 155 a 166) e ao Meio Ambiente (Art. 174 a 183). Numa avaliação dos artigos, encontro no Art. 174 os subsídios que apontam a necessidade de preservação ambiental e que permitem justificar a demasiada preocupação que a década de 1990 revelou em relação ao meio ambiente, culminando, inclusive, com a criação de um Parque Municipal. Conforme tal artigo, que encontra respaldo no Art. 182 da Constituição do Estado de Santa Catarina de

1989, “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.”⁸⁹

De fato, tanto a Lei Orgânica Municipal e a Constituição Estadual quanto a Constituição Federal sinalizam em seus artigos a necessidade de interação entre o poder público e a comunidade no reconhecimento e proteção dos bens culturais dos diversos grupos sociais, que devem ser fruídos e cuidados pelas gerações do presente para que possam, posteriormente, ser legados às próximas gerações.

Cumprir reiterar que a data de criação da Lei Orgânica Municipal, 05 de abril de 1990, coincide com o ano de criação do Parque e ainda com o ano em que os esforços de preservação ambiental se tornaram mais visíveis no município e igualmente mais veiculados pelos jornais regionais - fato este que me fez debruçar também sobre as representações da legislação e tomá-la como foco de análise.

Em se tratando da constituição do Parque, pode-se deduzir que ele foi pensado num contexto de política urbana, e sua criação encontrou apoio no Art. 143 da Lei Orgânica do município, a qual, entre seus incisos, sugere a “criação e manutenção de parques de especial interesse urbanístico, social, ambiental e de utilidade pública.”⁹⁰ Desta forma, a década de 1990 parecia sinalizar para um novo momento, quando os ânimos tanto dos gestores como da comunidade estiveram mais dedicados à preservação.

De outro modo, é preciso sublinhar que, tanto no Brasil (por volta de 1975) como no mundo (desde os anos de 1960), vários encontros e discussões sobre a preservação ambiental já apontavam para a necessidade de os municípios adotarem a educação ambiental como estratégia de desenvolvimento da cidadania, tanto nos espaços formais (escolas) quanto nos não-formais (museus, bibliotecas, arquivos, etc.) de educação.

Nessa perspectiva, Dalva dos Prazeres Gonçalves lembra que a Educação Ambiental não deve ser entendida como um tipo especial de educação, tampouco deve ficar restrito exclusivamente à transmissão de conhecimentos, à herança cultural do povo às gerações mais novas ou a simples preocupação com a formulação integral do sujeito inserindo em seu contexto social. A Educação Ambiental deve ser um processo de aprendizagem centrado no indivíduo, gradativo,

⁸⁹ MARACAJÁ. *Lei Orgânica do município de Maracajá*. 2ª ed. 2004, p.53.

⁹⁰ *Ibid.*, p, 47.

contínuo e respeitador de sua cultura e de sua comunidade.⁹¹ Além disso, deve constituir-se em um processo crítico, criativo e político, com preocupações voltadas para o cotidiano das comunidades onde se vive.

No tocante à educação formal - que será mais bem discutida no capítulo subsequente -, por meio da Lei 7.044/82, delegava-se aos Conselhos de Educação compor a parte diversificada dos currículos das escolas para que se instituisse, orientasse e estimulasse a Educação Ambiental, de forma sistematizada, ao longo de todo o processo formador dos cidadãos.⁹² Já no ano de 1987, com a aprovação do Parecer 226/8, deu-se, no país, ênfase à implantação da Educação Ambiental na educação formal a partir de um caráter interdisciplinar, de forma a despertar na população um posicionamento em relação às questões ambientais, conforme lembra Sílvia Czapski.⁹³

Tratando-se da educação, com a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB - estabeleceram-se novos critérios para a organização do ensino escolar no Brasil e ainda sugeriram-se possibilidades extracurriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para que as práticas educativas fossem dinamizadas e que levassem em conta o contexto onde o sujeito está inserido. Por sua vez, com os Temas Transversais, recomendou-se que temas mais urgentes como o do Meio Ambiente fizessem parte das práticas educativas e fossem contemplados por todas as disciplinas curriculares.

Contudo, a adoção de um Programa específico de educação ambiental no ano de 2001, em Maracajá, por parte do poder municipal, merece atenção e pode ser um indicativo de como as recomendações das legislações da educação não garantiram que os temas emergenciais fossem inseridos e discutidos de maneira mais efetiva pelos diversos campos disciplinares neste município, como sugerido pela legislação, em caráter multi e interdisciplinar. Deste modo, por meio da Lei nº. 516, de 12 de junho de 2001, Maracajá instituiu, então, o Programa “Educação Ambiental e Qualidade de Vida”, o qual previa uma adequação ao currículo escolar

⁹¹ GONÇALVES, D.R.P. *Educação Ambiental e o ensino básico*. Anais do IV Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente, p. 125-146. Florianópolis, 1990.

⁹² PHILIPPI Jr., COIMBRA, J. Á. A. Visão de Interdisciplinaridade na Educação Ambiental. In: PHILIPPI Jr., A.; ELICIONI, M. C. F. *Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos*. São Paulo: Signus, 2002, p. 181.

⁹³ CZAPSKI, S. *A implantação da educação ambiental no Brasil*. Brasília: MEC, 1998, p. 42.

da rede municipal de ensino também para as questões ambientais. Cabe sinalizar que o Programa não foi adotado como uma disciplina curricular, como orienta a legislação.

Ainda que com objetivos bem definidos, a pesquisa evidencia que o Programa não ultrapassou os limites do ambiente natural. As diversas formas de interação entre sociedade e meio ambiente, bem como as relações entre homem, sociedade e natureza estiveram mais vinculadas à dimensão natural do que propriamente à dimensão histórico-cultural. Provavelmente, essas foram algumas das inquietações que nortearam o trabalho acadêmico de Almeida de Souza e Beibiane Rocha de Freitas, no ano de 2003, intitulado “Educação Patrimonial nos currículos escolares da Rede Municipal de Ensino de Maracajá-SC: uma proposta interdisciplinar”, o qual discutiu a necessidade de adotar-se nas escolas municipais a educação patrimonial como uma discussão transversal e interdisciplinar. Além disso, as autoras apontam a urgência de uma renovação nas linhas de atuação do município frente ao seu patrimônio e justificam a importância de uma tomada de decisão em relação aos vestígios materiais e imateriais que se estão perdendo ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo, sugeria-se, neste trabalho, uma ampliação do conceito de patrimônio e um (re)direcionamento das propostas educativas que levassem à dimensão histórico-cultural também a ser reconhecida, já que, como assinalam as pesquisadoras, “vem-se desenvolvendo no município, um trabalho para conscientização em relação ao patrimônio natural. Percebe-se, portanto, a importância de igualmente preservar o patrimônio cultural.”⁹⁴ Algumas páginas mais à frente as autoras chamam atenção para as ‘Casas de Turma’ que

abrigavam os moradores que vieram para o município em busca de empregos na construção da estrada de ferro. Essas casas foram habitadas, no decorrer dos anos, por diferentes pessoas; algumas se mantiveram conservadas, mas muitas estão descaracterizadas. Acredita-se que se esses patrimônios históricos do município não forem reconhecidos e até tombados, serão extintos.⁹⁵

⁹⁴ SOUZA, Odécia Almeida de; FREITAS, Beibiane Rocha de. Educação Patrimonial nos currículos escolares da rede municipal de ensino de Maracajá-SC: Uma proposta interdisciplinar. Universidade do Sul de Santa Catarina/ UNISUL, 2004, p. 8.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 52.

Com efeito, as citações das pesquisadoras merecem alguns desdobramentos; aponto-lhes dois: o primeiro é que a afirmação vem reforçar novamente a hipótese apontada pelas fontes encontradas nos arquivos segundo a qual tanto o Poder Municipal quanto a divisão educativa revelavam preocupação em cuidar do meio natural, amostra disso é a própria adoção do Programa de Educação Ambiental nas escolas. Do mesmo modo, ao examinar a citação é possível perceber que dentre os diversos caminhos e dimensões – a econômica, a política, a social, etc. - que eu poderia escolher para construir o cenário de criação e o entorno do museu, o viés cultural, impulsionado pela preservação ambiental desde a década de 1990, não foi de todos o mais desacertado.

O segundo desdobramento que merece ser examinado é o indício de que a dimensão histórico-cultural do patrimônio maracajaense estava às margens dos centros de discussão sobre preservação. Se por um lado a afirmativa das pesquisadoras me permitiu esclarecer (e não resolver, tampouco assegurar) alguns pontos, por outro nos coloca em meio à névoa e à bruma. Desta forma, quais subjetividades estariam postas nessa afirmação? Estava o patrimônio material e imaterial desassistido pelo Programa de Educação Ambiental e Qualidade de Vida? As relações entre sujeito e meio ambiente e suas articulações não foram discutidas pelo Programa? Seria esta mais uma disputa entre campos disciplinares da História e da Biologia, visto que o programa era desenvolvido por uma bióloga e não por historiadores, como acontece agora com a disciplina curricular? São questões que merecem ser investigadas e que se colocam como um tema para um futuro trabalho.

De fato, em meio as fontes com as quais tomei contato referentes ao Programa, o que posso assinalar neste momento é que não encontrei dentre elas – pretéritas ao ano de 2000 - escritas que tomassem como foco de discussão os bens patrimoniais materiais e imateriais. Tudo que encontrei (Jornais, Decretos, *Folders*, Depoimentos, Relatórios, etc.) foi produzido a partir de inquietações e motivações sobre a preservação do patrimônio natural.

Cumprе sinalizar também que, mesmo antes da produção deste trabalho monográfico, datado do ano de 2004, já haviam sido iniciadas no município algumas parcerias com Universidades da região para a realização de um mapeamento cultural.

que iniciaram no município um projeto de identificação e valorização dos patrimônios históricos e culturais. Foram realizadas palestras para alunos da rede municipal, exposições de fotografias e objetos antigos e um mapeamento inicial dos patrimônios históricos culturais de cada comunidade que compõe o município.⁹⁶

Para o ano de 2003 cria-se o Centro Histórico do Município de Maracajá, órgão vinculado ao Departamento Municipal de Educação Cultura e Esporte e Prefeitura Municipal de Maracajá, que, conforme a Lei nº 582, de 20 de maio, terá a finalidade de ser “o espaço onde se efetivará a conservação, a pesquisa e a divulgação dos testemunhos materiais produzidos pelos Maracajaenses ao longo dos anos.”⁹⁷ A Lei de criação do Centro Histórico também lhe deu outras providências:

Art. 2º O Centro Histórico, terá como nome o da Professora Avetti Paladini Zilli e sede o antigo prédio da Prefeitura Municipal, sito à Rua Manoel José da Rocha, 59 e será especializado como espaço destinado primordialmente à guarda, conservação, e exposição de acervos museológicos construídos de bens culturais dos mais diferentes tipos. Tendo atribuições essenciais de promover a pesquisa, a catalogação e exibição didática ao público dos bens culturais do Município, além da manutenção adequada e preservação dos bens confiados a ele.⁹⁸

Em meio ao quadro descrito, o Centro Histórico recebe então o nome da professora Avetti Paladini Zilli⁹⁹, em homenagem à educadora que dedicou carreira ao magistério em Maracajá e que foi sempre engajada nas causas sociais. No entanto, cabe destacar que o espaço físico passou por um longo período de restauração e de reformas e que a obra só veio a ser inaugurada em 12 de maio de 2004, data da comemoração de aniversário do município.

⁹⁶ CENTRO HISTÓRICO CULTURAL DE MARACAJÁ. *Livro de registros de atividades*. Maracajá, 2005. p. 9.

⁹⁷ MARACAJÁ. Lei nº 582, de 20 de maio de 2003.

⁹⁸ *Ibid.*

⁹⁹ C.f. *A Enciclopédia Políticos Catarinenses* (1978) Avetti é “natural da cidade de Araranguá, SC, nasceu em 17 de abril de 1928 e é filha de Salvato Paladini e Aurora Brasil Paladini. Foi professora e dedicou-se ao magistério por mais de 28 anos. Esteve à frente da Assistência Social e atuou como Diretora de Educação. Para além das contribuições sociais, Avetti também atuou no seguimento político e participou de importantes conquistas nos partidos agremiados. Em vida lutou pelas causas de primeira ordem ao conhecer de longo tempo os problemas comunitários de sua cidade e, conforme o Guia de Políticos Catarinenses (1978), a educadora, aliada a legenda arenista que levou seu irmão à Prefeitura Municipal, experimentou um quadriênio administrativo cheio de realizações e que marcou a história do município de Araranguá. É com essa descrição que o Guia de Políticos Catarinenses apresenta a professora Avetti Paladini Zilli que em 2004 recebe a homenagem de inscrever seu nome na história do Centro Histórico Cultural de Maracajá.” (p. 40).

No ato de sua inauguração, o Centro Histórico já contava com o funcionamento da Biblioteca Municipal Frei Marcelo Bianchi em suas dependências e com “uma exposição de objetos antigos que foram doados ou emprestados por membros da comunidade [...]. Esta exposição foi organizada com caráter temporário obedecendo a uma linha temática por núcleos representativos do cotidiano dos antigos moradores.”¹⁰⁰

Ainda em 2004 a Prefeitura Municipal de Maracajá firma um convênio com a Universidade do Sul de Santa Catarina- UNISUL e inicia o processo de mapeamento arqueológico no município - haja vista o potencial de remanescentes dos grupos Xoklengs que habitavam tais terras.¹⁰¹

Firmado o convênio de cooperação técnica com a UNISUL, o Núcleo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia –NUPEP inicia, entre os dias 17 e 19 de setembro de 2004, os trabalhos de mapeamento dos 09 sítios arqueológicos vinculados a grupos caçadores, coletores e agricultores na região. Em depoimento, Odécia de Almeida Souza, uma das responsáveis pelo mapeamento, assinala que o trabalho de mapeamento dos sítios envolveu não apenas a comunidade acadêmica, mas também as pessoas comuns da comunidade de Maracajá, que se mostraram dispostas a participar de maneira voluntária.¹⁰²

Os trabalhos de campo orientados pela metodologia de varredura¹⁰³, conforme mostra a Figura 03, seguiram alguns multiestágios que, neste trabalho, foram divididos em três etapas, como observa Deisi Scunderlick Eloy de Farias:

¹⁰⁰ CENTRO HISTÓRICO CULTURAL DE MARACAJÁ. Livro de registros de atividades. Maracajá, 2005. p. 9. Dentre os objetos selecionados para a exposição estavam: as fotografias antigas do município (emprestadas pela Prefeitura); rádios e instrumentos musicais, que representavam o entretenimento da comunidade maracajanesa; colchas, toalhas e algumas peças de roupas, as quais ilustravam o trabalho da mulher, e, também, inúmeros instrumentos agrícolas (foices, enxadas, machados, fiador, etc.), que faziam referência ao trabalho masculino e agrícola.

¹⁰¹ Conforme a arqueóloga Deisi Scunderlick Eloy de Farias responsável pelos trabalhos este “[...] é o primeiro passo em direção a novas pesquisas. O mapeamento poderá futuramente, subsidiar ações que darão sustentação a outros instrumentos de política pública municipal de proteção ao patrimônio arqueológico, como o zoneamento, os planos diretores, as áreas de proteção ambiental, as leis de incentivo cultural e os projetos educativos. A preservação desse patrimônio, vinculada ao aprofundamento das pesquisas arqueológicas, faz-se necessário. Escavações e datações de alguns sítios mais preservados devem ser realizadas para que possamos produzir e dar continuidade a novas discussões e problemáticas sobre os grupos do litoral – sambaquieiros ou não.” (FARIAS, 2005, p. 14).

¹⁰² SOUZA, Odécia de Almeida. Entrevista não gravada concedida a Sibeli Cardoso Borba Machado em 10 de agosto de 2009.

¹⁰³ C.f FARIAS (2005) “a varredura tem como objetivo o exame sistemático de blocos contínuos de terra em níveis uniformes de intensidade.[...] Tal forma de trabalho não substitui a amostragem, apresentando-se como uma alternativa eficiente e econômica para que se cubram áreas de alcance regional.” (p. 62).

- 1) Reconhecimento geral da área e do entorno a ser pesquisado;
- 2) Coletas superficiais assistemáticas;
- 3) Entrevistas com a comunidade para identificar possíveis espaços e peças arqueológicas.¹⁰⁴



Figura 03: Caminhamentos realizados na localidade de Espigão da Toca, Maracajá- SC.
Fonte: Acervo digital do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', 2004.

Cabe destacar, contudo, que, mesmo antes do mapeamento arqueológico, alguns pesquisadores locais, sob responsabilidade de Lúcio Vânio Moraes, já haviam promovido a organização de um acervo de histórias e memórias locais a partir de entrevistas com os moradores mais antigos das diversas localidades que compõem o município de Maracajá.

O trabalho de pesquisas que se está realizando em prol do Centro Histórico Avetti Paladini Zilli – Maracajá-SC, em busca de acervos (os conhecidos “objetos antigos”), nas residências, são considerados importantes para a preservação/registro e manutenção da história e memória da cidade de Maracajá e região.¹⁰⁵

Pode-se dizer, a partir do visto, que os munícipes tiveram em ambas as ações participação efetiva, tanto para a organização do acervo de história oral quanto para a orientação dos trabalhos de caminhamento, à medida que os/as agricultores/as

¹⁰⁴ FARIAS, *op. cit.*, p. 62.

¹⁰⁵ MORAES, Lúcio Vânio. Doações de acervos ao Centro Histórico de Maracajá: Memórias preservadas. *Jornal Folha Regional*, 06 de julho. 2007. p. 2.

indicavam os locais onde haviam sido encontrados alguns artefatos no momento de preparo da terra para o plantio. Nesse sentido, as parcerias estabelecidas entre a comunidade e o Poder Municipal parecem ter atendido as recomendações do Art. 216 da Constituição Federal de 1988, para a necessidade de interação entre o Estado e a sociedade no desenvolvimento de tarefas que viabilizassem o exercício desses direitos e também a proteção, a defesa e a fruição dos bens culturais (materiais e imateriais) que lhes dão suporte.

Para além do acervo de artefatos, do mapeamento também resultaram publicações acadêmicas e materiais didático-pedagógicos, a fim de serem utilizados e distribuídos nas escolas para os alunos do ensino fundamental e aos professores. Entre as publicações acadêmicas está o livro, fruto de um trabalho minucioso (com a análise das amostras) feito pela equipe técnica do laboratório da UNISUL junto aos demais profissionais e colaboradores da área, 'MARACAJÁ: Pré-história e arqueologia'¹⁰⁶, organizado por Deisi Scunderlick Eloy de Farias.

Entre as publicações didáticas está a cartilha 'Uma aventura pela história de Maracajá'¹⁰⁷, lançada após a publicação do livro 'Maracajá: Pré-história e Arqueologia'. Segundo Luciane Ronchi Valnier, Diretora do Departamento de Educação, Cultura e Esporte do município de Maracajá no ano de 2006, após a publicação acadêmica

[...] sentiu-se a necessidade de produzir um material didático-pedagógico que facilitasse e proporcionasse o conhecimento, a identificação e a valorização da história e da memória do município. Para tanto, a Associação Cultural de Maracajá estabeleceu um Termo de Compromisso com o BESC CLUBE, a fim de concretizar o projeto social de valorização do patrimônio Histórico-cultural de Maracajá, que culminou com a produção do livro: Uma aventura pela história de Maracajá.¹⁰⁸

A partir do depoimento da Diretora, percebe-se que uma das preocupações do grupo de pesquisadores e também do Departamento de Educação do município foi a de produzir, subsequentemente à publicação acadêmica, um material didático pedagógico com uma linguagem mais acessível para ser distribuído e trabalhado nas

¹⁰⁶ FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy (Org). *Maracajá: Pré-História e Arqueologia*. 1. ed. Tubarão: Editora Unisul, 2005. v. 1. 200 p.

¹⁰⁷ FARIAS, D. S. E. ; NEU, M. F. R. ; SOUZA, O. A. . *Uma Aventura pela História de Maracajá*. 1. ed. Florianópolis: SAMEC, 2007.

¹⁰⁸ VALNIER, Luciane Ronchi. Apresentação. In: FARIAS, D. S. E. ; NEU, M. F. R. ; SOUZA, O. A. . *Uma Aventura pela História de Maracajá*. 1. ed. Florianópolis: SAMEC, 2007.

escolas, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental - o que denota a preocupação com o patrimônio.

No tocante aos artefatos encontrados, após higienização, análise e catalogação no Laboratório de Arqueologia da UNISUL, retornaram ao município de Maracajá e hoje compõem o conjunto de acervos pré-coloniais do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli'.

Numa outra direção, que não a da pesquisa arqueológica, a Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC faz também suas inserções no município. De acordo com o Livro de Registro de Atividades do Centro Histórico Cultural do ano de 2005, os acadêmicos da UNESC tomaram como objeto de estudo as representações da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, a partir de sua materialidade e imaterialidade. Por sua vez, numa proposta de estágio acadêmico os alunos Ademir Henrique e Lúcio Vânio Moraes

estabeleceram parcerias com a Prefeitura Municipal em relação ao trabalho específico com patrimônios históricos culturais muito relevantes no município: 'As Casas de Turma' ou 'Casa dos Ferroviários'. Alunos da Rede Estadual [acompanhados pelos pesquisadores] visitaram estes patrimônios e realizavam várias atividades relacionadas ao contexto histórico e cultural em que essas casas foram construídas. Além do trabalho com os alunos [os pesquisadores da UNESC] realizaram exposições de entrevistas com antigos trabalhadores da estrada de ferro que passava pelo município, escreveram relatórios que se encontram na Biblioteca Municipal e organizaram uma exposição fotográfica que atualmente faz parte do acervo do Centro Histórico Cultural [...].¹⁰⁹

Desses levantamentos foram produzidos relatórios, artigos e monografias, como '*Estradas Retilíneas: Lembranças do Passado – A presença da estrada de ferro Dona Tereza Cristina em Maracajá (1920-1968). Cidade, Memória e Vida Urbana*', de Lúcio Vânio Moraes no ano de 2004; '*Entre o passado e a pesquisa: as Casas de Turma (1946-1947 – Maracajá), como Patrimônio Histórico Cultural – Relatos de uma experiência de estágio*'; '*A constituição do centro da cidade de Maracajá em torno da estação: sociabilidades e acessibilidade*' e '*História e Silêncios: Lembranças dos/as evangélicos da cidade de Maracajá -SC (1947-1963)*', títulos estes de relatórios e de artigos produzidos por Ademir Henrique e Lúcio Vânio Moraes, ao desenvolver suas pesquisas no município de Maracajá.

¹⁰⁹ CENTRO HISTÓRICO CULTURAL DE MARACAJÁ. *Livro de registros de atividades*. Maracajá, 2005. p. 9.

Ainda nesse quadro de produções acadêmicas está também a monografia de Cristina Farias intitulada “O poder da Igreja Católica sobre a população maracajaense e a influência de Frei Eusébio Ferreto, 1956-1973”, datada de 2004, também vinculada à UNESCO.

Percebe-se que, à medida que mais pesquisadores/as se dedicavam às pesquisas da história local, mais a historiografia de Maracajá se renovava e novas frentes de trabalho se abriam. No tocante à Educação, é possível perceber que foi uma preocupação principal e que as próprias pesquisas acadêmicas apontavam para a instituição de suportes ou para a adoção de uma abordagem educativa que vinculasse, de maneira interdisciplinar, o binômio *Patrimônio e Educação*.

Nesse contexto, mesmo com a alusão a novos problemas; a outras inquietações; a olhares mais atentos às disputas simbólicas¹¹⁰; aos pactos de acordo e de silenciamentos entre grupos e sua busca por legitimidade, o foco não foi deslocado para outras problemáticas além da educação no município de Maracajá. Dito de outra forma: mesmo que outras relevantes pesquisas adentrassem os cenários de discussões em Maracajá, como as pesquisas feitas sobre as Casas de Turmas e as constantes disputas pelo capital simbólico¹¹¹, a dimensão educativa atrelada ao desejo de preservação, não saiu de cena. A partir daí é possível perceber que mesmo com a inserção de outros temas de pesquisas como as que, cingem o universo da religiosidade no município, não foram suficientes para deslocar ou ofuscar o tema educação.

Cumprido observar ainda que, em meio a esse contexto de contribuições e auxílios acadêmicos, não se pode deixar de evidenciar as disputas entre as universidades na região do Extremo Sul do estado, principalmente no campo da

¹¹⁰ C. f. o sociólogo Pierre Bourdieu (2007) os indivíduos não apenas constroem sentidos para os diferentes objetos do mundo social, como também disputam igualmente a imposição dos sentidos “verdadeiros” sobre os mesmos. Nessa perspectiva ao construir sentidos para os objetos de estudos e suas pesquisas, os historiadores o fazem tendo de se confrontar tanto com sentidos hegemônicos pré-existentes, quanto com aqueles produzidos pelos demais indivíduos e grupos com os quais interage. (BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre: EDUSP, 2007).

¹¹¹ A partir de Bourdieu (2007, p. 47) pode-se entender que o uso do conceito de “capital cultural” é fundamental para a compreensão das relações de dominação que estão presentes numa dada estrutura social, uma vez que este conceito se apresenta como uma ferramenta importante para apreender a dimensão simbólica da luta entre os diferentes grupos sociais. Dentre essas lutas estão as disputas pela legitimação de certas práticas sociais e culturais, que são mecanismos que tanto unem quanto distinguem os diferenciais de poder dos diversos grupos pela posse da cultura. A cultura, por sua vez, é então utilizada como estrutura simbólica para o exercício de legitimação de grupos em “espaços sociais” que não devem ser dissociados de seus efeitos de dominação.

História. Possivelmente algumas pesquisas desenvolvidas possam ter, inclusive, ganhado maiores impulsos ao passo que outras universidades voltavam seu foco de interesse a Maracajá ou, ainda, à medida que novas instituições foram ampliando seu campo de atuação, como foi o caso do Curso de História da UNISUL, que adentrou a região da AMESC, especificamente no Campus de Araranguá, no ano de 2000. Por outro lado, cada uma das universidades, embora afiliadas igualmente à História Cultural, escolheu maneiras e linhas de atuação distintas para suas pesquisas em Maracajá. Pelo que pude perceber, a UNESC adentra o município com pesquisas mais ligadas à Cultura Política, às Representações e às Sociabilidades, já as pesquisas da UNISUL voltam-se mais às Identificações, à Memória e à Cultura Material e Imaterial.

Igualmente, é preciso considerar ainda que as demandas que motivaram a emergência desses estudos e pesquisas em Maracajá, desde o ano de 1990, por parte dos pesquisadores locais e também daqueles que os subsidiaram, não foram de todo desinteressadas, mas também, impulsionadas por seus desejos e paixões¹¹² e, em última instância, pela perspectiva de ampliação do campo de trabalho e/ou abrangência ou de reconhecimento profissional.

Nesse sentido, o texto de apresentação do prefeito municipal Antenor Rocha – em seu segundo mandato - no livro ‘Maracajá’, publicado no ano de 2000, traz elementos que sugerem reflexão:

ao município de Maracajá cabe a honra de outorgar, aos seus filhos, o que de mais importante deve ser registrado do contexto de sua história. Este trabalho procura, antes de mais nada, **perenizar fato, nomes e vultos que contribuíram para o nosso efetivo desenvolvimento**, ao longo de quase um século. [...] Desde a fundação do município, passaram-se 33 anos. Neste 12 de maio com mais precisão, atingimos nossa marca. Aos nossos antepassados, aos que abriram os espinhosos caminhos do início de nossa povoação, tributamos o mais reverente respeito e a gratidão perene; aos que, em fase mais atual, acompanharam a evolução de Maracajá-município, até os dias presentes, o nosso brando de **incentivo para que prossigam fazendo sua parte em favor desta terra. Que a presença obra possa cumprir a finalidade de resgatar nosso passado**,

¹¹² Em Maracajá, os desejos e paixões dos historiadores os vêm motivando a reordenar o passado a partir dos indícios e vestígios que ainda se encontram vivos e presentes na comunidade e, de uma forma distinta, também são os desejos daqueles [de grupos específicos] que não tiveram suas histórias registradas. Assim, conforme orienta Beatriz Sarlo (2007, p. 13) a sensibilidade a que foram despertado os historiadores permite que eles escutem “os sentidos comuns do presente, atende às crenças de seu público e orienta-se em função delas. Isso não a torna simplesmente pura e falsa, mas ligada ao imaginário social contemporâneo, cujas pressões ela recebe e aceita mais como vantagem do que como limite.” (SARLO, Beatriz. Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva. SP: Companhia das Letras: Belo Horizonte; UFMG, 2007).

homenagear nosso presente e testemunhar ao futuro o que fomos e o que fizemos. Que ela cumpra o seu papel de preencher o hiato da história que poderia ficar sem relato aos nossos pósteros, partindo-se do princípio de que 'povo sem história é povo sem memória'. E este passado do tal tanto nos orgulhamos e reverenciamos, deve ser respeitado e revivido pelos anos afora, como legado de várias gerações que por aqui passaram. (grifos meus).¹¹³

Assim, embora a citação permita discutir algumas inquietações e problemáticas do Tempo Presente como, por exemplo, a forma como foram trabalhados e articulados os conceitos de História e Memória, como estavam compostos os regimes de historicidade (passado, presente e futuro), as associações identitárias, entre outros ainda, limito-me neste momento a observar que o texto aponta para a existência de interesses políticos por parte do gestor, especialmente quando ele sinaliza (por meio de sua própria escrita) que entre as finalidades da obra está a de “testemunhar ao futuro o que fomos e o que fizemos”. Desta forma, é possível dizer que, já no segundo mandato, seria bastante conveniente ao prefeito que a primeira publicação ‘oficial’ do município tivesse como ‘limite’ da história o de sua própria Gestão, que acabou por encerrar o livro em duas sessões. A primeira, construída de forma mais breve, intitulada ‘Maracajá Hoje’ e a segunda, mais densa e minuciosa, denominada “Novos Horizontes”.

Cabe ressaltar também que minhas observações, não pretendem desmerecer ou invisibilizar os esforços que possam ter sido feitos, desde o ano de 1990, por essas pessoas (comuns e/ou públicas) na realização de trabalhos, nesse teor, no município, mesmo quando elas, por muitas vezes, tenham disposto mais de sua vontade do que propriamente de recursos financeiros para fazê-lo.

1.3 A SISTEMATIZAÇÃO DE UM ESPAÇO MUSEOLÓGICO EM MARACAJÁ

Vislumbrado um percurso de *Sensibilidades* que pudesse ter agenciado a criação de um museu em Maracajá, dedico-me agora a escavar a intimidade do Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’. Nesse primeiro momento procuro entender a composição do museu, conhecer suas linhas temáticas e seus acervos,

¹¹³ MACHADO, Agilmar. *Maracajá*. Criciúma: Gráfica e Editora Tabajara, 2000, p. 3.

para, posteriormente, adentrar sua ação educativa e poder examinar as atividades de educação patrimonial que ele desenvolve em parcerias com outras instituições e com a comunidade.

Cumprе esclarecer primeiramente que a denominação “Cultural”, na nomenclatura do Centro Histórico, não foi prevista pela Lei que o criou. De acordo com documento nº 582, de 20 de maio de 2003, “o Centro Histórico, terá como nome o da Professora Avetti Paladini Zilli e sede o antigo prédio da Prefeitura Municipal, sito à Rua Manoel José da Rocha, 59 [...]”. Assim, embora o documento não tenha feito esta previsão, ele encontra-se visivelmente qualificado como Centro Histórico Cultural.



Figura 04: Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’ – Museu Municipal do Trabalho.
Fonte: Acervo da autora, 2010.

O Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’ encontra-se atualmente vinculado ao Departamento de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal de Maracajá, e é um espaço cultural reconhecido dentro do município. Além de suas instalações estarem sediadas na antiga sede da Prefeitura Municipal, que de certa maneira já faz referência à história política do município, o museu está localizado na Praça Central da cidade. Além do Centro Histórico, a praça conta também com um parque de diversões para as crianças, com muitas árvores e bancos, com espaços onde se pode caminhar e andar de bicicletas e ainda com uma academia de ginástica ao ar livre para a realização de exercícios físicos, especialmente para os

idosos. Nessa configuração, é possível perceber que o entorno do museu é bastante propício para o lazer e as sociabilidades.

Em se tratando de instalações físicas, cabe ressaltar que o Centro Histórico acomoda duas instituições: o Museu do Trabalho e a Biblioteca Municipal Frei Marcelo Bianchi. O espaço do Centro Histórico 'Avetti Paladini Zilli', que possui uma área total de 96,40 m², passou por um período de reformas entre os anos de 2002 e 2003 antes de ser reativado, entretanto, não recebeu ampliação.¹¹⁴ Desta forma, a casa foi restaurada e (re)dividida de modo a atender igualmente as necessidades das duas instituições.

Embora o museu tenha sido fundado no ano de 2003, só veio a ser organizado no ano de 2004. Consoante indica o Livro de Registros de Atividades do Museu, neste ano a biblioteca já ocupava o seu lugar no Centro Histórico e, no espaço físico onde hoje é o museu, organizou-se uma primeira exposição com objetos emprestados pela comunidade ou doação, provenientes da campanha feita com os alunos das escolas e com a comunidade para as comemorações da Festa do Colono e da Festa de emancipação política do município, também do ano de 2004.

De acordo com o quadro descrito e para efeitos de compreensão sobre a disposição do espaço físico do Centro Histórico, trago a planta baixa (figura 5) que mostra como está dividido o espaço interno do museu e também o da biblioteca. Justifico, todavia, que as legendas numéricas sobrepostas na figura, para a identificação dos módulos e melhor visualização dos espaços, não se encontram dispostas no desenho original.

¹¹⁴ CENTRO HISTÓRICO CULTURAL DE MARACAJÁ. *Livro de registros de atividades*. Maracajá, 2005. p. 9.

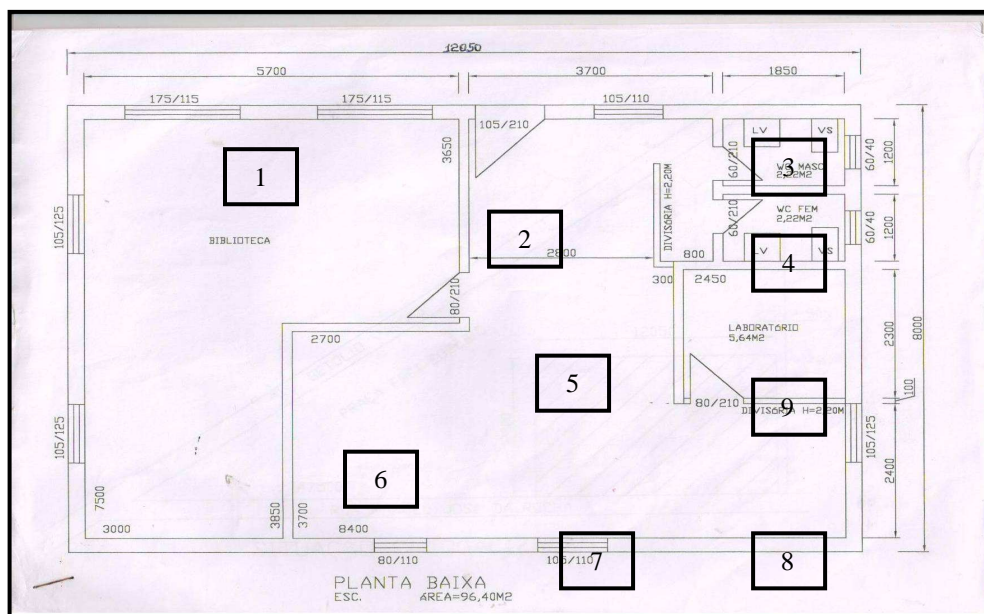


Figura 05: Planta baixa do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', Maracajá/SC. Fonte: Acervo Digital do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', 2004.

A biblioteca ocupa o espaço integral onde está localizada a legenda nº 1. Ao adentrar a biblioteca pode-se encontrar um total de 13 prateleiras com os livros dos mais variados campos disciplinares e para faixas etárias distintas. Neste espaço estão dispostas também duas mesas coletivas para estudos, leituras e escritas e também três computadores que auxiliam os usuários em pesquisas na internet. A partir da legenda nº 1 é possível perceber também que o espaço físico da biblioteca não recebeu nenhuma subdivisão. Tratando-se do quadro funcional, a biblioteca conta com uma auxiliar de biblioteca em período integral para o atendimento ao público e para as atividades técnicas.



Figura 06 e 07: Interior da Biblioteca Municipal Frei Marcelo Bianchi. Fonte: Acervo da autora, 2010.

No exercício de suas funções, a biblioteca tem por princípio ser um espaço de cultura, pesquisa, informação, formação e lazer que sirva para todos os interessados, independente da idade ou nível de instrução. Pretende também ser um espaço cultural aberto, onde se promova o encontro de ideias, diálogos, participação e a cooperação com outras instituições culturais e comunidade, de modo a confluir as mais diversas iniciativas.

Por outro lado, a segunda instituição a tomar seu espaço no Centro Histórico foi o Museu do Trabalho, caracterizado como um museu histórico, o qual tem por prioridade de ação a pesquisa em História do Trabalho, cumprindo a tarefa de acondicionar, preservar, divulgar e promover pesquisa e reflexão acerca da memória do trabalho na região. Ao que tudo indica, é um museu atento às problemáticas do presente na medida em que promove e conjuga atividades de pesquisa (como é o caso dos mapeamentos culturais que envolveram técnicos e a comunidade), de organização (como as entrevistas e o banco de dados de História Oral das diversas comunidades que estão sendo organizados) e de preservação e divulgação de acervos históricos (com suas propostas de educação para o patrimônio e suas parcerias múltiplas para a promoção de cidadania).

O Museu conta em seu corpo funcional com dois colaboradores, ambos historiadores. As atividades de pesquisa do museu, como as que são desenvolvidas desde o ano de 2002 por seus profissionais e as comunidades, além de produzirem o conhecimento científico, possuem ainda o objetivo de subsidiar as demais atividades do museu, na medida em que fornecem elementos para que ele desenvolva atividades educativas com outras instituições de ensino como também elaborar exposições para os diversos públicos. Exemplos disso são as pesquisas das Casas de Turma, o mapeamento arqueológico e a montagem do acervo de história oral e fotográfico que ofereceram ao museu vários desdobramentos didático-pedagógicos.

Em se tratando do espaço físico, é possível perceber que, ao contrário da biblioteca, o museu encontra-se dividido em oito módulos, cuja identificação na figura 5 se dá entre as legendas nº 2 e nº 9. São eles: entrada/ recepção; hall de exposições permanentes e temporárias; sala de administração; sala de higiene; reserva técnica e salas de exposições permanentes.

A legenda nº 2, na planta baixa do Centro Histórico, representa a Entrada do Museu onde os/as visitantes são recebidos. Nessa configuração, a recepção é simultaneamente a sala de espera e onde são guardados os pertences (bolsas, mochilas, objetos pessoais, etc.) dos visitantes.



Figura 08: Recepção do Museu do Trabalho, Maracajá/SC.
Fonte: Acervo da autora, 2010.

Como mostra a figura 08, ao lado direito da recepção existem duas salas. A primeira das salas, localizada na legenda nº 3, faz referência à sala que é destinada à Administração; entretanto, atualmente é utilizada para guardar os suportes para as exposições, os recursos pedagógicos do museu e os materiais de uso de ambas as instituições. Já a legenda nº 4 sinaliza para o espaço de higiene pessoal que é utilizado tanto pelos visitantes do museu quanto pelos da biblioteca.

De outra forma, as legendas nº 5, nº 6, nº 7 e nº 8 fazem referência às exposições permanentes do museu, que são divididas por núcleos temáticos e seguem uma ordem cronológica. Nessa organização, a primeira das exposições permanentes faz referência ao núcleo de arqueologia, localizado no Hall de entrada do museu, cuja identificação se faz pela legenda nº 5.



Figura 09: Núcleo de Arqueologia - Museu do Trabalho, Maracajá/SC.
Fonte: Acervo da autora, 2010.

O núcleo temático de arqueologia, conforme mostra a figura 09, dispõe de um acervo de aproximadamente 150 artefatos líticos - provenientes do levantamento arqueológico realizado no ano de 2004 nas comunidades – que são expostos em duas vitrines distribuídas na parte inicial da sala de exposição. Junto às vitrines, fazem parte deste núcleo ainda, os painéis educativos que, em número de três, encontram-se fixados na parede e mostram as fases dos mapeamentos arqueológicos realizados no município e também algumas das atividades já realizadas a partir dele.

Ao visitar o módulo de arqueologia, é possível encontrar artefatos como: pilão; amolador; lâminas de machado; pontas de projétil; percutores; zoólitos, entre outros. Esses artefatos, encontrados dentre os nove sítios arqueológicos mapeados em Maracajá, estão vinculados a grupos caçadores, coletores e agricultores. Essa vinculação se dá principalmente pela existência de peças polidas que, conforme Deisi Eloy Farias, são indicativos de que o espaço tenha sido ocupado por grupos agricultores, que utilizavam esses artefatos para a preparação de alimentos.

Ainda para a exposição de arqueologia, com a intenção de se proteger as peças mais frágeis optou-se, como mobiliário museográfico, pelas vitrines que foram constituídas de madeiras e vidros, conforme mostra a figura 09. No entanto, este é o único núcleo temático do museu que é sustentado por vitrines, os demais núcleos

são acomodados apenas em bases de madeiras que, geralmente, são mais próximas da superfície.

Ainda na exposição de arqueologia, como já mencionado, estão os painéis que auxiliam tanto para dar suporte de fundo quanto para a articulação espacial, como mostra a figura 10. Além de serem móveis, o que facilita o seu deslocamento para outros espaços, os painéis educativos trazem textos explicativos e ilustrações que facilitam a compreensão por parte dos visitantes.



Figura 10: Exposição do Núcleo de Arqueologia - Museu do Trabalho, Maracajá/SC.
Fonte: Acervo da autora, 2010.

O segundo núcleo da exposição, conforme mostram as figuras 11 e 12, apresenta a economia e o trabalho. A esse núcleo ficam reservadas duas temáticas, a primeira que enfatiza o trabalho agrícola com base na economia de subsistência e a segunda que representa o trabalho no período em que a ferrovia esteve instalada no município. Na exposição do trabalho agrícola são apresentados objetos como o machado, o plantador manual, a foice, oriundos de doações da comunidade e que representam os instrumentos utilizados para as lidas agrícolas. Já a segunda temática contextualiza o trabalho no ramal ferroviário da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e suas contribuições para o desenvolvimento econômico e o crescimento populacional e aponta também os benefícios advindos com a instalação da ferrovia para a região.

Nesse contexto de desenvolvimento aliado ao crescimento populacional e econômico, surgiram vários ofícios e outras profissões na região e, para aqueles/as

que já existiam, houve um aumento considerável de suas produções. Assim, objetos como a colher de pedreiro, o moedor de carne, a balança, o aparelho veterinário e a forma para confecção de chapéus, vêm representar esses ofícios. Ainda neste núcleo, o mural documental apresenta cópias dos documentos de posses de terrenos e algumas fotografias que remetem ao período da estação ferroviária, conforme mostram as figuras 11 e 12.



Figura 11 e 12: Exposição do Núcleo das profissões e da Estrada de Ferro - Museu do Trabalho, Maracajá/SC.
Fonte: Acervo da autora, 2010.

O terceiro núcleo temático refere-se ao lazer e à religiosidade dos grupos coloniais, que ocuparam a região do extremo sul de Santa Catarina, principalmente os imigrantes açorianos e italianos. Para o lazer são apresentados objetos como violino, a vitrola, o cavaquinho e o rádio, os quais representam as horas de lazer das famílias e entre os amigos. Já a religiosidade é apresentada a partir das imagens de santos católicos e livros de orações. Por outro lado, pode-se perceber também nesse núcleo a presença de elementos que fazem referência ao trabalho feminino, como é o caso do ferro de passar roupas, da enceradeira e da máquina de costura. Algumas peças de roupas infantis também compõem a exposição para lembrar as crianças e, conseqüentemente, vislumbrar o trabalho feminino de tecelagem, como mostram as figuras a seguir.



Figura 13 e 14: Exposição do Núcleo Lazer e Religiosidade dos grupos colonizadores - Museu do Trabalho, Maracajá/SC.
Fonte: Acervo da autora, 2010.

O último núcleo da exposição, identificado pela legenda nº 6, apresenta o trabalho dos colonizadores portugueses/açorianos e italianos, a partir de seus meios de produção e da economia agrícola. Nesta exposição, podem ser encontrados elementos que compunham parte do dia a dia das famílias, seja nos trabalhos domésticos ou nas atividades dos engenhos de cana-de-açúcar e farinha de mandioca.



Figura 15 e 16: Cotidiano dos colonizadores - Museu do Trabalho, Maracajá/SC.
Fonte: Acervo da autora, 2010.

Expõem-se nesta sala também objetos como os conjuntos de chá, as toalhas de mesa e mantas tecidas em teares que representam o espaço privado da casa, como mostram as figuras nº 15 e 16. Por outro lado, elementos como o pilão, a

batedeira manual, a prensa de fazer torresmo e a gamela, vislumbram o trabalho artesanal desenvolvido nos engenhos. Neste núcleo, novamente a religiosidade é apresentada por meio de um mural fotográfico, que traz os feitos da comunidade maracajaense, especialmente a de fé católica, com suas procissões, rituais e empreendimentos.

Por fim, encontra-se situada pela legenda nº 9 a reserva técnica, onde são guardados os acervos que não estão em exposição, mas que fazem parte das coleções do museu, como, por exemplo, as fotografias, os documentos, o acervo áudio-visual e os objetos que fazem parte dos diversos núcleos. No que tange aos documentos, podem ser encontrados os livros de registro do período em que o município ainda era o distrito de Araranguá, os jornais regionais, escrituras de posses, certidões, certificados e documentos pessoais de munícipes, etc. Já o acervo fotográfico é composto por fotografias doadas pela comunidade e pela Prefeitura Municipal de Maracajá.

A reserva técnica também é o espaço onde são realizados os trabalhos de higienização e conservação do acervo. Além disso, atualmente ela acolhe ainda a Sala de Administração, onde são geridos todos os processos administrativos do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli'.

Sob esse prisma, percebe-se, a partir dos processos formação e de estruturação, que o conceito de museu adotado em Maracajá ultrapassa a definição sugerida por Georges-Henri Rivière, primeiro diretor do Conselho Internacional dos Museus – ICOM, o qual define o museu como uma instituição “a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe com a finalidade de aumentar o saber, salvaguardar e desenvolver o patrimônio, a educação e a cultura, bens representativos de natureza e do homem”¹¹⁵. Contudo, cabe sinalizar que esta definição foi repensada, e que o próprio conceito de museu, como também suas funções e objetivos, foram ressignificados ao longo do tempo.

Atualmente, reconhece-se que a função do museu não se limita ao ato de coletar, restaurar, conservar e de expor os artefatos e coleções que compõem o seu acervo. No tempo presente, a pesquisa, a divulgação e a socialização dos conhecimentos tornam-se elementos imprescindíveis nas funções sociais dos

¹¹⁵ GIRAUDY, Daniele; BOUILHET, Henry. *O museu e a vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro- RS; Belo Horizonte: UFMG – Escola de Biblioteconomia, 1990, p. 11.

museus. Deste modo, o conceito de museu que se adotou no museu de Maracajá parece estar de acordo com as propostas de Judite Primo, a qual concebe os museus como instrumentos de transformação e de mudança social. Visto que, para além das funções de recolha e conservação de objetos, devem apresentar-se como agentes de transformação para proporcionar à comunidade uma visão de conjunto do meio material e cultural onde vivem.¹¹⁶

A partir daí, pode-se afirmar que, para além da função de guarda, preservação e divulgação, o Museu do Trabalho pretende também ser instrumento de educação, de interação e promotor de cidadania. Para tanto, ele utiliza o seu acervo permanente como mecanismo para rememoração sobre os modos de ser e fazer dos grupos sociais que contribuíram para o desenvolvimento das comunidades do atual município de Maracajá.

Nessa paisagem, ao mesmo tempo em que o acervo do museu dá visibilidade, por meio dos artefatos em exposição, a grupos que foram desprovidos de reconhecimento, como é o caso dos grupos indígenas, é preciso perceber também que ao traçar um percurso histórico, como mostram as exposições do museu, outros grupos sociais, como igualmente outras famílias e indivíduos não tiveram seus nomes registrados nessa história. Ou, dito de outra forma, ao tomar contato com o livro de doação de acervos do museu, percebi repetições e predominâncias de nomes e de sobrenomes de algumas famílias como doadores dos acervos (tabela 01)¹¹⁷.

Por exemplo, para o núcleo das profissões, os principais doadores foram as famílias Martinello e Pelegrini. Para a composição do núcleo do Lazer e da Religiosidade, foram utilizados artefatos doados pelas famílias Martinello, Pelegrini e Carradore. Por outro lado, o núcleo colonial italiano e açoriano apresenta-se como o mais diversificado por ter recebido elementos das famílias Zilli, Medeiros, Souza, Machado, Carradore, Costa, Freitas e Farias.

¹¹⁶ PRIMO, Judite Santos. Pensar Contemporaneamente a Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia* (16). Lisboa: Centro de Estudos de SocioMuseologia, 1999, p. 6.

¹¹⁷ De acordo com o livro de doações, os doadores de acervos foram: Carmem Gonçalves de Oliveira; Ana Benicá Martinello; Eliza Savi Darolt; Vilmar Martinello; Maria de Luca Pelegrini; Julieta Medeiros; Irene Fontana Berti; Francisca Gonçalves Zilli; José de Souza Neto; Vendramino Zilli; Vilmar Martinelli; Sílvio Pedro Farias; Alcendina Celso Freitas; José Ubiali; Antônio Felisberto; Sônia Maria Souza Carradore; Cristina Farias de Souza; Dilnei Fausto Borges; Alice Westrup.

Tabela 01: Acervos doados por moradores.

Doador	Acervo	Pertencia	Data
Ana Benicá Martinello	Mala de Viagem	Antonio Elias Benicá	1970
	Chapéu	Antonio Elias Benicá	1940
	Ferro Elétrico	Ângela Darós Benicá	1950
	Torrador de café	Moisés Casagrande	1920
	Prensa de hóstia	Uso da Igreja Católica/RS	1900
	Enceradeira	Ângela Darós Benicá	1940
	Moedor de carne	Sílvio Benicá	1920
	Gancho para tirar água do poço	Ana Benicá Martinello	1880
Eliza Savi Mondo	Ferro elétrico	Eliza Savi Mondo	1960
	Prato e jarro de porcelana	Eliza Savi Mondo	1940
Irene Fontana Berti	Máquina de costura	-	1960
Francisca Gonçalves Zilli	Moedor de cana manual	Francisca Gonçalves Zilli	1980
José de Souza Neto	Trilho da ferrovia	Estrada de ferro	1930
Vendramino Zilli	Bate enxada	João Zilli	1880
Maria de Luca Pellegrini	Vitrola de música	Alfredo Pellegrini	1940
	Pesos de balança(1kg, 2kg)	Diácomo de Pellegrini	1920
	Estabilizador automático para uso em televisão	Alfredo Pellegrini	1960
	Aparador de sapatos	Alfredo Pellegrini	1960
Sônia Maria S. Carradore	Ferro de Brasa	-	1942
	Jarra térmica	-	1972
	Balança manual	José Marques Bittencourt	1940
Vilmar Martinelli	Seguete	Benta Farias	1940
Sílvio Farias Sílvio Martinello	Encho Goiva	-	1944
	Colher de pedreiro	-	1951
	Foice 2 lados	-	1951
	Plantador	-	1940
	Serra manual	-	1940
	Toalha de mesa	Julieta Medeiros	1940
	Gamela de madeira	-	1950
Cristina Farias de Souza Antônio Felizberto	Aparelho de veterinário	-	
	Copos de cerâmica	Olávio Scarduelli	1980
Olávio Scarduelli	Livro de cantos	Olávio Scarduelli	1958
	Álbuns de partituras	Olávio Scarduelli	1989
	Cavaquinho	Olávio Scarduelli	-
	Livros de missa	Olávio Scarduelli	1970

Fonte: Acervo documental do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', ano 2005.

Dentre as coleções do museu, ainda podem ser encontrados artefatos que fazem referência às famílias Scarduelli, Ronchi, Pedroso, Marques, Martins, Darolt e Felizberto. Contudo, é importante sinalizar que as famílias Martinello, Carradore, Souza e Pelegrini são as que possuem maior representatividade em meio aos acervos, sendo delas o maior número de doações e de peças que hoje compõem o acervo do Museu do Trabalho de Maracajá.

Um outro fator que me chamou a atenção no momento da investigação foi o de encontrar na exposição apenas um elemento (a mão de pilão doada por Jailson Felipe da Silva) que faça referência à família Silva e, especialmente, por se tratar da única doação que não faz parte dos conjuntos coloniais, mas sim do acervo arqueológico. Tal constatação propiciou pensar em questões como: as razões que levaram a família Silva a aparecer como doadora? Como foi a seleção dos objetos

feita pelo museu? Que narrativas em torno de Maracajá estão sendo construídas, afinal, a partir dessa materialidade? Todas essas questões foram suscitadas pela pesquisa, ainda que não seja objetivo deste trabalho respondê-las integralmente.

Nessa paisagem, é possível perceber que o acervo do museu, ao mesmo tempo em que garante a algumas famílias o reconhecimento e a participação no processo de construção da história do município, também revela as ausências daqueles que participaram, mas não tiveram seus nomes destacados ou ao menos mencionados, como é o caso dos grupos afros que foram totalmente invisibilizados no processo.

SEGUNDO CAPÍTULO

POSSIBILIDADES

2 O CENTRO HISTÓRICO CULTURAL 'AVETTI PALADINI ZILLI' E O MUSEU DO TRABALHO: EM MARACAJÁ, O QUE SE PODE E O QUE SE QUER

2.1 OS MUSEUS E SEU PAPEL SOCIAL NO TEMPO PRESENTE

Antes de iniciar a discussão sobre o papel social dos museus no presente e, de maneira peculiar, o papel social do Museu de Maracajá, proponho-me a sinalizar algumas das diretrizes que balizam, de um modo geral, este momento da dissertação.

Primeiramente, é oportuno destacar que após investigar e conhecer o museu, o acervo, os profissionais e suas linhas de atuação, fica claro que o Museu do Trabalho buscou referenciais para a elaboração de seu projeto museológico em uma vertente do campo museológico que se difere bastante de uma museologia preocupada apenas em coletar, preservar, guardar e expor objetos e coleções. Distanciando-se de uma Museologia que se limita e se encerra apenas nessas funções ou de uma museologia que o conceba mais como recurso pedagógico disciplinatório do que propriamente educativo (democrático, dinâmico e reflexivo), o Museu do Trabalho buscou subsídios para sua constituição na corrente museológica que emergiu, em meio a década de 1970, chamada *Nova Museologia*.

Essa vertente, de acordo com Gabriela Aidar, entre outras coisas, “passa a entender o museu como um instrumento provocador de mudanças com vistas ao desenvolvimento social, propondo que sua organização e suas atividades estejam baseadas nos problemas e demandas da sociedade.”¹¹⁸ Assim, mais atentos às problemáticas do presente e também ao contexto global e local, os museus tornam-se agentes de mudança social e promotores de desenvolvimento social e de cidadania.

Por um lado, em seus estudos, Gabriela Aidar sinaliza que os museus, “desde a sua matriz moderna desenvolvida entre fins dos séculos XVIII e começo do XIX, foram concebidos como instituições públicas voltadas à execução de um papel

¹¹⁸ AIDAR, Gabriela. Museus e inclusão social. Patrimônio e Educação, *Ciências & Letras* – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, nº 31, Porto Alegre, jan./jun., p. 53.

social.”¹¹⁹ Contudo, a história revela que o entendimento sobre qual o papel e como este deveria ser desempenhado sofreu mudanças ao longo do tempo, “a partir dos diversos projetos políticos e institucionais, e das próprias discussões que se deram no âmbito da Museologia.”¹²⁰

Provavelmente, nos limiares do século XXI, novos desafios foram postos a essas instituições museológicas. A transição entre os séculos XX e XXI apresentou aos museus problemas sociais e inquietações das mais variadas ordens e dimensões, o que tem levado os agentes responsáveis por essas instituições a desenvolverem projetos e ações que atendam as múltiplas demandas que a cidade coloca hoje, como, por exemplo, a prostituição, as drogas, o racismo, a exclusão social, a inclusão social, entre outros. De fato, os desafios postos aos museus não são poucos.

Diante do descrito, interessa-me refletir também sobre como as comunidades, em sua multiplicidade e especificidade, têm reivindicado e contribuído para que esses agentes sociais cumpram os papéis e as responsabilidades que hoje lhes foram atribuídas. Nesse sentido, ampliando o *zoom* de minha máquina fotográfica para o município de Maracajá, outra questão que merece ser pontuada é a de que, não raro, fadadas ao esquecimento ou a uma dinâmica que as coloquem em um contexto periférico, as comunidades das áreas rurais (como é o caso deste município) vêm lançando esforços para garantir que suas práticas sociais e seus legados sejam também reconhecidos pela coletividade. É, então, nesse cenário que muitos espaços ou, como denomina Pierre Nora, ‘lugares de memória’ acabam sendo criados e/ou musealizados, como foi o caso do Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’, com a fundação do Museu do Trabalho.

Em Maracajá, à medida que se foi percebendo que a dinâmica industrial vinha, paulatinamente, ressignificando a economia local, ao substituir o modelo de economia agrícola artesanal por um modelo industrial - o qual foi impulsionado também pelo comércio e por outros modos de produção que atendessem as ‘novas’ demandas econômicas - é que esforços foram lançados na busca por afirmação social dos grupos que hoje compõem a comunidade maracajaense, neste momento de transformações significativas por que passa o contexto local e global. Por outro lado, esses esforços também sinalizam para as ‘novas’ formas de resistências que

¹¹⁹ *Ibid.*

¹²⁰ *Ibid.*

estavam sendo geridas dentro da própria comunidade em contrapartida à nova configuração de economia.

A partir do descrito, pode-se perceber que as últimas décadas do século XX têm se apresentado como momentos propícios para reflexões e questionamentos; são momentos de mudanças e de repensares, de inquietações, mas também apresentam-se como o berço das dúvidas e a maternidade das suspeitas. Nesse palco de transformações, os debates e os olhares que antes eram dedicados apenas a parcelas específicas da população estão aos poucos se ampliando para outros públicos e contextos. Dentre esses públicos, que reivindicam atualmente o seu espaço, estão os cidadãos comuns, aos quais a ‘historiografia oficial’ geralmente tem renegado um lugar na história e que, em vista disso, tiveram suas histórias contadas por “outros”. Esses segmentos sociais, que até décadas atrás foram “esquecidos” pelos registros oficiais, hoje vêm, cada vez mais, organizando formas para reafirmar suas práticas sociais, reconhecer seus patrimônios culturais e, sistematicamente, perenizar suas experiências para as futuras gerações.

Nessa paisagem, as inquietações e tensões do presente, somadas ainda a outras que foram reveladas ao longo da história, exigiram que ‘novos’ olhares fossem lançados ao patrimônio cultural e, principalmente, que se questionasse o que vinha sendo considerado como patrimônio cultural no Brasil e no mundo. É salutar lembrar que por muito tempo foram considerados como patrimônio apenas os objetos que representassem a memória nacional e os centros históricos já reconhecidos e protegidos pelos órgãos governamentais. Desta forma, é possível dizer que muitos dos patrimônios que conhecemos hoje foram criados e/ou construídos com um mesmo fim: o de constituir uma ‘identidade’ dita ‘nacional’ e ‘comum’.¹²¹

De acordo com as autoras Elizabete Tamanini e Zilma Isabel Peixer, a casa-grande, as igrejas, os fortes militares, foram utilizados como referências para a construção de nossa identidade nacional; contudo, as memórias e as experiências

¹²¹ Relacionada a esta perspectiva está o estudo da Maria Regina de Abreu, intitulado ‘*A fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*’, que procura descortinar o universo das ‘consagrações’ ou, na expressão da autora, a ‘fabricação do imortal’, a partir de uma descrição densa, sobre como os imortais (que podem ser também aproximados com as identidades) têm sido ‘fabricados’ e/ou ‘desfabricados’ por estratégias de consagração que se definem de acordo com os anseios de cada contexto histórico. Ver: ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, 225 pp.

das pessoas comuns foram, por sua vez, esquecidas ou renegadas.¹²² As instituições museológicas, ao longo do tempo, preocuparam-se em reforçar os valores de grupos privilegiados e, em especial, reafirmar as práticas sociais das elites e de algumas classes mais favorecidas. Margarida Barreto lembra que por muitos séculos os museus foram criados e, também, mantidos “[...] pela realeza, pelo clero ou pela burguesia, de acordo com seu padrão de gosto e em razão de suas necessidades”¹²³. Assim, os museus eram considerados como instituições “guardiãs de tesouros da classe dominante” que revelavam por meio de suas coleções todo o poder e a glória de seus donos.

Todavia, a partir da década de 1970, repleta de movimentos sociais, políticos e culturais em diferentes partes do mundo, abriu-se espaço para que debates fossem lançados acerca da função que essas instituições museológicas assumiram ao longo do tempo. A preocupação com a função social dos museus levou profissionais e pesquisadores da área a lançarem críticas severas ao modelo tradicional europeu que havia sido adotado. Até aquele momento, os museus não se apresentavam como espaços interativos e de comunicação, eram apenas espaços preocupados em reverenciar os grandes feitos e as memórias de determinados grupos sociais.

A partir da década de 70, as preocupações com as ações educativas dos museus são intensificadas, pois é o momento em que a escola começa a perceber os museus como espaços sócio-educativos e como “uma extensão da [própria] escola”, como assinala Judite Santos Primo. Este é o momento de renovação, também, do campo educacional, com as novas correntes pedagógicas. Essa renovação do campo disciplinar educativo levou os profissionais dos museus a repensarem suas ações educativas que, até então, preocupavam-se apenas com a produção de materiais didáticos e com as conhecidas visitas guiadas.

Ao longo de séculos os museus se limitaram a colecionar e conservar coleções, em geral de obras de arte, na crença de que os objetos tinham um fim em si mesmos, independente de sua representação ou significação. No tocante às exposições, estas reforçaram ainda mais a distância estabelecida entre os museus e o público, tanto devido à forma quanto ao

¹²² PEIXER, Zilma Isabel; TAMANINI, Elizabete. *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: Educação popular e herança cultural no século XXI*. Revista Arqueologia Pública, Vol. 2, p.23-32, CAMPINAS - NEE, SP, Brasil, 2007.

¹²³ BARRETTO, M.. *Turismo e Legado Cultural*. 3. ed. Rio de Janeiro: Papyrus, 2002, p. 62.

conteúdo, pois não passavam de miscelâneas, reunindo peças representativas do gosto de aristocratas, voltadas ao oficialismo e ao culto de tradições. Mesmo depois do surgimento de museus preocupados com uma visão pedagógica e universalista, dedicados a grandes temas, como Belas Artes, História e Ciências Naturais, as exposições ainda permanecem herméticas, codificadas de tal forma que restava ao público apenas admirar os objetos expostos sem, contudo, compreendê-los enquanto testemunhos de seu patrimônio cultural.¹²⁴

Deste modo, e de acordo com as autoras Elizabete Tamanini e Zilma Isabel Peixer, que em suas pesquisas se preocuparam em analisar “as abordagens e interfaces entre educação e movimentos sociais, educação popular e educação, educação e museologia, sociedade e cultura”¹²⁵, algumas questões me instigaram a pensar: Como se pode transformar um museu em um espaço interativo, democrático e pedagógico? Como disponibilizar as informações no museu atendendo diferentes públicos e diferentes realidades sociais? Como afastar-se dos estereótipos e rótulos herdados secularmente pelas instituições de cultura e de educação?

Algumas respostas, ou melhor, indícios para a sua formulação, podem ser encontrados em documentos produzidos pela comunidade museológica nas últimas décadas e que se referem às novas formas de atuação dos museus. Conforme Judite Santos Primo, esses documentos “são o resultado da reflexão conjunta de profissionais que buscam a evolução de idéias na sua área de atuação”¹²⁶, ao passo que traduzem o pensamento museológico do nosso século, além de repensar as práticas dos museus frente a sua função social, especialmente na América Latina.

Entre tais documentos está a Declaração de Santiago do Chile -1972, que propõe os princípios de um Museu Integral. Este novo conceito pressupõe que as instituições museológicas sejam instrumentos de transformação e de mudança social. Para além das funções de recolha e conservação de objetos, os museus devem ser agentes de transformação e proporcionar “[...] à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural”¹²⁷, como assinala a mesma autora.

¹²⁴ ALMEIDA, Cícero Antonio Fonseca de. Texto de apresentação. In: ARNAUT, Jurema Kopke; ALMEIDA, Cícero A. Fonseca (Org.). *Museografia: a linguagem dos museus a serviço da sociedade e de seu patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: IPHAN: OEA, 1997, p. V.

¹²⁵ PEIXER; TAMANINI, *Op. Cit.*, p. 2.

¹²⁶ PRIMO, Judite Santos. Pensar Contemporaneamente a Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia* (16). Lisboa: Centro de Estudos de SocioMuseologia, 1999, p. 6.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 10.

A partir da Declaração de Santiago incorporaram-se aos museus as teorias pedagógicas que consideram que a educação se constrói de forma dialógica. Nada de conhecimento depositado, como se fossem “transações bancárias”, nas quais se deposita e pode-se sacar o conhecimento mediante um exame. Conforme Paulo Freire, o conhecimento só se constrói em comunhão entre educador e educando.¹²⁸

A Declaração de Quebec, em 1984, no Canadá, dentre os documentos citados, é, conforme Judite Primo, o único que não foi discutido na América Latina, mas na América do Norte. Nele estão expressos os princípios de bases para uma Nova Museologia. Trata-se de um movimento que dicotomiza e contrapõe os fazeres museológicos: Museologia Tradicional x Nova Museologia. Entretanto, isso não implica dizer que existam duas museologias, mas dizer que existem formas diferentes de conceber o saber e o fazer museológico. Neste novo fazer “a investigação e a interpretação assumiam importância no contexto museológico. O objectivo da museologia deveria ser, a partir deste momento, o desenvolvimento comunitário e não só a preservação de artefactos materiais de civilizações passadas.”¹²⁹

Em 1984, no México, a Declaração de Oaxtepec reforça a ideia de Nova e Velha Museologia; institui os Ecomuseus e declara que a relação entre património-território-comunidade é indissolúvel. Outra consideração que esta declaração faz saber é sobre a preservação *in situ*. Aqui, alargam-se as concepções de espaços museais, e o próprio espaço territorial passa a ser musealizável.

Na Venezuela, em 1992, a Declaração de Caracas eleva o conceito de Museu Integral, proposto pela Declaração de Santiago do Chile, ao conceito de Museu Integrado. O museu passa a ser pensado como integrador; assim, a comunidade apresenta-se como a co-gestora de seus próprios patrimônios, identificando o que lhes desperta interesse e o que lhes faz sentido.

De acordo com as reflexões de Judite Santos Primo, em sua obra ‘Pensar contemporaneamente a Museologia’, essas Declarações trouxeram uma nova expressão para a museologia do século XX. Para a autora,

o museu passa a actuar, independentemente da sua tipologia e do seu acervo, como um canal de comunicação e reforça-se como interventor social; redefine-se novas práticas museográficas que visam uma maior

¹²⁸ FREIRE, *Op. cit.*

¹²⁹ PRIMO, *Op. cit.*, p. 12.

eficácia da ação museológica. Dá-se início ao processo de implantação de cursos Universitários para a formação de profissionais que atuem na Museologia e, consolida-se o processo de construção da Museologia enquanto Ciência Social. Novas tipologias de museus surgem e se legitimam, é o caso dos museus ao ar livre, Ecomuseus, museus de vizinhança, museus locais.¹³⁰

Sabe-se que a promoção da cidadania não é apenas responsabilidade da escola, tampouco ela acontece somente neste espaço. Deste modo, cabe aos museus contribuir na promoção da educação, como também cabe à escola aproveitar os espaços de sala de aula e os momentos de interações para desafiar e se sentir motivada a lidar com as diferentes linguagens e práticas culturais.

Os museus, sem deixar de ser instituição, são essencialmente processos cujo maior objetivo deve ser o de contribuir para a transformação de uma realidade que é pouco dominada pela comunidade. Neste intuito, cabe a essas instituições renovar e adequar suas mensagens e exposições ao cotidiano da comunidade a que se referem, pois mais que um agrupamento de peças, as exposições dos museus devem comunicar, devem ter os objetos [artefatos] ampliados por relatos, pelas histórias de vida e pelas reminiscências, conforme aponta David Lowenthal, além de auxiliar na busca de soluções para os problemas sociais, políticos, ambientais e econômicos que precisam ser entendidos ou superados.¹³¹

Sob esse prisma, pode-se dizer, que o museu de Maracajá vem atuando de acordo com os pressupostos sugeridos por este autor, principalmente, no que se refere ao conjunto documental das exposições fotográficas, que além de auxiliarem na compreensão do momento histórico de Maracajá reconstituído no museu, ainda incita os visitantes – e, neste caso, os moradores mais idosos – a rememorem um momento da história maracajaense, que eles, de alguma forma, ajudaram a construir.

Mais do que educativos e pedagógicos - aqueles que apenas ‘ensinam’ e outros tantos que apenas ‘educam’ -, os museus precisam ser interativos. É necessário que neste espaço se estabeleçam relações entre os visitantes e os objetos expostos. A museografia torna-se, então, fundamental, quando propõe exposições que se apresentam como cenários aos visitantes. Por meio de uma

¹³⁰ *Ibid.*, p. 26.

¹³¹ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto história* [PUC-SP], S. Paulo, n. 17, nov. 1998, p. 63-201.

exposição é possível fazer provocações aos visitantes que os levem a buscar soluções ou questionar suas próprias experiências e práticas.

Face ao exposto, é preciso que as instituições museológicas adotem uma nova postura: nada de espaços que organizem exposições herméticas nas quais “ao público restava [apenas] um ‘comportamento passivo’ [diante das exposições], visto que não conhecia os códigos científicos que regiam tal lógica”¹³². Tampouco espaços explicativos que se preocupam em “ensinar” e em o público “aprender”. O que se pretende agora, no presente, é que os museus constituam-se em espaços considerados como cenários, onde os objetos sejam vetores para a construção de sentidos e, sobretudo, um lugar onde “o público é incluído como participante criativo e os papéis de ‘enunciador’ (aquele que elabora o discurso, emissor) e ‘enunciatório (aquele que o recebe, receptor) tendem à sobreposição”¹³³

Desta forma espera-se que os museus minimizem a distância com o público (escola, comunidade, etc), que eles adotem uma postura interacionista e que atuem, especialmente, no estreitamento das relações entre a educação formal e não-formal. Para, além disso, que se apresentem como espaços plurais e abertos a questionamentos e reflexões, inclusive no tocante aos discursos e às narrativas que estão postas neste espaço e nos desdobramentos que essas construções podem ou devem causar.

Há que se ponderar, portanto, que a ‘nova museologia’ ampliou consideravelmente as noções relativas à preservação, pesquisa e comunicação. Outro fator positivo que ela revelou foi o de introduzir de maneira contundente a preocupação e a necessidade das instituições museológicas assumirem uma função social mais dedicada à população e não somente aos grandes nomes e feitos da história de nosso país.

Provavelmente, no tocante ao Museu de Maracajá, há que se considerar algumas premissas. A primeira delas é que mesmo com todos os incentivos lançados pelas políticas de incentivo à área cultural no Brasil, principalmente para o campo museológico, nos últimos anos, como é o caso dos Editais de Modernização de Museus ou ainda outros editais que subsidiam, de uma maneira geral, a aquisição de acervos, de restauros, entre outras possibilidades, o museu de Maracajá

¹³² CURY, M. X. *Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico- metodológica para os museus*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 365-80, 2005, p. 368.

¹³³ *Ibid.*

nunca conseguiu classificar-se em nenhuma das seleções desses editais de que participou até o momento. De fato, por razões distintas os projetos sempre esbarram nas etapas classificatórias, o que a meu ver se justifica pelo fato de contar com um quadro deficitário de profissionais e manter-se a duras penas com repasses mínimos para a manutenção de suas atividades. Assim, os museus de pequeno porte, como é o caso do Museu do Trabalho, não encontram condições de concorrer com os museus mais estruturados, nesses editais.

Nesse cenário, ao que tudo indica, o museu de Maracajá se mantém vivo e ativo hoje mais por “persistência” do que propriamente por incentivo de agenciamentos públicos e privados ou rubricas orçamentárias. Por outro lado, é oportuno destacar que este museu não conquistou também inserções no planejamento orçamentário municipal, ele contando apenas com o subsídio de materiais que são concedidos diretamente pela Secretaria de Educação do município. Entretanto, as verbas orçamentárias que já foram conseguidas, especialmente para algumas publicações de livros e de pesquisas acadêmicas, foram viabilizadas por intermédio da Associação Cultural de Maracajá que propõe projetos a órgãos públicos, como é o Caso do Banco do Estado de Santa Catarina – BESC, vinculado atualmente ao Banco do Brasil.

No entanto, longe de demonstrarem desmotivação devido a este fato, tanto a comunidade (municípios atuantes) quanto o corpo funcional e os diversos segmentos das esferas públicas municipais e estaduais do município ligados a ele, empenham-se dentro de suas possibilidades para fazer deste museu um espaço de socialização e produção conhecimentos, onde a valorização e a revitalização da cultura maracajaense sejam, além de vetores, fontes para o desenvolvimento social e sustentável das comunidades e do município.

2.2 O MUSEU DO TRABALHO E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Ao se travar contato com os documentos de doações, os arquivos de jornais e os relatórios de atividades do museu, foi possível perceber que a comunidade maracajaense teve participação efetiva nas demandas que desencadearam a criação do Museu do Trabalho. Do mesmo modo, pode-se dizer que sem a participação da comunidade, provavelmente, a possibilidade de se organizar um espaço

museológico em Maracajá seria bastante remota, haja vista a falta de recursos financeiros para a aquisição dos acervos e de elementos humanos para o desempenho das tarefas de mapeamentos e de sistematização do museu.

Nesse sentido, cabe destacar que, embora as motivações iniciais para a organização do museu tenham partido de um grupo de acadêmicos preocupados com a preservação e salvaguarda do patrimônio cultural das comunidades, foram os munícipes que acabaram por adotar e potencializar as ideias e as ações de desenvolvimento do projeto. Além disso, é oportuno sinalizar ainda que os esforços empreendidos pelas diversas divisões municipais, de um modo geral, também viabilizaram as condições (econômicas e jurídicas) necessárias para a sua criação e instalação.

Mediante o quadro acima, outro aspecto que merece novamente ser ressaltado é que o mapeamento arqueológico realizado no município teve o auxílio da comunidade maracajaense e também contou com a participação de um grupo de acadêmicos do Curso de História da UNISUL¹³⁴, que se dispuseram a contribuir, voluntariamente, para os caminhamentos e para a identificação dos artefatos. Outro ponto de igual relevância deu-se ao consultar o banco de dados de história oral e os arquivos de jornais do museu, no qual encontrei depoimentos que novamente indicam a participação da comunidade na composição do acervo audiovisual e fotográfico do museu.

No entanto, para melhor compreender esse caminhar, é necessário sinalizar que o termo Patrimônio Cultural toma sentido neste estudo como o conjunto de bens materiais e imateriais que conferem identificação e autorreconhecimento a um povo ou a uma comunidade num determinado contexto histórico. E, de acordo com Maria de Lourdes Parreiras Horta, o patrimônio constitui-se por um

conjunto de experiências e conhecimentos compartilhados por um grupo, das habilidades e comportamentos que passam a dominar e vivenciar e que foi sendo gradualmente repassado, no seio dos grupos familiares e tribais, dos mais velhos e experientes para os mais jovens, os aprendizes, constitui o que chamamos hoje o “patrimônio cultural” de um grupo.¹³⁵

¹³⁴ Acadêmicos/as da 8ª fase do Curso de História do ano de 2005.

¹³⁵ HORTA, M. de L. P. . Patrimônio Cultural e Cidadania. POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete (Orgs.). *Museologia Social*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000. p.15.

Ainda segundo a autora, é possível esclarecer que o patrimônio cultural, cuja raiz da expressão significa o que foi acumulado e herdado dos pais, dos ancestrais, é uma ‘herança’ de “conceitos, valores e práticas, representados concretamente por palavras, sons, ritmos, gestos, expressões faciais e corporais, rituais, histórias e lendas, tecnologias e práticas, imagens, coisas, artefatos, construções e monumentos.”¹³⁶ De forma semelhante, e também num esforço de definir o termo patrimônio, Miriam Arroyo de Kerriou sinaliza a Carta de México em Defesa do Patrimônio Cultural, de 1976, para conceituar como patrimônio cultural de um país “o conjunto dos produtos artísticos, artesanais e técnicos, das expressões literárias, lingüísticas e musicais, dos usos e costumes de todos os povos e grupos étnicos, do passado e do presente.”¹³⁷

Deste modo, para vislumbrar a relação dinâmica entre o ‘passado e presente’ e ‘patrimônio cultural e a comunidade’, bem como seus caminhos e contextos em Maracajá, dedico agora atenção aos objetos que foram doados pelos munícipes (para serem musealizados), os quais me permitiram conhecer, a partir da documentação museológica dos acervos, algumas das motivações que levaram a comunidade maracajaense a fazer as doações. Para tanto, utilizo como fonte o conjunto documental de depoimentos de doadores que justificam a sua ação de doar. E, como assinalam Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro Carvalho, investigar a ação de doar “é sempre significativa, já que não ignora o lugar social do novo guardião, especialmente quando se trata de um museu que acumula sentidos ligados à fundação da cidade”¹³⁸, de uma comunidade ou mesmo de um bairro.

Partindo dessa premissa, ao observar as doações feitas pelos munícipes de Maracajá, no momento da organização do Museu do Trabalho, percebi como os objetos ou os ‘semióforos’¹³⁹, na perspectiva dos autores Krzysztof Pomian e

¹³⁶ *Ibid.*

¹³⁷ KERRIOU, Miriam Arroyo de. Museu, patrimônio e cultura: reflexões sobre a experiência mexicana. 89-99. In SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992, p. 89.

¹³⁸ CARVALHO, V. C. de; LIMA, S. F. de. Cultura material e coleção em um museu de história: as formas espontâneas de transcendência do privado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte, MG: Argumentum; Brasília, DF: CNPq, 2005, p. 85-86.

¹³⁹ Segundo Pomian (1984, p. 71) “de um lado estão as coisas, os objetos úteis, tais como podem ser consumidos ou servir para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torná-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente. [...] De um outro lado estão os semióforos, objetos que não têm utilidade [...] mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura.” Para Chauí

Marilena Chauí, são carregados de significados. Da mesma forma, ao investigar as transcrições das entrevistas orais do acervo do museu de Maracajá, constatei que parte das doações dos objetos que compõem os diversos acervos foram estimuladas por um forte desejo de ver os objetos da família ou dos entes queridos (*in memoriam*) salvaguardados e apresentados/expostos em um espaço público reconhecido. Ao que me parece, maior que o sentimento de afeto para com o objeto foi o desejo de ver perenizadas e legadas as memórias dessas famílias às futuras gerações por meio de um espaço “consagrado”, como é o museu.

Na busca por indícios que permitissem desvelar a atuação da comunidade e, portanto, seu desejo de preservação, encontro dentre os arquivos do *Jornal Folha Regional* um conjunto de edições do ano de 2007, que trazem, entre suas matérias, depoimentos e entrevistas feitos com alguns dos doadores de acervos do museu. De acordo com a coluna, datada do mês de agosto e organizada por Lúcio Vânio Moraes, o Sr. Vendramino Zilli – representante da Família Zilli -, hoje agricultor aposentado, com 76 anos de idade, foi um dos doadores de acervos que doou ao museu um objeto chamado bate enxada (figura 17).



Figura 17 : Doação de Bate Enxada, Sr. Vendramino Zilli.
Fonte: Acervo Digital do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli'.

(2000, p.12) “[...] um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for um local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação.”

Conforme o colunista Lúcio Vânio Moraes, o objeto doado é um patrimônio “bastante desconhecido entre as pessoas da atualidade” e, na memória do doador, “esse objeto conhecido como ‘Bate Enxada’ foi comprado pelo avô João Zilli na Itália, no ano de 1880, aproximadamente. Ele possui 130 anos.”¹⁴⁰ Por sua vez, no decorrer da entrevista, Sr. Vendramino narra ao entrevistador como esse patrimônio era utilizado pelos agricultores no passado e apresenta ainda as funções principais e a importância de se ter um objeto como este naquele momento.

Nas palavras do doador, o bate enxada era “levado para a roça e fincado em uma madeira, ou em um tronco e batia a enxada para ela ficar fina, pois cortava melhor.”¹⁴¹ Desta forma, é possível perceber nas falas do morador o quanto o objeto doado lhe foi útil para o desempenho das atividades agrícolas e, mais que isso, o valor emocional e o sentimento de apego que ele dedica ao objeto por ter sido uma aquisição de seu avô.

De forma similar, outras doações chegaram ao museu pelas mãos de Dona Carmem Gonçalves, que explicita a Lúcio Vânio Moraes os motivos que a levaram à doação.

Dona Carmem Gonçalves de Oliveira, uma das doadoras de acervos ao Centro Histórico, natural de Maracajá, 61 anos, [...] esposa do prefeito Sr. Antenor Apolinário de Oliveira, (in memorian), narra que “eu guardei muitos objetos do Nono (seu esposo), como uma recordação, com zelo, pois era dele né. Agora faço a doação porque vai servir no Centro Histórico.”¹⁴²

Com base nos depoimentos dos doadores, como o do Sr. Vendramino e Dona Carmem, é possível perceber como a memória é acionada ao manter contato com os objetos que guardam (e/ou colecionam) com apreço. Nas palavras de Dona Carmem, os objetos lhe causam estima por pertencerem a seu esposo (in memorian); já para o Sr. Vendramino, este apego se dá pelo fato de o objeto ter sido comprado por seu avô, na Itália, e ter hoje 130 anos. Deste modo, mais do que por seu valor histórico, esses objetos, agora destituídos do valor de uso, têm sido

¹⁴⁰ MORAES, Lúcio Vânio. Patrimônio “Bate Enxada” revela dificuldades na área da agricultura. *Jornal Folha Regional*, 03 de agosto. 2007, p. 3.

¹⁴¹ *Ibid.*

¹⁴² MORAES, Lúcio Vânio. Preservar e estudar Doação de Patrimônios ao Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’. *Jornal Folha Regional*, 08 de junho. 2007. p. 2.

geralmente guardados por serem vetores de lembranças e estarem imbuídos de laços de afetividade e de consanguinidade, como bem indicam os depoimentos.

Outro aspecto importante, ainda sobre o binômio memória-objeto, é que a partir das narrativas dos doadores pode-se perceber como a memória opera no sentido de preencher as lacunas e os vazios causados pelos esquecimentos ao longo da vida (como guardar os documentos do ente querido para não esquecer datas e fatos – caso de Dona Carmem) e propõe certo poder a um objeto, como é o caso do Bate Enxada recebido do avô. Desta forma, os discursos da memória são, comumente, atravessados por relações de subjetividade entre o objeto e seu guardião e, não raro, desdobram-se em construções nostálgicas e ressignificadas (ou reinventadas) no presente, com o presente e também para o presente.

De acordo com Ulpiano Bezerra de Meneses, mais do que representações de trajetórias individuais, “os objetos funcionam como vetores de construção da subjetividade e, para seu entendimento, impõem, já se viu, a necessidade de se levar em conta seu contexto performático.”¹⁴³ Assim, os estudos sobre as coleções de objetos têm mostrado que, mais que ícones de informação, os objetos de coleções podem desempenhar ainda um caráter de representação sobre um grupo, uma cultura ou fenômeno. Desta maneira, os objetos de coleções não se encerram em sua materialidade física, mas se abrem como teias de significados que merecem ser refletidas e analisadas.

Para compreender melhor o ato de colecionar, busco nos estudos de Krzysztof Pomian argumentos que esclareçam e delimitem um sentido para o termo coleção. Conforme Pomian, coleção é “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial, num local fechado, preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público”¹⁴⁴. Partindo desta definição, o museu é, então, uma instituição bastante propícia para receber essas coleções, pois atende a grande maioria dos requisitos (exceto de ser lugar fechado, mas sim ‘delimitado’ como é o caso dos museus percursos), mesmo que não pretenda, de maneira alguma, no presente, se encerrar neles.

¹⁴³ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e cultura: documentos pessoais no espaço público. In *Estudos Históricos - Arquivos Pessoais*, v. 11, n. 21, 1998, p. 96.

¹⁴⁴ POMIAN, K. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi - Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. v.1, p. 53.

Outra questão que o autor faz saber é que vários são os motivos que levam os indivíduos a constituírem coleções: alguns colecionam pelo instinto de propriedade e/ou propensão para acumular; para outros, colecionar é fonte de prazer estético, de poder ou de prestígio; já outros organizam coleções para adquirirem conhecimentos históricos e/ou científicos ou ainda pela necessidade de preservação da memória.

O fato é que, motivados ora pelo *desejo de guardar*, ora de ver suas histórias cristalizadas em um espaço museológico, os moradores contribuíram e muito para a sistematização do Museu do Trabalho, no município de Maracajá. Nesse contexto de salvaguarda, Maria Teresa Santos Cunha, a partir da leitura que faz da crítica literária, Beatriz Sarlo, chama atenção para a “ânsia de *guardar passado e criar memórias*”. Para Cunha,

nunca, como hoje, a memória foi um tema tão espetacularmente social. Vivemos uma febre preservacionista que tudo transforma em relíquia onde a tônica é a celebração do passado e mesmo a aceleração do tempo - que parece exigir a dissolução do passado – tem, paradoxalmente, feito nascer novos museus, romances históricos, filmes que revisitam outros tempos, publicações de testemunhos, autobiografias, relatos identitários, um verdadeiro dever de memória está instaurado.¹⁴⁵

Em Maracajá, o desejo de memória e a “febre preservacionista”, conforme denominação da autora, fica refletido de maneira efetivamente clara no Centro Histórico Cultural, mais especificamente no museu do que propriamente na biblioteca (que também recebeu diversas doações), o qual reúne em seu acervo parte das memórias dos grupos (ou de alguns deles) que habitaram e colonizaram a região. Por outro lado, fica evidente também o desejo de seus moradores em doar seus acervos pessoais a fim de que se tornem acervo de museu e, por conseguinte, contribuam com as ações educativas da instituição museológica.

A questão é que, longe de querer dar conta de discussões dessa amplitude ou de fazer aproximações comparativas com o museu em questão, chamo atenção para os apontamentos feitos pelas autoras Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro Carvalho, as quais, ao analisarem as relações entre o museu e as coleções recebidas, atentam para “o uso do museu como estratégia para romper os limites da

¹⁴⁵ CUNHA, M. T. S.. Essa coisa de guardar...Homens de letras e acervos pessoais. In: *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, Maio/Ago 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 16 de outubro de 2009.

vida doméstica – cotidiana, perecível e estritamente privada – a atingir a vida pública”¹⁴⁶. Nesta lógica, “fazer uma oferta ao museu é uma forma de apropriação física do espaço público e de ressignificação dos sentidos que esta instituição propaga.”¹⁴⁷ Desta forma, entender o ato de selecionar objetos, papéis e imagens de família e, posteriormente, oferecê-los a um museu poderia, então, desvelar o significado social de algumas doações ou alguns de seus objetivos.

Ao investigar a documentação dos acervos, atentei minha curiosidade para o fato de que constantemente acompanhando as cartas de doação, arquivam-se também no museu os registros fotográficos das doações (figura 18) e os depoimentos dos doadores que contam a trajetória do artefato ou de seu valor de uso, antes de sua integração ao acervo do museu. Outra constatação, a saber, é a de que, após o ato de doação, as entrevistas com doadores são veiculadas em mídia impressa, como é o caso do *Jornal Sem Censura*, que tem publicado uma série de matérias que tematizam a preservação patrimonial em Maracajá, como mostra a figura 19. Ao que tudo indica, a publicação seria uma forma de incentivar mais pessoas a fazerem doações.



Figura 18: Doação de acervos, Sr. Gervásio Mondo.
Fonte: Acervo de Lúcio Vânio Moares, 2007.



Figura 19: Matéria sobre a doação de acervos-
(na Casa do doador).
Fonte: Acervo de Lúcio Vânio Moares, 2007.

Da mesma maneira que o Sr. Gervásio Mondo, apresentado nas figuras 18 e 19, o qual doou seu caderno de anotações e uma medalha de bronze recebida por mérito em sua trajetória na empresa Souza Cruz, o Sr. Olávio Scadualli também fez

¹⁴⁶ CARVALHO; LIMA, *Op. Cit.*, p. 87.

¹⁴⁷ *Ibid.*

doações de acervo (livros de cantos) ao museu. No depoimento do morador, concedido ao pesquisador de história local Lúcio Vânio Moraes, fica perceptível o apego aos objetos, mas também o desejo de que a história desses 'bens' seja conhecida e apropriada por toda a comunidade maracajaense. Ao fazer uso da doação, o Sr. Olávio pondera: "eu trouxe os objetos, pois acredito que vai servir para as pessoas estudarem, que vai servir para alguma coisa na história da cidade. **São importantes para minha vida**, mas faço a doação. (grifos meus)"¹⁴⁸. Nas palavras do doador imbrica-se o desejo de que seus pertences¹⁴⁹, os quais trazem indícios de um momento em que ele foi atuante no coral da igreja católica, sejam reconhecidos e apropriados pela coletividade.

Na mesma investida, doa-se junto ao objeto o sentimento fervoroso de religiosidade, que neste exemplo confessa a fé católica. Para além disso, está ainda a representação da figura masculina nas atividades da igreja e sua forte atuação nos eventos dos corais. O objeto doado, carregado de significados, é, então, cortejado e toma um lugar de destaque na exposição colonial do museu.

Não obstante, embora já destacado anteriormente, faz-se necessário reforçar a propensa atuação dos pesquisadores locais tanto para a mobilização da comunidade quanto para a coleta, organização, preservação e divulgação dos acervos. Para esclarecer essa questão encontro subsídios em uma matéria publicada no Jornal Sem Censura, intitulada 'Memória do trabalho e doação de acervos', datada de 09/11/2007, a qual descortina como as doações de acervos podem não ter sido de todos espontâneas e voluntárias. Nas palavras de Lúcio Vânio Moraes, ao fazer referência à doação do Sr. Gervásio Mondo, o colunista

¹⁴⁸ MORAES, Lúcio Vânio. Sr. Olávio Scaduelli e Doações de acervos. *Jornal Folha Regional*, 28 de setembro. 2007. p. 3.

¹⁴⁹ "Os acervos que o Sr. Olávio doou possuem proximidade com seu trabalho na Paróquia e com outras atividades ocorridas em Maracajá. Ele doou: um diapasã cromático para tirar notas musicais; livros de cantos e com notas musicais para coral (na língua latina e portuguesa); álbuns de partituras para coro; livro de coro misto, livro de cantos sacros e copos de cerâmica" (MORAES, L. V.. Acervos doados: Memória preservada. *Jornal Folha Regional*, 12 de outubro. 2007. p. 3). Todavia, conforme afirma a historiadora Ângela Maria de Castro Gomes, essa ótica de 'espontaneidade' e 'autenticidade' nas doações de acervos e, principalmente, em se tratando dos "documentos pessoais precisa ser [melhor] trabalhada", pois nem os acervos individuais ou os coletivos, nem o das elites ou os das pessoas comuns, devem ser considerados neutros. Desta maneira, "os documentos pessoais em nada diferem de todos os demais documentos históricos. Dito de outra forma, o feitiço pode estar em toda parte [...]". Em seu texto, Gomes, lembra que o pesquisador deve estar atento às intencionalidades de qualquer documento, e, do mesmo modo, das doações. (Gomes, A. de C.. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 126. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em: 25/03/2010.

destaca: “Sr. Gervásio Savi Mondo (73 anos) é mais um maracajaense que **deseja contribuir** para a preservação da memória e história de Maracajá e região. **Foi instigado em fazer doação de acervos** materiais ao Centro Histórico Avetti Paladini Zilli dessa cidade.”¹⁵⁰ A partir daí fica perceptível que alguns moradores tiveram que receber diversos incentivos para, posteriormente, motivarem-se a fazer doações.

Outro fragmento do artigo “Doações de acervos ao Centro Histórico de Maracajá: memórias preservadas” aponta para um movimento de conscientização prévia dos moradores antes da efetivação das doações. Este artigo, publicado em 06/07/2007, antecede as demais publicações que são datadas geralmente entre 20/07/2007 e 23/11/2007, o que pode ser um indicativo de que as doações ganharam maior impulso com a veiculação das matérias do *Jornal Sem Censura*, como mostra a citação a seguir.

Para finalizar o texto, outro alerta que vai é um pedido; que se você possui acervos em sua residência, seu local de trabalho ou em outro ambiente, faça doação ao Centro Histórico de Maracajá. Jamais permita que tais acervos tomem outros rumos, como o mais comum é para o lixo. São nas simples faxinas, que se é jogado no lixo e perdido muitas memórias. São os acervos, aquelas coisas “velhas”, como muitos modernos expressam, que está ocupando lugar; isso é que estamos a procura. Isso você pode nos doar ao invés de dar outros rumos, como foi o que aconteceu em Tubarão, que colocaram no lixo um álbum de fotografias que revelava boa parte da história daquela cidade.¹⁵¹

De maneira semelhante, no texto ‘*Entre o ensino e a pesquisa: as “Casas de Turma” (Maracajá, 1946-1947), como patrimônio cultural – relatos de uma experiência de estágio*’, Lúcio Vânio Moraes e Ademir Henrique, ao desenvolver trabalho de pesquisa sobre as “Casas de Turma”¹⁵² pela Universidade do Extremo

¹⁵⁰ MORAES, Lúcio Vânio. *Memória do trabalho e doação de acervos*. *Jornal Folha Regional*, 09 de novembro. 2007, p. 3.

¹⁵¹ _____. *Doações de acervos ao Centro Histórico de Maracajá: memórias preservadas*. *Jornal Folha Regional*, 06 de julho. 2007, p. 2.

¹⁵² C.f. SOUZA; FREITAS (2004), “ao longo dos tempos a construção de centros cívicos e à organização e estruturação das cidades, trataram de destruir os vestígios dos primeiros habitantes que, nesses locais, construíram uma história. Por exemplo, a linha férrea que cortava o município de Maracajá foi totalmente destruída para construção de praças e de estradas, hoje restam apenas as “Casas de Turma”, que abrigavam os moradores que vieram para o município em busca de empregos na construção da estrada de ferro. Essas casas foram habitadas, no decorrer dos anos, por diferentes pessoas; algumas se mantiveram conservadas, mas muitas estão descaracterizadas. Acredita-se que se esses patrimônios históricos do município não forem reconhecidos e até tombados, serão extintos.” SOUZA, Odécia Almeida de; FREITAS, Beibiane Rocha de. *Educação Patrimonial nos*

Sul Catarinense, enfatizam novamente a necessidade de preservação e, mais que isso, a importância dos maracajaenses (neste caso, os alunos) conhecerem a história do município por meio dos patrimônios que possuem.

Os pesquisadores reiteram ainda a necessidade de que tomemos a cidade como objeto de estudo e, em especial, cidades cuja memória e história está se perdendo devido à ideia de “avanço”, de “progresso” e pela lógica de mercado que propõe o novo em substituição ao “velho”, “antigo” e “ultrapassado”. Para eles, “pesquisar a cidade é preservar memórias, história de homens, mulheres e crianças que deixaram suas marcas registradas na materialidade de uma época. Nesse sentido, as Casas de Turma apresentam indícios que evocam lembranças.”¹⁵³

Ao comentar sobre as Casas de Turma, os pesquisadores colocam que investigar o passado por meio da materialidade seria, então, oportunizar e dar “o direito ao passado às pessoas que trabalhavam na ferrovia e moravam nessas casas e também para aquelas pessoas que ainda moram ou moraram lá.”¹⁵⁴ Lúcio Vânio Moraes e Ademir Henrique, apoiando-se nas palavras de Maria Sthefanou - a qual denomina que a memória pode estar nas imagens, nas arquiteturas, natureza e ainda encontra-se enraizada no concreto -, assinalam que “o papel que o/a historiador/a desempenha, por meio do diálogo com os locais de memória, consiste em oferecer visibilidade às práticas sociais, aos modos de vida, diferentes temporalidades, percebendo o que muda e o que permanece.”¹⁵⁵ Assim, segurar alguns elementos, traços e marcas de temporalidades na materialidade seria como amarrar o elástico do tempo de modo que o passado sirva como vetor para a compreensão do presente.

Por outro lado, a esse ofício do historiador, mais precisamente ao ofício do historiador do local frente ao patrimônio, gostaria de fazer algumas considerações, as quais são baseadas em minha investigação e nas percepções que tive no momento da pesquisa em Maracajá.

A primeira consideração refere-se ao *‘Direito de Memória e de Patrimônio x o Dever de Memória e de Patrimônio’*. Ao tomar contato com os documentos do

currículos escolares da rede municipal de ensino de Maracajá-SC: Uma proposta interdisciplinar. Universidade do Sul de Santa Catarina/ UNISUL, 2004, p. 52.

¹⁵³ MORAES, Lúcio Vânio ; HENRIQUE, Ademir. . Entre o Ensino de História e a Pesquisa: As Casas de Turma como Patrimônio Histórico. *Revista de Iniciação Científica* (Criciúma), v. 03, p. 131-142, 2005, p. 133.

¹⁵⁴ *Ibid.*

¹⁵⁵ *Ibid.*

museu, com as diversas publicações acadêmicas dos pesquisadores, com os relatos e depoimentos coletados a partir de entrevistas, foi possível perceber como a memória e o patrimônio operam de forma dual no município, pois transitam geralmente entre o Dever¹⁵⁶ e o Direito¹⁵⁷. Fazendo referência ao 'Direito de Memória, de Patrimônio e de Museu', Mario Chagas, em conferência no 3º Fórum Nacional de Museus, chamou atenção para as três esferas que os potencializam: *A vontade de Memória* (Direito à memória); *A vontade de Patrimônio* (Direito ao patrimônio) e *A Vontade de Museu* (Direito ao Museu)¹⁵⁸.

Retomo as classificações de Mario Chagas e proponho a elas mais um desdobramento: o Dever de Memória, de Patrimônio e de Museu. Foi o que senti ao tomar contato com as publicações que faziam referência ao meu objeto de estudo. Não obstante, o desejo de preservação, de forma particular, é justificado mais pelo Dever de memória do que pelo próprio Direito à Memória.

De algum modo, os textos, veiculados na coluna dedicada ao município de Maracajá e publicados semanalmente no Jornal Folha Regional, deixam claro a necessidade de preservação e, mais que isso, sublinham a importância de se salvaguardar um passado dito comum, que deve ser conhecido e/ou reconhecido por todos os munícipes. Em diversas reportagens me chamou muito a atenção o fato de o Dever de Memória estar constantemente imbricado na narrativa.

Outra questão a ser destacada é que os excertos das notícias sinalizam a dimensão do incentivo na investida de sensibilizar a comunidade a fazer doações de acervos, haja vista a necessidade de preservação somada à expectativa que os diversos segmentos da comunidade tinham em organizar um museu nas dependências do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli'. Para essa questão, o texto "*Preservar e Estudar Doação de Patrimônios ao Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli'*" traz subsídios esclarecedores:

Um dos trabalhos que estão sendo realizados pelo Centro Cultural 'Avetti Paladini Zilli' – Maracajá, é o incentivo a população na doação de

¹⁵⁶ Entenda-se como *Dever de Memória de Patrimônio* a responsabilidade que os maracajaenses têm de servir como o elo entre o passado e o futuro, preservando o que lhes foi legado no presente.

¹⁵⁷ Entenda-se como *Direito de Memória de Patrimônio* a garantia dada aos maracajaenses de tomar contato com o que lhes foi anterior, conhecer os modos de ser e de fazer das comunidades que os precederam.

¹⁵⁸ CHAGAS, Mário. *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento*. Anotações pessoais da conferência proferida no interior do 3º Fórum Nacional de Museus, 08 de julho de 2008, na UFSC, Florianópolis.

acervos/patrimônios, conhecidos como (“objetos antigos”), que oportunizam a pesquisa possibilitando assim, revelar a memória da cidade de Maracajá e regiões vizinhas.”¹⁵⁹

Desta forma, foi possível perceber que, a partir da publicação do artigo acima descrito, que ganhou força com a publicação de 06 de julho de 2007, a qual também priorizava a conscientização para o ato de doar, despertou-se em alguns moradores o desejo de doação. Contudo, cabe assinalar que as doações não foram em um todo espontâneas, como também não foram desinteressadas as motivações daqueles que promoveram a sensibilização.

Entretanto, este ‘Dever’ de memória, de alguma maneira, pode ser explicado pelas rápidas mudanças que a sociedade vive hoje. Em um tempo quando tudo parece rápido; acelerado, em que o “novo” toma constantemente o lugar do que parece ser “velho”, os indivíduos organizam-se na busca pela preservação, pois tanto o patrimônio imaterial (modos, saberes e fazeres) quanto o patrimônio material (edificado) parecem ser engolidos pelas novas formas de vida e pelas práticas de urbanização e de desenvolvimento. Nesse contexto, Lúcio Vânio Moraes e Ademir Henrique argumentam que:

Sabendo que o tempo tudo devora, tudo consome, precisamos contribuir para que uma pequena parte da história da cidade possa permanecer disponível aos cidadãos, pois o ritmo acelerado do tempo, a sociedade capitalista em que vivemos, o imaginário do ser “moderno” e o progresso tornam o passado velho, ultrapassado. O velho (tradição) não serve mais.¹⁶⁰

Logo, é notável, que os pesquisadores compartilham das ideias de Marilena Chauí, apresentadas na obra ‘Memória e Sociedade: lembranças de velhos’ de Ecléa Bosi, ao entenderem que é necessário intervir frente aos processos de destruição, de autotransformação e de urbanização desordenada, pois “destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos das lembranças, arrancou seus marcos e apagou seus rastros.”¹⁶¹

¹⁵⁹ _____. Preservar e Estudar Doação de Patrimônios ao Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’. *Jornal Folha Regional*, 08 de junho. 2007. p. 2.

¹⁶⁰ MORAES; HENRIQUE, *Op. cit.*, p. 132.

¹⁶¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade; lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994, p. 19.

Partindo desse princípio e almejando conservar elementos que permitam as futuras gerações reconhecerem-se e conhecerem parte de um processo histórico, é que moradores e pesquisadores empenharam-se na constituição de um espaço museológico em Maracajá. O museu, que adota a especificidade de histórico, apresenta atualmente coleções de objetos que representam períodos significativos da construção da história do município e, junto a eles, parte das histórias daqueles que vivenciaram o processo. É preciso considerar, no entanto, que foi somente com a mobilização dos moradores somadas ao apoio do poder público municipal e a motivação dos pesquisadores, que se permitiu criar, em Maracajá, um espaço museológico onde “objetos, imagens, fotografias, mapas, desenhos e recursos museográficos são arranjados de modo a contar uma determinada história para o público visitante.”

Por outro lado, como coloca a autora Zita Rosane Possamai, no caso dos museus históricos e, a meu ver, especialmente nestes, fica claro que a história contada é, de um modo geral, sempre a história de alguns e de algumas famílias. Desta maneira, a simples exposição dos objetos doados ou de coleções organizadas de forma aleatória não é suficiente, pois é necessário “fazer a história falar através de testemunhos materiais” e por isso a necessidade de se contextualizar “as exposições, firmando desta forma o museu como produtor e vinculador de sentidos na sociedade.”¹⁶² É preciso que as exposições produzam sentidos aos visitantes, que elas provoquem reflexões e questionamentos sobre e para a narrativa que se apresenta no museu durante a visita.

Desta forma, compreende-se que, embora o Museu do Trabalho apresente, por meio dos objetos doados, o processo histórico a partir de uma narrativa dirigida por algumas famílias de colonizadores e ainda ofereça a elas certa representatividade, não é plausível destituí-lo de reconhecimento, pois ao mesmo tempo em que ele pereniza as memórias de grupos socialmente eleitos, também versa pela lógica da ausência e do esquecimento, principalmente daqueles que participaram do processo e não tiveram seus nomes destacados ao longo do processo, como assinalam os profissionais do museu ao longo da apresentação das exposições aos visitantes.

¹⁶² POSSAMAI, Zita Rosane. Museu e Arquivo: Laboratórios de Aprendizagem e Descobertas, In: *A Memória e o Ensino de História*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC-ANPUH/RS, 2000, p. 96.

Essa discussão parece-me essencial por demonstrar que as narrativas construídas a partir das coleções e dos objetos de um museu “só são bem compreendidas quando percebemos como e quando eles se constituíram – na verdade, nos museus eles aparecem como resultado de outras narrativas.” Assim, como assegura Myrian Sepúlveda dos Santos, os objetos como também os acervos museológicos são “sempre produto de uma atividade humana, da história, de relações de poder.”¹⁶³ Da mesma forma, eles só têm sentido porque são lembrados e reescritos no presente e porque são plenos de significados. De fato, “a volta ao passado é sempre feita por uma necessidade do presente.”¹⁶⁴

Em minhas constatações, após conhecer e analisar os processos históricos e sociais de sua formação, reconhecer as redes sociais em que estão inseridos os múltiplos agentes responsáveis por sua fundação e observar o percurso que tem traçado o museu, enfatizo que a instituição museológica de Maracajá vem atender, especificamente, as necessidades do presente e os anseios de uma comunidade que se mostra desejosa por coletar e salvaguardar fragmentos que confluam os objetivos de perenizar lembranças e vestígios que a localizem no tempo e no espaço e que permitam identificação e reconhecimento às futuras gerações.

2.3 INTERFACES ENTRE OS ESPAÇOS EDUCATIVOS EM MARACAJÁ

*Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?*¹⁶⁵

(Paulo Freire)

Falar em educação não é tarefa fácil, como, da mesma forma, não é tarefa simples discutir o papel educativo e o potencial social e pedagógico de um museu,

¹⁶³ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond; Minc/IPHAN/DEMU, 2006, p. 126.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 130.

¹⁶⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 30.

suas propostas educativas e as relações de parcerias que ele pode estabelecer com outros espaços da educação, como as escolas, os arquivos, as bibliotecas, os parques, os centros culturais, dentre outros. Por outro lado, ao optar por iniciar a escrita refletindo sobre a dificuldade de discutir o termo educação, fui provocada a pensar sobre como essa palavra foi utilizada, de forma limitada, singularizada e com poucos desdobramentos, como também em alguns momentos, especialmente a partir do século XIX, adotou o sinônimo de escolarização.

Nessa perspectiva e com base nas discussões de Jaume Trilla, pode-se observar que a partir do século XIX, momento em que a escolarização começou a se generalizar, “o discurso pedagógico se concentrou cada vez mais na escola. Essa instituição foi alçada a paradigma da ação educativa a tal ponto que o objeto da reflexão pedagógica (tanto teórica e instrumental) se foi limitando mais e mais a ela”¹⁶⁶, até desenvolver-se uma espécie de identificação entre os conceitos de educação e escolarização. Desta forma, “entendia-se que o desenvolvimento educacional e a satisfação das necessidades sociais de formação e aprendizagem passavam quase exclusivamente pela extensão da escola.”¹⁶⁷ O acesso de todos à escola pelo maior tempo possível e a melhoria da sua qualidade tornaram-se, então, os objetivos centrais de quase todas as políticas educacionais progressistas dos séculos XIX e XX.

Nesse quadro, embora haja certa polarização em torno da instituição escola, é preciso considerar que ela “não existe desde sempre nem nada garante sua perenidade. Foi e é funcional a certas sociedades, mas o que é realmente essencial a qualquer sociedade é a educação.”¹⁶⁸ Partindo dessa premissa, Jaume Trilla destaca que “mesmo nas sociedades escolarizadas, a escola é sempre apenas um momento do processo educacional global dos indivíduos e das coletividades. Com a escola coexistem muitos e variados mecanismos educacionais”¹⁶⁹.

Desta forma, entende-se a educação como uma forma de ensino e aprendizagem que é constituída ao longo da vida (por meio de processos de interação entre os indivíduos, família, escola, igrejas, etc.) e que, no entendimento

¹⁶⁶ TRILLA, Jaume. *A educação não-formal*. In ARANTES, Valéria Amorim (org). Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008, p. 16-17.

¹⁶⁷ *Ibid.*

¹⁶⁸ *Ibid.*

¹⁶⁹ *Ibid.*

dos educadores Jaume Trilla, Almerindo Janela Afonso e Maria da Glória Gohn¹⁷⁰, opera em lógicas distintas e pode ser dividida de três diferentes maneiras: a “educação formal”, aquela que é desenvolvida nas escolas; a “educação não-formal”, aquela na qual o saber é *buscado*¹⁷¹ em outros espaços educativos ou instituições; e a “educação informal”, aquela construída no convívio com a família, com os amigos, com os colegas de classe ou de trabalho, seja nos intervalos de aula, de expediente ou nas horas de lazer. De um modo geral, pode-se dizer que a educação informal acontece de forma mais espontânea e, sobretudo, se prolonga por toda a vida.

Entretanto, mediante a Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, a qual rege a educação no País, nenhuma providência específica entre seus artigos foi dada à educação não-formal. Embora, o Art. 3º, os incisos X e XI sinalizem para uma possível abertura para que a educação não-formal, considerada como experiências extraescolares, faça também parte do universo educativo. Para essa questão, ao discutir sobre a valorização das experiências extra-escolares como princípio básico do ensino, Moacir Alves Carneiro enfatiza que a experiência extraescolar é uma das desafiantes questões do ensino brasileiro. “Nossa tradição escolar, radicalmente formal e formalizante, tem impedido o desenvolvimento de uma cultura pedagógica que valorize o patrimônio de conhecimentos que o aluno construiu e constrói fora do espaço de sala de aula.”¹⁷² Conforme o autor, “no fundo, esta dificuldade traduz a relevância absoluta que se dá à qualidade formal do conhecimento [...]. O extra-escolar representa um canal importante para abrir espaços de articulação escola/comunidade”¹⁷³, pois alimenta a possibilidade de construir um conteúdo de ensino que satisfaça as múltiplas necessidades de aprendizagem. Como última consideração, o educador assinala ainda que “[...] o extra-escolar não é a subeducação. Pelo contrário, o extra-escolar

¹⁷⁰ GOHN, M. G. *Educação não-formal e cultura política*. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

¹⁷¹ Esse saber depende de algum modo, da vontade e do desejo dos sujeitos de buscarem alcançar e suprir seus objetivos para além da instituição escolar sejam eles crianças, adolescentes, adultos ou idosos, nas mais variadas funções [professores, alunos, assistentes pedagógicos, etc.], ligados ou não ao processo de escolarização.

¹⁷² CARNEIRO, M. A. *LDB Fácil* – Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. 8ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 39.

¹⁷³ *Ibid.*

é o trabalho, a convivência, o lazer, a família, o amor, a festa, a igreja, [...], a vida, enfim.”¹⁷⁴

Sob esse prisma, o alargamento das concepções acerca do campo educativo e, principalmente, sobre o reconhecimento da educação não-formal no cenário brasileiro se dá principalmente em um momento em que ocorre a crise do sistema formal de ensino, a qual não se apresenta deslocada de um contexto mais amplo. Desta forma, em meio a um contexto significativo de mudanças e transformações, a segunda metade do século XX, mais especificamente as décadas de 1960 e 1970, abre-se como o período no qual o sistema formal de ensino e a instituição escola já não davam mais conta de atender as exigências e demandas do novo contexto.

Neste mesmo momento, os espaços “não-formais” de educação passam a ser intensificados, mas também repensados por uma série de fatores sociais e econômicos que acabaram por gerar necessidades educacionais distintas e que, de alguma maneira, exigiram que outras possibilidades educacionais fossem criadas e geridas para a satisfação dessas demandas. Há um novo momento social que, de certo modo, esteve ligado à emergência de movimentos sociais populares, “protagonizados pela mobilização de trabalhadores, mulheres, negros, índios”¹⁷⁵, que até hoje ainda têm de reivindicar o alcance e o exercício dos direitos de cidadania, como também a sua participação política nos processos decisórios do País. Embora passadas mais de quatro décadas, essas lutas ainda permanecem. A título de exemplo, podemos citar o movimento do Maio de 68, o Ambientalista, o Hippie, o Negro, dos Povos Indígenas, os Feministas, o Estudantil, o Gay, o Anti-nacionalista, o dos Imigrantes, que foram alguns dos movimentos que potencializaram esse desejo de mudança e de repensar.

Por sua vez, em palestra de abertura do 3º Fórum Nacional de Museus, em Florianópolis, no ano de 2008, Mário Chagas lembra que a Nova Museologia - movimento que trouxe certa renovação ao campo museológico - foi também uma reflexão desses movimentos¹⁷⁶, e que embora haja um sem-número de acontecimentos que antecederam essas mudanças de paradigmas, como também a

¹⁷⁴ *Ibid.*

¹⁷⁵ ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 129.

¹⁷⁶ CHAGAS, Mário. *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento*. Anotações pessoais da conferência proferida no interior do 3º Fórum Nacional de Museus, 08 de julho de 2008, na UFSC, Florianópolis.

própria organização desses movimentos sociais, não podemos deixar de considerar que, de alguma maneira, eles se apresentam como marcos significativos e que auxiliaram no repensar das funções sociais de diversas instituições, além – e sobretudo – de contribuírem na redefinição das próprias linhas de atuação a serem desenvolvidas por algumas instituições, entre elas os museus e as escolas.

Nessa atmosfera de contestações, é preciso considerar ainda que as mudanças como as que ocorreram no mundo do trabalho, por exemplo, podem também ter sido sugeridas ou reivindicadas, direta ou indiretamente, pelas novas exigências educacionais. Nesse sentido, Jaume Trilla afirma que “o crescente aumento da demanda da educação em face da incorporação de setores tradicionalmente marginalizados e excluídos dos sistemas educacionais (adultos, idosos, mulheres, minorias étnicas etc)”, somados às transformações que obrigaram “a operacionalizar novas formas de capacitação profissional (reciclagem e formação continuada, recolocação profissional, etc.)”¹⁷⁷ contribuíram para o cenário de mudanças.¹⁷⁸

Mudanças na instituição familiar e em outras dimensões da vida cotidiana também foram apontadas pelo autor como aspectos importantes que requisitaram instituições e meios educacionais “capazes de assumir determinadas funções educativas antes exercidas, de maneira informal, pela família.”¹⁷⁹ Outras instâncias, como o desenvolvimento tecnológico¹⁸⁰ e a presença dos meios de comunicação de massa na vida social, interferiram diretamente na percepção de como as ações educativas, compreendidas agora para além das exclusividades da escola, deveriam ser ampliadas. Em se tratando do desenvolvimento tecnológico, destaco o quanto foi um elemento significativo para a constituição do museu de Maracajá e como ele é hoje um tema bastante discutido na instituição e em seus diálogos com as escolas e a comunidade.

Desta forma, a educação não-formal seria, então, aquela que se distancia ou até mesmo procura romper com alguns aspectos que caracterizam as escolas. Num

¹⁷⁷ AFONSO, Almerindo Janella. *Os lugares da Educação*. In: Educação não-formal: cenários da criação. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001, p 30.

¹⁷⁸ *Ibid.*

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 20.

¹⁸⁰ C. f. TRILLA (2008, p. 20) o desenvolvimento de novas tecnologias permitiu conceber novos processos de formação e aprendizagem à margem dos sistemas presenciais da escolaridade convencional.

esforço de compreensão e caracterização, Almerindo Janela Afonso pontua algumas das premissas que qualificam essa dimensão educativa:

- 1) apresentar carácter voluntário;
- 2) promover sobretudo a socialização;
- 3) promover a solidariedade;
- 4) visar o desenvolvimento;
- 5) preocupar-se essencialmente com a mudança social;
- 6) serem pouco formalizados e pouco hierarquizados;
- 7) favorecer a participação;
- 8) proporcionar a investigação e projetos de desenvolvimento;
- 9) ser, por natureza, formas de participação descentralizadas.¹⁸¹

Do mesmo modo, os autores Valéria Aroeira Garcia (2001); Almerindo Janela Afonso (1989; 2001); Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, Margareth Brandini Park e Renata Sieiro Fernandes (2001), que dedicam seus estudos a refletir e discutir sobre o campo da educação e sua tripartição, entendem por educação formal

o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja esta a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.¹⁸²

Utilizada com mais afinco e, por vezes, atribuída às escolas, a *Educação* assume o adjetivo *Formal* e elege para sua sistematização uma série de elementos necessários à formação dos indivíduos. Entrementes, sabe-se que o termo Educação não se refere apenas às escolas e tampouco se limita a seus intramuros –

¹⁸¹ AFONSO, Almerindo Janela. *Os lugares da Educação*. In: Educação não-formal: cenários da criação. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001; AFONSO, A. J. *Sociologia da educação não escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?* In: ESTEVES, A. J.; STOER, S.R. *A Sociologia na escola*. Porto: Afrontamento, 1989, p. 90.

¹⁸² AFONSO, A. J. *Sociologia da educação não escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?* In: ESTEVES, A. J.; STOER, S. R. *A Sociologia na escola*. Porto: Afrontamento, 1989, p. 78.

ainda que a escola ocupe um papel central na formação dos estudantes que por ela passam. Ao fazer distinção entre as dimensões educativas, Valéria Aroeira Garcia pontua que

a educação não-formal poderia ser exemplificada com trabalhos nos quais compromisso com questões que são importantes para um determinado grupo é considerado como ponto fundamental para o desenvolvimento do trabalho educacional (não-formal), mais importante do que qualquer outro conteúdo preestabelecido por pessoas, instituições, valores que não fazem parte dos ideais desse mesmo grupo.¹⁸³

Em Maracajá, a relação entre as dimensões do universo educativo me parece próxima e, nas pesquisas sobre as ações educativas do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', foi possível perceber que há diálogos estabelecidos entre os espaços educativos. A partir da pesquisa foi possível constatar também que foi com a implantação do Programa de "Educação Ambiental e Qualidade de Vida"¹⁸⁴ que os trabalhos e parcerias entre os espaços educativos (escolas, Parque Ecológico, organizações e diversos setores da divisão pública) tomaram maior proximidade.

De fato, o programa concebido como articulador dentro do espaço escolar estabeleceu diálogos interdisciplinares primeiramente entre as escolas municipais e depois com o parque ecológico. Posteriormente, com a fundação do Centro Histórico Cultural os debates e diálogos foram ampliados também para o Museu do Trabalho e a Biblioteca Municipal Frei Marcelo Bianchi e, mais que isso, com a comunidade em geral que agora passa a participar também das atividades educacionais de forma mais efetiva.

Como esclarece Valéria Aroeira Garcia, na educação não-formal a aprendizagem acontece sem que haja uma obrigatoriedade e mecanismos de repreensão para o não-aprendizado, pois, de alguma maneira, as pessoas estão envolvidas nos processos de ensino/aprendizagem, no qual tem uma relação próxima e significativa no processo de construção do saber e, sobretudo, há

¹⁸³ GARCIA, Valéria Aroeira. *A educação não-formal no âmbito do poder público: avanços e limites*. In: SIMSON, O. R. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (Org.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001, p. 151-152.

¹⁸⁴ Conforme depoimento da professora Odécia Almeida de Souza, professora titular da disciplina de educação patrimonial e ambiental nas escolas da rede municipal de ensino, esse programa teve o objetivo de promover discussões ambientais nas escolas de forma interdisciplinar. (SOUZA, Odécia de Almeida. Entrevista não gravada concedida a Sibeli Cardoso Borba Machado em 10 de agosto de 2009).

possibilidade de dialogarem a partir de suas próprias experiências de vida e protagonizarem sua história. É nesta perspectiva que Almerindo Janela Afonso assinala que um dos pressupostos do não-formal é a voluntariedade dos sujeitos envolvidos e, sobretudo, a possibilidade de abertura para educadores, educandos e comunidade dialogarem e trocarem experiências mútuas. Nesse sentido, o museu tem sido então um bom exemplo desta parceria.

Do mesmo modo, a educação não-formal pode considerar, valorizar, reafirmar e ampliar a cultura dos sujeitos nela envolvidos, fazendo com que a bagagem cultural que cada um traz seja respeitada. Conforme a perspectiva da autora, além de respeitada a bagagem cultural, entendida neste trabalho como as experiências acumuladas ao longo da vida, deve estar “[...] presente no decorrer de todos os trabalhos, procurando não somente valorizar a realidade de cada um, mas indo além, fazendo com que essa realidade perpassasse todos os trabalhos.” Para ela, a educação não-formal “caracteriza-se por possibilitar a transformação social, dando aos sujeitos que participam desse processo, condições de interferir na história, refletindo-a, transformando-a, logo, transformando-se.”¹⁸⁵

Desta forma, fica claro que “não há como pensar em educação não-formal desconsiderando a comunidade, pois não há como propor que as pessoas envolvam-se voluntariamente em algo com o qual não se identificam.”¹⁸⁶ Assim, pode-se dizer que a educação não-formal pressupõe considerar, primeiramente, as expectativas e os desejos da comunidade e dos grupos com os quais se trabalha, ao passo que, desta maneira, serão atendidas as suas necessidades e valorizado o universo cultural que lhes proporciona sentido.

Os espaços educativos em Maracajá vêm atuando de forma conjunta e desenvolvendo ações integradas, como também planejadas e orientadas pela abordagem de educação patrimonial nas escolas de educação básica municipais (Escola de Educação Básica Municipal Eulália Oliveira de Bem, Escola de Educação Básica Municipal 12 de Maio e Escola de Educação Básica Municipal Encruzo do Barro Vermelho) e nos espaços de educação não-formal, especialmente no museu. Entende-se, então, neste trabalho, que a educação patrimonial inserida no contexto da educação formal é uma ferramenta significativa e que pode potencializar a relação de parceria entre as escolas e o museu, sem estabelecer, é claro,

¹⁸⁵ GARCIA, *Op. cit.*, p. 152.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 153.

parâmetros de qualificação ou alcance entre eles e na sua relação com a comunidade.

Cabe destacar também que uma das possíveis respostas para essa integração entre as escolas e o museu em Maracajá, a partir das discussões feitas até aqui, pode ser justificada pelo fato de seus profissionais manterem diálogos e traçarem linhas de atuação conjuntas a partir da disciplina de educação patrimonial e ambiental, a qual integra a grade curricular das escolas municipais. Outra questão que merece ser destacada é a de que parte do corpo técnico responsável pela ação educativa do museu é também composta por profissionais da rede municipal de ensino em Maracajá, o que provavelmente tem facilitado as interlocuções entre as instituições.

A partir das *Possibilidades* vislumbradas neste capítulo, é possível dar início à discussão sobre como o município de Maracajá, valendo-se da educação patrimonial, tem criado diferentes alternativas (*Desdobramentos*), para a atuação junto às escolas. Nessa atuação, percebe-se também imbricado na investida o desejo de garantir o acesso ao patrimônio cultural aos diversos segmentos sociais e ainda a pretensão de explorar as potencialidades que esta instituição possui para a promoção social, a educação e o desenvolvimento sustentável.

TERCEIRO CAPÍTULO

DESDOBRAMENTOS

3 DO CAMINHO PENSADO AOS CAMINHOS PERCORRIDOS: AS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM MARACAJÁ

3.1 OS DELINEAMENTOS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU DO TRABALHO

Nesse capítulo, intitulado *Desdobramentos*, pretendo mostrar como o Museu do Trabalho, em Maracajá, ao adotar a abordagem de educação patrimonial, tem traçado caminhos e desenvolvido experiências significativas em suas parcerias com outras instituições municipais e com os diversos segmentos sociais do município.

Primeiramente, sinalizo que a definição de educação patrimonial adotada neste estudo é aquela que, inserida no contexto da educação não-formal, utiliza o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e que objetiva fortalecer a relação de identificação entre a comunidade e seus bens culturais, abarcando as mais variadas faixas etárias e sociais. Nesse processo, o patrimônio é concebido então como recurso educacional que, ao invés de competir junto às disciplinas em currículos geralmente sobrecarregadas, complementam-nas e aproximam as áreas do currículo que aparentemente possam parecer “distantes no processo de ensino/aprendizagem.”¹⁸⁷

A educação patrimonial, nesse ínterim, seria, então, uma maneira sistemática para exercer ações educativas sobre e para o patrimônio cultural. De acordo com autoras como Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg, Adriane Queirós Monteiro, a educação patrimonial apresenta-se como uma proposta de trabalho com o patrimônio cultural, que “consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem [...] o interesse em resolver questões significativas” para a vida pessoal e coletiva dos sujeitos. Por outro lado, ela pode ser considerada também como um instrumento de ‘alfabetização cultural’ à medida que permite ao sujeito fazer leituras diferenciadas do mundo que o rodeia e sobre o universo sociocultural e histórico onde ele se encontra inserido.

¹⁸⁷ HORTA, *Op. cit.*, p. 36.

Do mesmo modo, o autor José Itaquí, citado por André Luis Ramos Soares, observa que o trabalho da educação patrimonial

é levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para uma melhor utilização destes bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, tendo assim um contínuo processo de criação cultural.¹⁸⁸

Ao estender a definição do termo Educação Patrimonial, as autoras Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queirós Monteiro fazem utilização das palavras 'diálogo', 'comunicação' e 'interação', para mostrar como a troca de conhecimentos por parte das comunidades pode contribuir para a preservação dos bens culturais e ainda auxiliar na formação de parcerias entre os agentes responsáveis pelos estudos das evidências materiais ou manifestações culturais.

Nessa perspectiva, a educação patrimonial seria aplicável a qualquer manifestação da cultura, seja ela "um objeto ou um conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental [...] e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e o meio ambiente."¹⁸⁹ Em seus estudos, o educador Paulo Freire¹⁹⁰ assinala que não se pode desvincular educação e cultura, tanto como do meio social e histórico do qual faz parte o educando. Nessa atmosfera, a cultura seria tudo aquilo que foi construído pelos sujeitos em suas múltiplas dimensões (físicas e imateriais), que merece ser conhecido, discutido e preservado.

Embora críticas sejam lançadas por parte da comunidade acadêmica às concepções de Educação Patrimonial apresentadas no '*Guia Básico de Educação Patrimonial*', lançado no Brasil no ano de 1999, é preciso considerar que ele é fruto de um trabalho de quinze anos de experiências em ações desenvolvidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico- IPHAN, num contexto onde pouco se havia escrito sobre o tema. Desta forma, o Guia foi um marco nos estudos de educação patrimonial por apresentar um quadro teórico-metodológico que serviu

¹⁸⁸ SOARES, André Luis Ramos (Org.). *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003, p. 25.

¹⁸⁹ HORTA, *Op. cit.*, p. 6.

¹⁹⁰ FREIRE, Paulo. *A ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

para orientar e também subsidiar as diversas pesquisas que estavam surgindo nesse momento sobre o tema. Além de ter atendido as demandas por textos de referência, o guia ainda apresentou sugestões e experiências significativas que até hoje são constantemente utilizadas como base para projetos e atividades em todo o Brasil.

Conforme o Guia *Básico de Educação Patrimonial*, o Patrimônio Cultural é utilizado como recurso teórico-metodológico com o objetivo de provocar o ensino e a pesquisa, tanto no ambiente de educação formal como no ambiente não-formal de educação. Como instrumento cognitivo, o patrimônio cultural permite aos educandos e educadores valorizarem, conhecerem e reconhecerem-se como grupo que partilha identidades comuns.

Entretanto, André Luis Ramos Soares observa que a experiência desenvolvida no Museu Imperial do Rio de Janeiro, sob comando de Maria Horta, não levou

em consideração o cotidiano do educando, restringe-se aos trabalhos dentro do Museu, resgatando a memória da Corte Imperial. Se por um lado, leva o educando a manter contato com uma cultura material mais perceptível; por outro lado, não há relação entre o objeto de estudo e a condição social do estudante, uma vez que a maior parte das crianças não descende da família imperial. Nesse sentido, (...) [recupera-se] uma história ainda vinculada às elites nacionais, e não ao restante da população.¹⁹¹

Em outra análise, Magaly Cabral, ao conceder entrevista a Elison Antonio Paim, chama a atenção também para a forma como as autoras do *Guia Básico de Educação Patrimonial* apresentaram os conceitos de educação patrimonial. Conforme Magaly Cabral, “as autoras se encarregaram de fazer confusão, porque há textos em que elas se referem à Educação Patrimonial como um processo e há outros em que elas se referem à Educação Patrimonial como metodologia.”¹⁹² Para Cabral, educação patrimonial não deve ser entendida como uma metodologia e sim como um processo. Ela ressalta ainda que todos que trabalham em museus ou com patrimônio no seu sentido mais amplo material, imaterial, tangível ou intangível - trabalham com educação patrimonial. O que vai diferir é a metodologia, “a partir do

¹⁹¹ SOARES, *Op. cit.*, p. 35-36.

¹⁹² PAIM, Elison Antonio. Um pouco da história da museologia brasileira: entrevista com a museóloga Magaly Cabral. In *Cadernos do CEOM* - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Ano 20, n. 26, [?], p. 361-375.

conceito educacional, da teoria educacional com os quais se trabalha. Poderá haver então metodologias adequadas ou não.”¹⁹³

Diante ao quadro descrito, importa considerar que a educação patrimonial é

um instrumento [...] que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.¹⁹⁴

Nesse ínterim, chama atenção o conceito elaborado pelas autoras Horta et. al., e, mesmo que necessite de algumas adequações por terem considerado a educação como uma metodologia, como sugere Magaly Cabral, é um conceito ainda bastante utilizado em algumas academias e pelos pesquisadores. É importante sinalizar que os estudos publicados no ‘Guia Básico de Educação Patrimonial’, foram importantes para o momento e que inseriram, de certa maneira, o Brasil no cenário das discussões internacionais sobre educação patrimonial.

Dentre as propostas sugeridas por Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro está a parceria educativa, e pode-se dizer que em Maracajá, elas já acontecem desde o ano de 2001 entre a tríade educação formal, não-formal e informal. Com efeito, após a organização do museu, as ações foram dinamizadas na comunidade e consolidadas com a implantação da disciplina na grade curricular das escolas municipais.

Como propostas pedagógica, a Educação Patrimonial atua, principalmente, na implementação de atividades extracurriculares que contribuam para o reconhecimento dos bens patrimoniais, como também no incentivo e disseminação da pesquisa. Aqui é possível ir além da superficialidade das informações e fazer com que a construção do conhecimento aconteça por meio da pesquisa e de forma dialógica, como propõe o educador Paulo Freire.

Deste modo, mesmo que os estudos mais recentes orientem que a Educação Patrimonial deva ocorrer de forma interdisciplinar e não, necessariamente, que seja incorporada ao currículo escolar, no município de Maracajá este foi o caminho que os profissionais da educação encontraram para efetivar e garantir que esta proposta

¹⁹³ *Ibid.*, p. 368.

¹⁹⁴ HORTA, *Op. cit.*, p. 6.

acontecesse. Ao que parece, antes de sua implantação, este tipo de integração e discussão interdisciplinar sobre a Educação Patrimonial e Ambiental entre os diversos campos disciplinares não eram muito consistentes.

Um fator importante a destacar é que, da mesma forma como em Maracajá, outros municípios da região sul do estado de Santa Catarina vinham desenvolvendo projetos com base na educação patrimonial. Logo, alguns projetos que ocorreram na cidade de Tubarão, como aqueles que foram iniciados por um grupo de pesquisadores ligados à UNISUL, parecem ser um bom exemplo disso e, de alguma forma, pode-se verificar também que muitos dos projetos desenvolvidos em Maracajá se assemelham e/ou acompanham algumas das linhas de atuação e dos conjuntos de experiências que são apresentados por cidades que compõem a região do extremo sul. Exemplos disso são as atividades desenvolvidas pelo NUPEP – UNISUL, que abrangem desde oficinas pedagógicas para os alunos até as publicações didático-pedagógicas e acadêmicas para os professores.¹⁹⁵

De fato, ao se examinarem as descrições do projeto desenvolvido em Tubarão, bem como suas etapas, clarificam-se, ainda mais, as reverberações desse projeto nas ações desenvolvidas em Maracajá. Assim, vislumbrando motivos que

¹⁹⁵ O NUPEP – UNISUL, na cidade de Tubarão, tem se dedicado a pesquisas de educação patrimonial mais voltadas ao reconhecimento, salvaguarda e preservação dos sítios arqueológicos na região sul de Santa Catarina. A partir dessa iniciativa, vários desdobramentos foram criados, com o intuito de que tais pesquisas fossem aproximadas às escolas e à comunidade. Outrossim, ao tomar contato com essa experiência da cidade de Tubarão pude perceber que, em longa medida, os projetos desenvolvidos em Maracajá atendem, também, a essas expectativas, principalmente, no que se refere à Arqueologia. Nessa perspectiva, o NUPEP vem “atuando desde 1998, foi institucionalizado no primeiro semestre de 2000, quando já possuía um significativo número de trabalhos científicos publicados por seus pesquisadores, além de ações de forte cunho comunitário” (SOUZA; FREITAS, *Op. cit.*, p. 76). Essas ações, voltadas à preservação do Patrimônio Cultural, envolveram várias áreas do conhecimento e tiveram como núcleo principal “a Pedagogia (que instrumentaliza o pesquisador a socializar suas experiências, integrando as demais áreas do conhecimento como Arqueologia, História, Geografia, Biologia, Turismo e tantas outras que fazem parte do universo cultural humano)” (*Ibid*). No primeiro momento das atividades, o núcleo buscou focar ações para a problemática da destruição dos sambaquis no litoral catarinense. Para tanto, organizou-se uma exposição itinerante, na qual se destacou a formação de um sambaqui, o ofício do arqueólogo e a divulgação dos trabalhos arqueológicos por meio de palestras, oficinas e visitas guiadas. A exposição, intitulada “Educação Patrimonial, Arqueologia e Preservação dos Sambaquis do Sul de Santa Catarina – Brasil”, circulou por várias escolas e espaços públicos do estado de Santa Catarina. A organização de materiais didático-pedagógicos é outra das atividades desenvolvidas pelo NUPEP. Entre suas produções está o Kit Pedagógico Viagem ao Passado, que é composto por material arqueológico, cedido pela equipe da USP-MN/RJ e serve para ilustrar as aulas de pré-história. Além disso, foram produzidos jogos didáticos, como o quebra-cabeça e os cartazes que vislumbram os modos de vida dos sambaquieiros, os jogos da memória e outros que podem ser utilizados pelos professores das escolas públicas e privadas da região em suas aulas. Outro aspecto importante do projeto é a (re)qualificação de professores dos Ensinos Fundamental e Médio, a partir da oferta de Cursos de Extensão na área de Educação Patrimonial, entre eles está o curso ‘Educação Patrimonial: uma proposta de trabalho nas escolas’.

levassem ao entendimento dessas notórias semelhanças, sinalizo o fato de que, da mesma forma que em Tubarão, foram também, em Maracajá, os pesquisadores da UNISUL que iniciaram as pesquisas arqueológicas no município. Fato este, que justifica, e o qual tornou as ações de educação patrimonial tão semelhantes.

Outra atividade de igual importância ocorreu em 2001, em Tubarão, com o lançamento do CD-ROM, '*Sambaquis do Sul de Santa Catarina: A Hipermídia a Serviço da Educação Patrimonial*'.¹⁹⁶ O programa tinha como finalidade incentivar o aluno a refletir sobre algumas das questões referentes aos sambaquis da região. A estruturação das atividades no CD-ROM permitiu maior interação entre o usuário e os recursos tecnológicos, por meio de textos explicativos, seguidos de atividades como caça-palavra, quebra-cabeça, teste, preenchimento, arrastar-soltar, etc. No CD-ROM, utilizaram-se "recursos de vídeo, sons (música/narração), imagens, textos e, posteriormente, atividades em forma de jogos, tratando sobre o que é Patrimônio Cultural, como se constrói e o que se entende por preservação."¹⁹⁷

Assim, nessa atmosfera de propostas de Educação Patrimonial, Maracajá também desenvolveu as suas. As propostas de educação patrimonial iniciaram-se no município desde a década de 1990, com a constituição do Parque Ecológico; porém, tomaram corpo e maior consistência apenas no ano de 2001, quando se estabeleceram programas entre as instituições formais e não-formais de educação. Como já pontuado anteriormente, o Programa Educativo "Educação Ambiental e Qualidade de Vida" - uma das primeiras propostas de educação patrimonial desenvolvidas em parceria entre as escolas e o Parque - não deu conta de atender as demandas do município, embora tenha sido desenvolvido "por meio de projetos específicos em cada escola, tomando como ponto de partida a realidade, seu processo histórico e os múltiplos determinantes que influem no ambiente onde a mesma está inserida."¹⁹⁸

Nesse sentido, em 2004 estudos e pesquisas apontaram para a necessidade de o programa ampliar suas propostas de atuação para além da dimensão natural do patrimônio, incluindo também em seus debates a dimensão histórico-cultural do patrimônio. Desta forma, pretendendo reter elementos que viabilizassem lembranças e memórias múltiplas sobre o passado é que novas propostas foram lançadas,

¹⁹⁶ Elaborado por Valdir Luiz Schwengber.

¹⁹⁷ SOUZA; FREITAS, *Op cit.*, p. 76.

¹⁹⁸ MARACAJÁ. *Lei nº 516*, de 12 de junho de 2001.

dentre elas, a de que as escolas da rede municipal de ensino adotassem, de forma integrada, os conteúdos de Educação Patrimonial (Patrimônio Natural e Cultural) por meio das diversas disciplinas curriculares. Desta forma,

a proposta aqui discutida é de que os conteúdos de Educação Patrimonial (Patrimônio Natural e Cultural) sejam integrados ao currículo por meio da transversalidade, pois serão tratados nas diferentes áreas do conhecimento, de modo a impregnar toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, criar uma visão global e abrangente dessas questões. Desta maneira, pretende-se identificar os patrimônios culturais para facilitar a sua preservação e valorização, sendo que estão fragilizados pelas tendências globalizada de padronização cultural. Portanto, percebeu-se a importância da implantação do mapeamento e o trabalho com Educação Patrimonial nas instituições escolares e na comunidade em geral, a partir da motivação, criando uma perspectiva mais concreta e realista da história local. Possibilita-se, com isso, a construção da identidade regional, tão necessária nesses tempos globalizados, em que a maioria das manifestações culturais estão, a cada dia, mais padronizadas.¹⁹⁹

Sugeriu-se, então, que para trabalhar de forma integrada e por meio da transversalidade, seria necessário primeiramente capacitar os docentes da rede municipal, “para que utilizem a [...] Educação Patrimonial nos currículos escolares, enfatizando que não se propõe a inclusão de uma disciplina, mas sim a inserção [...] como um “Tema Transversal”²⁰⁰, que pode ser adotado por todos os campos disciplinares.

Entretanto, em Maracajá, a educação patrimonial foi implantada definitivamente na grade curricular. O que antes havia sido proposto como uma abordagem para ser adotada por todas as disciplinas toma agora a forma de disciplina nas grades curriculares da rede municipal de ensino de Maracajá. Não pretendo dizer com isso que as demais disciplinas foram isentadas de suas responsabilidades para com as questões patrimoniais, mas é preciso levar em consideração que, de certa maneira, a partir do momento em que se implanta um projeto dessa natureza, é bem provável que ele sirva como impulsionador para as demais ações.

Conforme a justificativa do Projeto de Implantação desta disciplina, o objetivo era de se trabalhar “com patrimônios históricos, artísticos e naturais, propondo atividades práticas e teóricas que levem a uma conscientização, valorização,

¹⁹⁹ SOUZA; FREITAS, 2008, p. 58.

²⁰⁰ *Ibid.*, p. 80.

preservação e principalmente de identificação com este meio.”²⁰¹. Assim, desde sua implantação, a disciplina de *Educação Patrimonial e Ambiental* vem funcionando como uma articuladora no currículo escolar. Organizada a partir de projetos integrados com as demais disciplinas do currículo, ela vem militando principalmente na “construção do conhecimento da história local e regional, a partir de memórias compartilhadas, do patrimônio coletivo, das relações entre cada cidadão e sua comunidade. Reforçando assim a autoestima dos indivíduos e promovendo a valorização cultural”²⁰², que deve ser entendida como múltipla e plural.

Ao tomar contato com alguns projetos da disciplina de Educação Patrimonial e Ambiental desenvolvidos nas escolas de Maracajá entre os anos de 2007 e 2009, foi possível vislumbrar os conteúdos selecionados, as técnicas de trabalho adotadas e os objetivos pretendidos nessas escolhas. Ao ter acesso a essas fontes, percebi que as atividades, desde o seu planejamento, já são organizadas de forma conjunta (firmando a parceria entre diversos espaços educativos) e que pretendem a todo o momento dar visibilidade a grupos humanos que não foram (re)conhecidos pela história ‘oficial’ do município. Desta maneira, ao potencializar as atividades, vai-se, de alguma maneira, reinventando a história de Maracajá.

Dentre os projetos me chamou atenção o que foi desenvolvido no ano de 2007, entre os meses de agosto, setembro, outubro e novembro, pelo modo como foram articulados os conteúdos e as atividades, especialmente no tocante ao projeto desenvolvido na 5ª série, hoje 6º ano do Ensino Fundamental.

No projeto ‘*Respeito à diversidade étnica e cultural – ocupação pré-colonial do estado de Santa Catarina e do município de Maracajá*’, encontrei os seguintes conteúdos:

- Identidade e diversidade cultural;
- Patrimônios materiais e imateriais do município, estado e região;
- Objetos culturais, documentos e fotografias;
- Memória coletiva e o uso da história oral;
- Monumentos históricos do município e do estado;
- Preservação do patrimônio Histórico Cultural Arqueológico;
- Conceito de grupos indígenas;
- Sítios arqueológicos, proteção e preservação;
- Características dos grupos humanos que habitaram o estado e o município: Sambaquianos, Xoklengs, kaigangs e Guaranis;

²⁰¹ MARACAJÁ. *Projeto de implantação da Disciplina de Educação Patrimonial e Ambiental nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Maracajá*. Parecer Nº 003/2006. p. 1.

²⁰² *Ibid.*

- A importância do trabalho arqueológico;
- Técnicas de arqueologia;
- Procedimentos museológicos;
- As funções dos museus.²⁰³

Entre os objetivos do projeto anual para os/as alunos/as da 5ª série estão:

- Estudar o passado do território do estado de Santa Catarina e do município de Maracajá antes da existência dos registros históricos;
- Identificar a cultura indígena do estado e do município, desvinculando a pretensão de que os brancos colonizadores foram os “descobridores do território”;
- Respeitar e preservar a diversidade cultural existente na constituição étnica do estado e do município;
- Refletir sobre a função da arqueologia para a preservação cultural e para a História;
- Ressaltar a importância dos achados arqueológicos para a reconstrução dos modos de vida dos grupos humanos que viveram no estado e no município em diferentes épocas;
- Identificar os sítios arqueológicos mapeados no município para posterior divulgação do patrimônio cultural arqueológico e preservação do ambiente natural e cultural;
- Relacionar a prática da história oral como elemento facilitador de reconstituição da memória histórica;
- Realizar uma leitura histórica e cultural sobre os grupos humanos que habitaram o estado inicialmente: Sambaquianos, Xoklengs, Kaigangs e Guaranis;
- Identificar as funções de um Museu ou Centro Histórico Cultural para uma cidade.

As atividades propostas no projeto demonstram que elas foram planejadas e selecionadas de modo que pudessem atender as múltiplas demandas sociais e às necessidades dos/as educandos/as. Provavelmente, as escolhas tenham sido selecionadas a partir de critérios bastante rigorosos.

- Estudo dos grupos que ocuparam nosso território no período pré-colonial;
- Pesquisa e estudos de textos para a formação dos conceitos de Pré-História; Arqueologia; Função do Arqueólogo; Sítio Arqueológico e Grupos Indígenas;
- Discussão em forma de seminário sobre os conceitos pesquisados e registros no caderno dos conceitos formulados após a discussão;
- Palestra com a Arqueóloga Dra. Deisi S. Eloy Farias do GRUPEP- Arqueologia, UNISUL;
- Realização de entrevistas com os moradores antigos do município sobre o contato dos colonizadores com os indígenas no início da colonização do estado;
- Construção de conceitos sobre os embates ocorridos no final do século XVIII e início do século XIX entre os colonizadores e indígenas, a partir da leitura de entrevistas realizadas por diversos pesquisadores do estado;
- Análise de documentos históricos que comprovam o extermínio de grupos indígenas no estado;
- Projeção de lâminas sobre os temas estudados;
- Estudo do vocabulário utilizado pela arqueologia;
- Visita ao Centro Histórico Cultural do município para a visualização dos artefatos encontrados nos sítios arqueológicos do município e compreensão das funções desta instituição;
- Identificação dos sítios arqueológicos mapeados no município através da leitura de mapas;

²⁰³ *Ibid.*

- Realização de alguns procedimentos arqueológicos como escavações simuladas, higienização de artefatos;
- Análise de artefatos líticos e formulação de hipóteses sobre as suas utilizações;
- Leitura de imagens das formas de sobrevivência dos grupos humanos que habitaram o estado no passado;
- Leitura do livro: “Casquinha e Conchinha”;
- Produção de um livro ou álbum seriado, confeccionado a partir de trabalho em equipes sobre os grupos humanos que habitaram o estado inicialmente: Sambaquianos, Xoklengs, kaigangs e Guaranis;
- Criação de desenhos sobre os conteúdos estudados;
- Exercícios de leitura, interpretação, palavras cruzadas, caça-palavras, enigmas enfocando o tema estudado;
- Exposição dos trabalhos realizados durante todo o projeto para a comunidade escolar.

Em uma análise, é possível dizer que a proposta apresentada está de acordo com o arcabouço teórico-metodológico da História do Tempo Presente e que possivelmente uma proposta dessa natureza permite que os alunos tomem gosto pela pesquisa e pela investigação. A utilização de fontes variadas (imagens, oral, artefatos, livros, fotografias, etc.), de metodologias distintas (história oral, educação patrimonial, etc.) e de temas geradores (identidade, representação, imaginário, cultura, patrimônio, arqueologia, etc.), em qualquer área de ensino/aprendizagem, “tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição de conceitos e habilidades, assim como para o uso desses conceitos e habilidades na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional”²⁰⁴

Entende-se, então, que o município de Maracajá, no cumprimento de suas atribuições e competências na Educação, compreendeu como necessária a criação de uma disciplina curricular que articulasse de forma interdisciplinar as propostas de trabalho da educação formal e da educação não-formal no município. No tocante à integração, o que parecia talvez desconexo ou, no extremo, vazio²⁰⁵ para o aluno, nesses três anos, conforme avaliação dos proponentes, parece ter mostrado bons resultados, o que pode ser vislumbrado por meio dos registros de atividades realizadas em parceria entre a escola e o museu municipal.

De maneira geral, desde o ano de 2006 essa disciplina vem funcionando como centro irradiador nos projetos pedagógicos das escolas e construindo saberes junto aos alunos e à comunidade. Reconhecimento, identificação e valorização do patrimônio natural e cultural maracajaense são alguns de seus principais objetivos.

²⁰⁴ HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queirós. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999. p. 8.

²⁰⁵ O termo vazio qualifica a falta de relação entre a escola e o museu.

Assim, conforme orientada a arqueóloga Deisi Farias, um dos papéis fundamentais da Educação Patrimonial é o de possibilitar o conhecimento e o reconhecimento do que é importante para os vários grupos que compõem uma sociedade, tornando-os sujeitos participativos e decisivos na ação de proteger e escolher seus bens patrimoniais.

3.2 UMA EXPERIÊNCIA EM FOCO: AS AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU DO TRABALHO

*A parceria entre museu e escola é atualmente considerada fundamental para a existência, ou mesmo para a sobrevivência dos museus, uma vez que garante alto índice de visitação e público cativo para o futuro.*²⁰⁶

(Dora Maria Dutra Bay)

Ao tomar contato com a obra ‘*A Interpretação das Culturas*’, de Clifford Geertz, percebi que a forma que escolhi para analisar as experiências educativas e também findar este capítulo trata nada menos de fazer uma etnografia das atividades desenvolvidas a partir da parceria museu e escola em Maracajá. Apoiando-me nas discussões de Geertz, trato como etnografia o trabalho de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante.”²⁰⁷ Assim, tais atividades foram as que realizei ao longo da pesquisa.

Retomando o texto ‘*Uma descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura*’, o autor sinaliza que a interpretação pode ser a chave para a compreensão das culturas e a prática da etnografia é o que os praticantes utilizam para uma análise antropológica como forma de conhecimento, mas o que define é o tipo de esforço intelectual o qual ela representa.

²⁰⁶ BAY, Dora Maria Dutra. *Museu e escola: um diálogo possível*. In: Arte na escola. Boletim 35, São Paulo, jul-ago, 2004, p. 5.

²⁰⁷ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1989. p. 4.

Do mesmo modo, é relevante apontar que, em seus estudos sobre a micro-história, Sandra Jatahy Pesavento dedica especial atenção também à ‘*descrição densa*’ proposta por Geertz e ainda propõe uma aproximação, ao sublinhar que “a micro-história [é] aquela que melhor se presta à *descrição densa* prevista por Clifford Geertz.”²⁰⁸ Em outras palavras, a autora sublinha que tanto a micro-história quanto a descrição densa, em suas formas de ‘análises exaustivas’, requerem um esforço considerável do pesquisador na busca por compreensão. Então, por que não as aproximar?

Desse modo, as experiências aqui apresentadas poderão fornecer subsídios e informações, a partir de minhas percepções, sobre as ações educativas desenvolvidas entre o Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’ - Museu do Trabalho e as escolas da rede municipal de ensino para os diferentes espaços educativos que as desejarem conhecer e utilizar. Ao mapear tais ações, possibilitadas pelas visitas empreendidas ao longo da pesquisa e em outras que tomei contato ao longo dos estudos (consultando os materiais disponibilizados e os *websites* das instituições), foi possível saber aspectos de algumas ações que têm sido desenvolvidas por algumas instituições museais catarinenses no que se refere à educação e à divulgação de suas ações.

Com efeito, a partir das investigações, vislumbro a produção de materiais e estratégias didáticas que foram utilizadas pelo o espaço museu em Maracajá, a partir do ano de 2004, e as relações que este espaço educativo tem traçado junto às instituições formais de educação no município. Nesse sentido, Magaly Cabral afirma que

os museus brasileiros vêm fazendo parcerias de longa data com as escolas, esse seu público mais fiel. Para alguns museus são parcerias para realização de projetos de longa duração com uma mesma escola (ensino fundamental ou médio), com um mesmo grupo de professores e alunos. Esses programas de longa duração permitem certas experimentações e avaliações peculiares, trazendo novas idéias, metodologias e conteúdos para os atendimentos cotidianos das demais escolas.”²⁰⁹

²⁰⁸ PESAVENTO, *Op. cit.*, p, 186.

²⁰⁹ CABRAL, Magaly. *Parcerias em Educação e Museus*, texto apresentado na conferência anual do CECA/ICOM, em Banská Stiavnica/Bratislava, Eslováquia, de 17 a 23 de setembro de 2005.

Em Maracajá, as parcerias entre a educação formal e a não-formal acontecem desde o ano de 2004, mais especificamente. Contudo, elas se dão mais entre as escolas da esfera municipal e os museus, do que destes com as escolas da rede estadual de ensino, o que pode ser explicado talvez pelo fato de o museu estar submetido ao Departamento de Educação, Cultura e Esportes e ser gerido pela Prefeitura Municipal. Outro fator a destacar é que os mesmos profissionais, que atuam no setor educativo do museu, atuam, também, nas escolas municipais. Essa confluência de ações pode explicar a supostas aproximação.

Uma das primeiras propostas de educação patrimonial empreendidas em Maracajá trata da reconstrução histórica do município a partir do mapeamento de sítios arqueológicos. Este projeto de cooperação técnica, realizado em 2004, foi acertado entre a Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, por meio do Curso de História, e o GRUPEP (Grupo de Pesquisas em Educação Patrimonial e Arqueologia) e a Prefeitura Municipal de Maracajá, por meio do Departamento de Educação, Cultura e Esportes. Entre seus objetivos, estava o de fornecer os subsídios necessários para uma ampliação sobre a temática indígena no ambiente escolar e da própria reconstrução da história do município.

Desta forma, desenvolveu-se em Maracajá uma pesquisa sobre a ocupação do território por grupos indígenas e as relações que eles estabeleceram com os colonizadores que se apropriaram deste espaço. O trabalho de campo foi realizado entre os dias 17 e 19 de setembro de 2004 e, naquela ocasião, foram mapeados 09 sítios arqueológicos, atribuídos a grupos caçadores-coletores e ceramistas. Após o mapeamento, o GRUPEP da UNISUL dedicou meses de pesquisas em seu laboratório a fim de identificar e catalogar os artefatos encontrados.

Os dados levantados nessa pesquisa resultaram na publicação de “*Maracajá: Pré-história e arqueologia*”²¹⁰, lançada em 12 de maio de 2005, a qual apresenta a ocupação pré-colonial e colonial do município de Maracajá e fomenta a preservação e valorização do seu patrimônio arqueológico. No Centro Histórico Cultural do Município estão expostos os materiais arqueológicos encontrados nos 09 sítios mapeados e que dão visibilidade aos grupos humanos que ocuparam o território de Maracajá, antes da colonização.

²¹⁰ FARIAS, D. S. E. (Org.). *Maracajá: Pré-História e Arqueologia*. 1. ed. Tubarão: Editora Unisul, 2005. v. 1. 200 p.



Figura 20: Publicações: 'Maracajá: Pré História e Arqueologia'.
Fonte: acervo do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', ano 2008.

Conforme depoimentos da professora e técnica responsável pelo museu Odécia de Almeida Souza,

antes da realização desta pesquisa a maioria da população de Maracajá considerava que a história do município iniciava a partir de 1920, com a construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e com a chegada das primeiras famílias de origem italiana e açoriana, as quais iniciaram o processo de desenvolvimento econômico e social. Oficialmente não existiam registros da presença de grupos indígenas no município e muito menos da relação destes grupos com os primeiros colonizadores por volta da segunda metade do século XIX e início do século XX.²¹¹

Desta forma, como destacou a professora, para além dos artefatos que compuseram um conjunto documental fundamental sobre a ocupação indígena na região, o mapeamento ainda permitiu que a comunidade maracajaense tomasse contato com uma outra história de Maracajá, pois grande parcela dos munícipes considerava a instalação da Ferrovia Dona Tereza Cristina o marco inicial da história deste município. De um modo geral, as culturas indígenas foram por longo período invisibilizadas no processo histórico de Maracajá.

²¹¹ SOUZA, Odécia de Almeida. Entrevista não gravada concedida a Sibeli Cardoso Borba Machado em 10 de agosto de 2009. [Cabe reiterar que as constantes referências à professora Odécia se justificam pelo fato de ela ser a professora responsável pela disciplina de Educação Ambiental e Patrimonial, e, portanto, dos projetos.].

Posteriormente à pesquisa, iniciou-se no município o *Projeto Maracajá Pré-história e Arqueologia – Ocupação Pré-colonial do estado de Santa Catarina*, voltado para os públicos escolares (professores/as e alunos/as). A partir da abordagem de Educação Patrimonial, os/as professores/as das diversas disciplinas curriculares organizaram projetos com estudantes do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino que problematizavam a ocupação e a história do município. Conforme relatos da professora, os/as alunos/as demonstraram grande interesse quando se discutia a questão dos patrimônios arqueológicos. “Alguns estudantes chegaram a trazer artefatos encontrados nos seus bairros; outros relatavam entrevistas realizadas com avós sobre os embates ocorridos neste território entre os chamados ‘bugres e os brancos’.”²¹²

Odécia Almeida de Souza assinala que

os objetivos do projeto envolviam o conhecimento do passado do território da Maracajá antes da existência dos registros históricos. A visibilidade da cultura indígena do município, desvinculando a pretensão de que os brancos colonizadores foram os “descobridores do território” e o respeito à diversidade cultural existente na constituição étnica do município.²¹³

Fica claro, então, que dentre os objetivos do projeto está o de reinventar a história do município de Maracajá, que até o momento da pesquisa era datada da época colonização. Entretanto, cabe destacar, ainda, que mesmo que a pesquisa tenha dado visibilidade aos grupos indígenas e que esses artefatos tenham tomado um lugar de destaque no museu, a história e as memórias dos grupos de colonizadores (açorianos e italianos) não foram empalidecidas. Ao contrário, reservou-se no museu uma sala que é dedicada especialmente a este convívio de memórias.

Outra questão que merece ser pontuada refere-se aos incentivos que a prefeitura municipal parecia oferecer para as publicações do museu. Cabe esclarecer nesse momento que, de acordo com os documentos do museu, os financiamentos foram intermediados por agências bancárias, através de editais de

²¹² *Ibid.*

²¹³ SOUZA, Odécia Almeida de. *Conflitos e mudanças – Os Xokleng e os imigrantes europeus no Vale do Rio Araranguá durante a segunda metade do século XIX*, 2005. Monografia do Curso de Pós-Graduação Especialização em História Social e História Cultural. UNESC-Criciúma. Dez.2005, p. 47.

incentivo à cultura, e também por meio da associação cultural do município. Assim, embora a prefeitura tivesse uma relação de intimidade com o museu, era necessário que a instituição museológica captasse seus próprios recursos, o que caracteriza ações relacionadas a criação de uma política pública na própria instituição.

Ainda conforme as fontes consultadas, o projeto contou com outras atividades como:

- Palestra com a arqueóloga Deisi S. Eloy Farias e o GRUPEP- Arqueologia (Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia) nas escolas da rede municipal de ensino (Figura nº 21);



Figura 21: Palestras de Educação Patrimonial na escola.
Fonte: Acervo Digital do Centro Histórico, ano 2005.

- Pesquisa bibliográfica e documental sobre os conceitos de Pré-História, Arqueologia e Sítio Arqueológico;
- Entrevista oral realizada na comunidade, com moradores antigos, sobre a presença destes grupos coloniais e sua relação com os antepassados da região;
- Aula no Centro Histórico Cultural do município para a visualização dos artefatos encontrados (Figura nº 22);



Figura 22: Aula no Centro Histórico Cultural
Fonte: Fonte: Acervo Digital do Centro Histórico, ano 2005.

- Identificação dos sítios arqueológicos mapeados no município;
- Estudo dos grupos que ocuparam o município no período pré-colonial;
- Realização de procedimentos arqueológicos como escavações simuladas, higienização de artefatos e desenho das peças;
- Construção de maquetes sobre as características de cada grupo que ocupou o território do Estado de Santa Catarina (Figura nº 23);



Figura 23: Construção de maquetes temáticas.
Fonte: Acervo Digital do Centro Histórico Cultural, ano 2005.

- Produção de objetos de cerâmica caracterizando os grupos ceramistas (Figuras nº 24 e 25);



Figura 24 e 25: Produção de objetos de cerâmica nas escolas.
Fonte: Acervo Digital do Centro Histórico Cultural, ano 2005.

- Divulgação de todos os resultados e trabalhos realizados durante o projeto em uma exposição que recebeu todas as escolas municipais e a comunidade em geral.

A partir da pesquisa, produziu-se também a cartilha '*Uma aventura pela história de Maracajá*²¹⁴, dedicada ao público escolar, sobre a história de Maracajá contada pelo personagem Maraquinha (gatinho), mascote da Educação Patrimonial no município. Conforme palavras já citadas, após o lançamento da publicação *Maracajá: Pré-história e Arqueologia* “[...] sentiu-se a necessidade de produzir um material didático-pedagógico que facilitasse e proporcionasse o conhecimento, a identificação e a valorização da história e da memória do município.”²¹⁵ O que aqui se reitera é a necessidade de recurso didático, a partir da publicação, no qual a leitura estivesse ao alcance de todos os maracajaenses e, dentre eles, também as crianças. Partindo desta necessidade, produziu-se uma cartilha com uma linguagem simples e clara, que pode ser utilizada por todos os públicos.

²¹⁴ FARIAS, D. S. E. ; NEU, M. F. R. ; SOUZA, O. A. . *Uma Aventura pela História de Maracajá*. 1. ed. Florianópolis: SAMEC, 2007. v. 600. 52 p.

²¹⁵ VALNIER, Luciane Ronchi Valnier. *Apresentação*. In: FARIAS, D. S. E. ; NEU, M. F. R. ; SOUZA, O. A. . *Uma Aventura pela História de Maracajá*. 1. ed. Florianópolis: SAMEC, 2007. p. 3.



Figura 26: Cartilha 'Uma aventura pela história de Maracajá'.
Fonte: Acervo do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', ano 2007.

Em seu lançamento, a cartilha foi distribuída a todos os escolares. Entretanto, a partir do ano de 2008 ela passa a fazer parte dos projetos do 3º ano do ensino fundamental da rede municipal e estadual de ensino em Maracajá. Com relação às atividades que compõem este projeto, pode-se citar entre elas a *Ida ao Museu* e o *encontro com o Maraquinha*. As ilustrações nº 27 e nº 28 dão noções de como são desenvolvidas as atividades durante a visitação e o quanto elas parecem motivá-los. Para as educadoras Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, Margareth Brandini Park e Renata Sieiro Fernandes, ao desenvolver-se este tipo de atividade a transmissão do conhecimento “acontece de forma não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repreensão em caso de não-aprendizado, pois as pessoas estão envolvidas no processo ensino-aprendizagem e têm uma relação [...] com o aprender.”²¹⁶



Figura 27 e 28: Ida ao museu - encontro com o Maraquinha.

²¹⁶ SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p. 10.

Dentre as propostas desse material, observa-se a maneira como foi tratada a relação entre o passado e presente e também a necessidade de despertar no aluno o “instinto investigador”, além do incentivo que ela oferece para que os alunos adotem o papel de investigadores. Conforme as autoras, “o passado e o presente, [...] estão ligados entre si e podem nos ensinar maneiras de como viver melhor, construindo um mundo mais justo e respeitando a natureza e as pessoas.”²¹⁷ Desta maneira, propõem que os indícios do passado ressignificados pelo presente, proporcionem identificação e reconhecimento por parte da comunidade e auxiliem na promoção da cidadania, conforme mostra a Figura n^o 29.



Figura 29: Cartilha 'Uma aventura pela história de Maracajá' – interior da cartilha. Fonte: Acervo do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', ano 2008.

Outra sugestão que a cartilha traz é que, para que os alunos adotem o papel de investigadores, primeiramente é preciso que eles conheçam as fontes de pesquisa e sua multiplicidade, para que depois possam se servir desta “caixinha de ferramentas”, como bem faz o velho artesão, lembrado por Jean- Pierre Rioux. O texto apresentado na figura n^o 30 também sugere que as informações para uma investigação residem na multiplicidade das fontes e em como elas são tratadas, isto é, como são postas e contrapostas.

²¹⁷ FARIAS, D. S. E. ; NEU, M. F. R. ; SOUZA, O. A. . Uma Aventura pela História de Maracajá. 1. ed. Florianópolis: SAMEC, 2007. v. 600. p. 18.

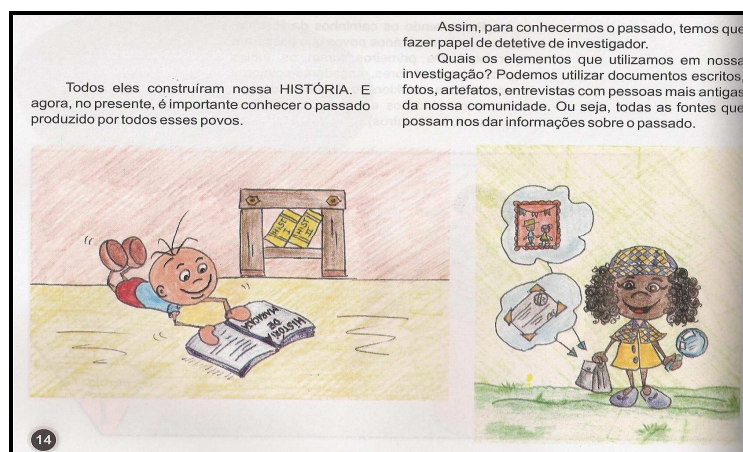


Figura 30: Cartilha 'Uma aventura pela história de Maracajá' – interior da cartilha.
 Fonte: Acervo do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', ano 2008.

O projeto, ao que tudo indica, trouxe os resultados esperados por parte do museu e a Oficina de Arqueologia passa a integrar as atividades educativas desenvolvidas pela instituição. Em conversa informal com a professora Cláudia Scarduelli da Rocha, uma das professoras de terceiro ano do ensino fundamental da Escola de Educação Básica Municipal 12 de Maio, no início de ano de 2009, questionei-a sobre a importância do projeto e ela ressaltou que “ele foi significativo para as crianças por fazer referência à história de Maracajá”. O depoimento da professora, ainda que não justifique os sentidos da expressão ‘bastante significativo’, parece evidenciar que atividades propostas a partir da história local, de um modo geral, despertam o interesse e a atenção dos/as alunos/as.

Desta maneira, a oficina de arqueologia é promovida por meio da análise e dos estudos dos artefatos encontrados no município de Maracajá para colocar o/a aluno/a em contato com as diferentes etapas que compõem a pesquisa arqueológica. Outro objetivo da oficina é o de despertar no/a aluno/a o gosto pela Iniciação Científica no Ensino Fundamental. Somados a esses esforços, está ainda necessidade de permitir que os sujeitos tomem contato com a arqueologia desde cedo e compreendam o papel que ela assume para a preservação cultural.

Outra atividade desenvolvida entre museu e escola faz referência às fontes fotográficas que compõem o acervo do museu. A exposição que se configura como exposição temporária e que é apresentada no museu duas vezes ao ano, permite que os visitantes tomem contato com as imagens de um Maracajá distante, mas não menos promissor que o atual.



Figura 31: Visita ao museu.

Fonte: acervo digital do Centro Histórico Cultural, ano de 2007.



Figura 32: Atividades na sala de aula.

Na Figura nº 31, os alunos visitam o museu para conhecer a história de Maracajá por meio de fotografias e, posteriormente, na escola, confeccionam painéis que reconstruam essa história de Maracajá a partir dos elementos que lhes foram significativos durante a visita.

A partir do acervo fotográfico e documental, no museu, os visitantes (estudantes e público em geral) podem saber sobre as técnicas de higienização e como devem ser tratadas as informações nos mais diferentes suportes (papel, mídia, etc.). Para tanto, nas escolas são promovidas oficinas de higienização (simulações) que orientam para o tratamento da documentação e sobre alguns conceitos de arquivística.



Figura 33: Processo de higienização de documentos.

Fonte: Acervo digital do Centro Histórico Cultural, 2006.

Durante as atividades na escola, a técnica do museu dá noções sobre o restauro de livros e documentos e promove ainda momentos de reflexões sobre a importância dos livros, da biblioteca e do hábito de leitura. Incentiva-se, nesse momento, o/a aluno/a a frequentar a biblioteca com o intuito de despertar cada vez mais o gosto pela leitura. As figuras nº 34 e nº 35 apresentam alguns dos trabalhos desenvolvidos na escola com o fim de promover a intensificação da leitura e ao mesmo tempo chamar atenção para o cuidado que se deve ter com os livros. A figura nº 34 apresenta um guia de dicas, produzido por alunos/as, que orienta sobre os cuidados que devemos ter para com os livros. Já a figura nº 35 exibe as crianças indo à biblioteca, desenvolvendo os objetivos da visita e, posteriormente, aproveitando o próprio espaço da biblioteca para concluir as atividades de sala de aula. Perceba-se, aqui, a presença e utilização do livro didático na ilustração.



Figura 34: Noções sobre restauro, na escola.
Fonte: acervo digital do Centro Histórico Cultural, 2006.



Figura 35: Incentivo a leitura no Centro Histórico.

Quanto às parcerias entre o museu e a escola, percebi que os relatórios das atividades produzidos pelos profissionais do museu, apontam para resultados favoráveis para ambas as instituições. Não obstante, mesmo que essas parcerias já aconteçam em Maracajá há algum tempo e que a investigação tenha respondido parte de minhas inquietações, é preciso questionar ainda se durante essas parcerias se estabelecem realmente diálogos pedagógicos: de que forma os educadores vêm se servindo das experiências vivenciadas por seus alunos após deixarem o museu e retornarem à escola? O que podem e têm feito com essas experiências? As visitas são meras fugas escolares ou produzem algum sentido ao aluno?

Considerando as experiências que pude mapear e também os relatos dos professores e alunos encontrados nos já referidos relatórios, é possível indicar que

os resultados das parcerias foram considerados como positivos. Entretanto, é preciso destacar que as atividades de parceria aqui analisadas fazem referência a projetos que foram desenvolvidos com um total de quinhentos e cinquenta e sete (557) alunos/as, entre os anos de 2007 e 2009²¹⁸, nas três escolas municipais de ensino, conforme mostra a ilustração a seguir. E, embora o número de alunos possa ser expressivo, ele é apenas uma amostra do total de estudantes maracajaenses que freqüentaram a escola naqueles anos, visto que os próprios registros do museu revelaram uma aproximação maior com as escolas municipais do que com as escolas estaduais.

Outra questão a sinalizar, é a de que ao observarem-se os conjuntos de ações educativas mapeados nos museus visitados, os quais se encontram nos apêndices desta dissertação, como é o caso da aula no museu; as oficinas; os cursos de qualificação; as publicações didáticas e etc., percebe-se que as algumas das atividades desenvolvidas por eles são, também, desenvolvidas no Museu do Trabalho de Maracajá, embora em uma proporção menor. Desta forma, conforme está indicado no quadro de atividades dos museus visitados, o museu de Maracajá tem procurado aproximar-se das propostas educacionais desenvolvidas em museus catarinenses de maior porte, como é o caso dos museus visitados na fase exploratória desta pesquisa. Importa ressaltar, ainda, que ele procura também seguir as orientações sugeridas pela política estadual de museus de Santa Catarina.

²¹⁸ Essa delimitação temporal foi estabelecida devido ao fato de que nesses três anos de desenvolvimento as atividades foram desenvolvidas em ambas as escolas e foi o período em que as atividades se mostraram mais diversificadas. Provavelmente, ao tomar-se contato com os projetos dos outros anos teríamos novas questões a pontuar e discutir.

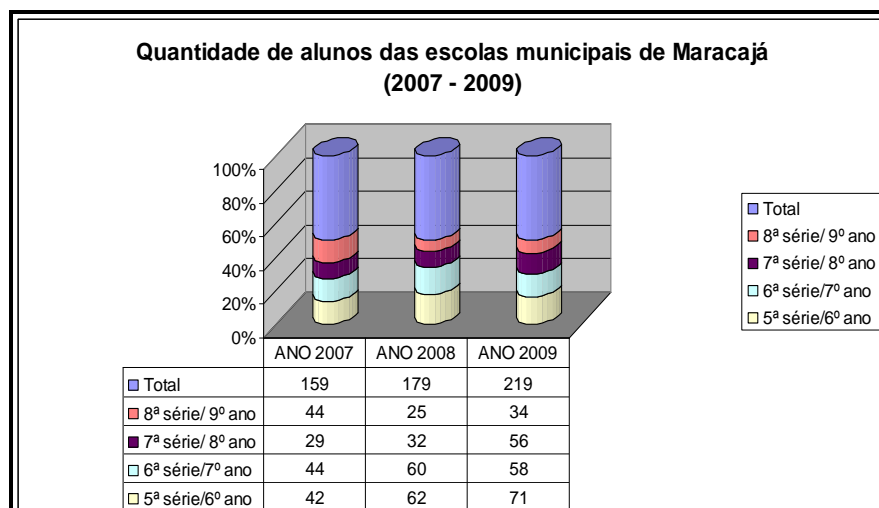


Tabela 02: Quantidade de alunos/as das escolas municipais de Maracajá (2007-2009).
Fonte: Dados fornecidos por Elizete Leandro/Departamento de Educação de Maracajá, 2009.

No tocante aos projetos, além do *Programa de Educação Patrimonial* (aulas no museu e oficina de arqueologia), o museu desenvolve o *Projeto Museu vai a Escola* (Kit pedagógico sobre Arqueologia²¹⁹; palestras sobre a dimensão patrimonial, entre elas sobre o patrimônio documental.); as exposições permanentes (exposição do acervo colonial e pré-colonial); cursos de educação continuada aos professores e pesquisadores (desafios e possibilidades entre escola e museu); palestras sobre educação ambiental e desenvolvimento sustentável (realizadas em parceria com o parque ecológico).

O museu do trabalho, em parceria com outras instituições como é o caso das escolas, propõe também atividades educativas, as quais permitem que o aluno adentre o espaço museológico e adote a postura de interlocutor da exposição. Um exemplo disso foi a exposição comemorativa ao Dia Internacional da Mulher, realizada no mês de março de 2009, e que me chamou atenção no momento da visita, não pela forma de organização, planejamento ou funcionamento da atividade, visto que esse tipo de atividade é bastante praticada nas escolas, mas pela produção de sentido que ela parece ter permitido aos envolvidos.

²¹⁹ Aqui o museu apresenta aos alunos o Kit Pedagógico sobre Arqueologia e, na própria escola, juntamente com os profissionais dos diversos campos disciplinares, fazem-se as simulações de escavações, além de outras tantas atividades que essa integração desenvolve.

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, foi proposta nas escolas municipais²²⁰, especificamente nas 7ª séries, hoje 8º anos do Ensino Fundamental, uma exposição que lembrasse as lutas femininas e as conquistas que as mulheres foram adquirindo no decorrer da história. Para tanto, solicitou-se aos alunos elencar quais mulheres eles julgavam importante homenagear, no sentido de terem empreendido transformações na história, seja em âmbito local, regional, nacional ou internacional. Dentre as escolhas, apareceram heroínas/protagonistas de fatos históricos (como Anita Garibaldi; Joana d'Arc; Diana Frandes - Princesa Diana; etc.), atrizes renomadas da TV, apresentadoras de emissoras reconhecidas (Maria da Graça Meneghel – Xuxa, etc.), políticas (como Marta Suplicy), jornalistas (como Fátima Gomes Bernardes Bonner) e algumas mulheres de seus próprios convívios familiares e escolares: mães, professoras, diretoras de escolas, cozinheiras, etc.

A atividade exigia que além da escolha os alunos entrevistassem, fotografassem ou selecionassem uma imagem da escolhida. Feito isso, propôs-se que eles descrevessem fatos marcantes ocorridos com essas mulheres num recorte de 10 anos e que eles se inteirassem sobre como elas percebiam as relações de trabalho no universo feminino.

Feitas as pesquisas, organizou-se com os alunos e as escolas uma exposição no museu. Contudo, cabe reiterar que uma exposição museológica não se limita a uma simples organização ou apresentação de objetos e de conjuntos documentais, antes ela é a linguagem utilizada pelos museus para comunicar, para provocar questionamentos e situações de aprendizado. A exposição, como convenção, desempenha a função de exibir peças (objetos) museológicas que se apresentam como vetores para a produção de sentido. Portanto, a exposição não deve ser considerada a partir de um processo natural; antes ela é uma linguagem; é um processo construído e dado a ler. Para Ulpiano Bezerra de Meneses, citado por Elisa Guimarães Ennes, “a exposição museológica é, em última análise, a formulação de ideias, conceitos, problemas expressos por vetores materiais”²²¹ e estes, indiscutivelmente, são carregados de sentidos afetivos e cognitivos.

²²⁰ Projeto desenvolvido nas escolas municipais: Escola de Educação Básica Municipal Eulália Oliveira de Bem e Escola de Educação Básica Municipal 12 de Maio.

²²¹ MENESES, Ulpiano *apud* ENNES, Elisa Guimarães. *Espaço Construído: o Museu e suas exposições*. Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008, p. 48. Disponível em: <

Partindo, então, das premissas levantadas pelo autor e das discussões que colocam a exposição como um processo de construção de ordem simbólica e material, dedico olhar atento à exposição organizada em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, apresentada ao longo o mês de março do ano de 2009, no Museu do Trabalho, em Maracajá.

Ao ser questionada sobre esta exposição, a educadora responsável pelo museu destacou que o evento atraiu a atenção e os olhares dos usuários do museu, dos visitantes e também daqueles que ouviam falar sobre ela. Desta forma, despertou-me curiosidade saber: o que essa exposição teve de diferente das demais? No que se difere das atividades escolares? Não seriam apenas mais histórias de vidas emolduradas e suspensas em paredes?

Ao observar as figuras nº 36 e nº 37, é possível vislumbrar o que este trabalho teve de diferente dos demais, ou ainda, sua diferença para com outras exposições visitadas. Ao analisar essa exposição, avaliando seu contexto de produção e o de suas propostas, tive a oportunidade de organizar elementos que me levaram a algumas percepções acerca desta atividade e faço questão de citá-las neste momento: a primeira percepção importante foi poder constatar que quando o sujeito (o/ aluno/a) se sente parte, dialoga, interroga, caminha junto, problematiza e interage ao longo do processo de construção e/ou de desenvolvimento de uma determinada atividade, ele impetra condições de discutir, reorientar, desconstruir e de produzir seus próprios sentidos acerca do trabalho.

A segunda percepção que julgo relevante sinalizar é para a necessidade de o/a professor/a perceber que os/as alunos/as- mesmo que no início de sua caminhada de formação - possuem um poder de reflexão, discernimento e de astúcia inimagináveis, e que estas potencialidades precisam ser cada vez mais desenvolvidas. Certo é que o presente trouxe aos educadores muitos desafios, mas, ao mesmo tempo, tem oferecido múltiplas possibilidades de construirmos conhecimentos a partir de elementos que façam referência ao próprio contexto de vida do aluno. É preciso que os professores aproximem as atividades escolares com as expectativas dos alunos, e que promovam as atividades em parcerias com outras instituições, o que pode tornar a prática educativa mais dinâmica e significativa.

Nessa paisagem, trago à tona, as palavras de Paulo Freire, que em seu artigo '*Ensinar exige alegria e esperança*', considera que "há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança."²²² Atualmente, nesse contexto de mudanças e de transformações, no qual os sujeitos, especialmente os mais jovens, tornam-se mais suscetíveis às dissonâncias de uma vida saudável (devido aos vícios, aos entorpecentes, etc.), é preciso que os/as educadores/as despertem apego e afeto por meio de projetos que os vinculem e situem como sujeitos sociais. Para o autor, "a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-datado."²²³ Nesse sentido, ações socioeducativas em parcerias podem ser um bom caminho para aflorar identificação entre os educandos e os espaços museológicos. Além disso, o contato com a instituição museológica e a possibilidade de roteirar um texto para uma exposição museológica, como foi o caso da exposição comemorativa ao Dia da Mulher feita pelos/as alunos/as, pode levar os/as educandos/as a perceber que um processo histórico pode tomar um curso diferente, se assim os sujeitos o desejarem.

A terceira e última premissa que trago à cena é quanto ao poder de decisão e de escolha que parecem ter revelado os alunos nesta exposição. Conforme a professora responsável, "as personagens, digo, mulheres, foram escolhidas pelos próprios alunos. A escolha talvez tenha sido pautada no significado que essas mulheres tenham nas vidas deles ou pela maneira como foram abordadas nas diversas disciplinas, na escola."²²⁴ A partir deste depoimento, torna-se possível vislumbrar como o discurso pedagógico enredado pelo professor, na instituição escolar, tem o poder de construir ou, não raro, desconstruir personagens, mitos e heróis. Dedicando olhar atento à exposição, reitero que esse pressuposto provavelmente esteve presente no momento de cada escolha individual por parte dos/as alunos/as.

Outra questão relevante ainda a citar é que, para além do discurso pedagógico, os meios de comunicação também mediarão as escolhas dos/as alunos/as. De fato, ao observar os registros imagéticos da exposição, é possível verificar que algumas das mulheres escolhidas são aquelas que aparecem

²²² FREIRE, *Op. cit.*, p. 72.

²²³ *Ibid.*

²²⁴ SOUZA, *Op. cit.*

constantemente na mídia, como é o caso da jornalista Fátima Bernardes e da apresentadora Xuxa.

Ainda que possa ser relativizada, essa atividade gerou significados e inquietações, incitou falas e despertou olhares curiosos por parte dos envolvidos, o que parece ter promovido o encorajamento necessário para que os alunos tomassem o lugar de protagonistas e de interlocutores da exposição. Como narradores, tiveram o poder de lançar olhares e de fazer (re)leituras sobre a condição e o papel da mulher na sociedade, principalmente em Maracajá.

Para saber mais sobre o significado dessa atividade para os alunos, tomo as palavras dos estudantes Thiago Machado e Werigthon Pedro Fernandes, encontradas em um texto dissertativo escrito, já na escola, após o trabalho da exposição:

Nós da 7ª II, fizemos uma exposição no Centro Histórico, para homenagear as mulheres da comunidade e de todo o Brasil. Nós achamos importante a exposição, porque nós apresentamos para muitas pessoas da prefeitura, de escolas e as visitas que foram lá. Nós apresentamos o trabalho sobre as mulheres do passado, no presente. Na Idade da Pedra as mulheres eram muito respeitadas, mas ao decorrer dos anos as mulheres começaram a ser desrespeitadas, principalmente na Idade Média. Hoje as mulheres conseguiram quase todos os direitos dos homens e também respeito, mas não conseguiram 100% ainda de respeito e direitos iguais dos homens. Hoje nós sabemos muito mais sobre as mulheres e respeitamos também muito mais as mulheres.²²⁵

Conforme depoimentos da professora Odécia, durante a exposição os alunos revelaram muito de si. Ao fazer leituras sobre as mulheres escolhidas parecem tê-las identificado com suas próprias mães, avós, irmãs, etc. “Somados a isso ainda foi possível perceber que durante suas falas, daqueles que narravam, e olhares atentos, daqueles que acompanhavam, foram reveladas, de um modo particular, as condições a que são submetidas suas familiares.”²²⁶ Para a professora, ficou claro também que as relações de gênero, violência doméstica e trabalhista atravessam também as falas dos alunos, tanto daqueles que participaram diretamente da

²²⁵ MACHADO, Thiago; FERNANDES, Werigthon Pedro. *História das Mulheres na sociedade*. Texto dissertativo produzido na Disciplina de Educação Patrimonial e Ambiental. Maracajá, 30 de março de 2009.

²²⁶ SOUZA, *Op. cit.*

exposição como daqueles que vieram ao museu conhecer a exposição, compartilhar da explanação e dialogar.

Certamente, críticas também podem ser lançadas ao trabalho e, entre elas, a de que esta atividade difere pouco dos trabalhos que são frequentemente realizados na escola. Contudo, o que chamo atenção neste momento, é para o fato de que a possibilidade de extrapolar os muros da escola pode ter despertado um interesse maior no aluno, o qual agora é convidado a discuti-lo em outros espaços educativos e ainda ter possibilidade de dialogar com outros sujeitos. Assim, é possível que uma mesma atividade traga significados diferentes quando desenvolvida em ambientes distintos.

A meu ver, ao longo da investigação sobre as atividades conjuntas entre o Museu do Trabalho e as escolas da rede municipal de ensino de Maracajá, talvez esta tenha sido, dentre as demais, uma amostra de atividade significativa tanto na produção de sentido como nos desdobramentos de suas etapas, além de ter reiterado a necessidade de interconexões e de diálogos entre a educação formal e não-formal.

Como pesquisadora do tempo presente, adotando o recuo necessário para investigar o meu objeto de estudo, mas jamais apartada de minhas paixões e desejos, como não o está qualquer outro historiador nas diversas temporalidades que se propõem a investigar, enfatizo que, para mim, esta atividade deu conta da grande demanda de objetivos propostos e promoveu ainda outras reflexões acerca do tema gerador da proposta. Pode-se dizer, também, que, de acordo com os registros das atividades do museu, o trabalho atendeu as diversas situações pormenorizadas e inesperadas que aconteceram ao longo do percurso e ainda colocou - como o aparecimento de temas emergentes levantados pelos alunos sobre as relações de gênero, das relações trabalhistas e da violência doméstica - os profissionais de duas instituições de educação distintas a debaterem sobre o assunto.

Dito isso, retomo a citação da pedagoga Valéria Aroeira Garcia, a qual, ao fazer leituras de Almerindo Janela Afonso, assinala que a educação não-formal caracteriza-se “por possibilitar a transformação social, dando aos sujeitos que participam desse processo, condições de interferir na história, refletindo-a,

transformando-a, logo, transformando-se.”²²⁷ Sendo assim, esses pressupostos foram, de alguma maneira, atendidos nessa atividade, mas é certo dizer que nem todas as atividades propostas pela parceria museu, escola e comunidade têm o mesmo alcance em Maracajá. Contudo, é preciso que todas as atividades, mesmo aquelas que não tenham suprido as expectativas dos proponentes, sejam retomadas e postas em discussão, num balanço necessário, pois elas provavelmente servirão como ponto de partida e de reflexão para novas propostas e atividades conjuntas.



Figura 36 e 37: Exposição em homenagem ao Dia Internacional da Mulher - Alunos fazendo a narrativa.

Fonte: Acervo do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', 2009.

Desta maneira, ao tomar a educação patrimonial como foco de investigação e, de forma mais próxima, as atividades socioeducativas do museu em parceria com as escolas, parece necessário considerar, primeiramente, que tanto o nascimento da instituição escola como o das instituições museais não podem ser confundidos com as possibilidades e os seus usos no presente. Antes de serem instituições que caminham de forma paralela, é preciso que elas se encontrem, que sejam interlocutores sociais e que sejam espaços onde se promova a autonomia e a cidadania.

Por sua vez, para além das escolas, o museu também estabelece relações de proximidade e de afetividade com a comunidade. Essa relação fica evidente principalmente nas visitas ao Centro Histórico Cultural, onde os moradores, como mostra a figura 38, revelam certa satisfação e nostalgia ao tomarem contato com os objetos, que, como vetores, acionam as lembranças de um momento que já não

²²⁷ GARCIA, *Op. cit.*, p.152.

existe mais, mas que deixou suas marcas profundas nas memórias dos moradores. Nesse contexto nostálgico, é possível perceber que o próprio conceito de comunidade desenvolvido no município, parece ter sido articulado de forma a suavizar, senão quando apagar, as dimensões dos conflitos e disputas que provavelmente coexistiam entre os indivíduos e os grupos, na história de Maracajá.



Figura 38: Morador relembando o tempo em que tocava instrumentos musicais.
Fonte: Acervo do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli', 2007.

Após analisar o quadro de atividades mapeadas, volto-me agora ao “laboratório de experiências” que formei ao empreender visitas a alguns museus de Santa Catarina e que me permitem avaliar o museu selecionado com mais cuidado e atenção. De acordo com Sandra Pesavento, é preciso ter o cuidado de não compará-lo ou de qualificá-lo em escalas que extrapolem os limites da escala reduzida na qual ele deve ser inserido. Ao observar então os museus que visitei, percebi que a grande maioria deles são museus com uma trajetória histórica bastante reconhecida - alguns com 56 anos de existência, outros com 30 anos e outros ainda mais jovens, mas não menos conhecidos no meio acadêmico - e que a maioria deles dispõe de rubrica orçamentária, seja por intermédio de projetos, seja por inserções no planejamento orçamentário público ou privado.

Entretanto, para o museu discutido neste estudo, nenhuma rubrica orçamentária foi despendida, tampouco ele consegue participar dos editais de organismos públicos (em nível estadual e nacional) e/ou privados para a

arrecadação de verbas para as melhorias de que necessita. Este museu continua hoje ainda necessitando de ampliação e da contratação de profissionais qualificados na área para atuar nos variados setores da instituição; porém, ainda não possui subsídios para isso.

No tocante às ações educativas e aos projetos que os demais museus organizam, pode-se dizer que o museu de Macarajá tem conseguido acompanhá-los em termos de publicações acadêmicas e didáticas e também de atividades educativas, embora as atividades deste museu sejam diferentes dos demais. Não encontrei neste museu atividades que façam utilização de filmes, de peças de teatros, de apresentações musicais e atividades com jogos educativos como é o caso dos outros. Mas há, como nos demais museus, programas educativos para os professores e para os alunos e ainda diálogos próximos da comunidade.

O Museu do Trabalho aproxima suas atividades dos demais visitados por oferecer aos seus usuários o 'Programa de Monitoria', com a visita guiada, e o 'Programa de Educação Patrimonial', com a Aula no Museu e as Oficinas Educativas, como a de Arqueologia que se desdobra em várias atividades. Possui também os Kit's Educativos e oferece material didático aos visitantes, a exemplo dos museus visitados.

Por outro lado, evidencia-se neste museu também a abertura para que sejam apresentadas exposições feitas por outras instituições ou ainda mostras da comunidade. Um exemplo disso foi a exposição do brinquedo realizada pelos/as alunos/as do 6º ano das escolas municipais, em uma atividade conjunta com seus pais e avós, sobre o mundo rural, que foi exposta no Museu entre os meses de outubro e novembro do ano de 2009, em comemoração ao Dia das Crianças. Cabe sinalizar, portanto, que o tema trabalho, de acordo com a linha temática adotada pelo museu mais voltada para o trabalho agrícola, perpassa por todos os títulos de trabalhos desenvolvidos pelo e no museu.

De fato, questionamentos e/ou críticas podem ser levantadas para esse museu, como as razões que sugeriram a adoção de um museu do trabalho em Maracajá ou ainda as intencionalidades que marcaram o contexto de criação, organização e seleção de objetos e das suas exposições, por parte de seus idealizadores. Do mesmo modo, pode-se questionar ainda se o fato de novos grupos aparecerem no cenário da história de Maracajá, trouxe alguma renovação na concepção da história maracajaense ou apenas tratou de incorporá-los ao mosaico

étnico do município – cuja abordagem guarda paralelos com outras nada renovadoras, da história de Santa Catarina.

Todavia, ao tomar contato com o museu e os seus profissionais, ao conhecer o contexto e as expectativas de sua criação, o processo pelo qual foi viabilizado o seu projeto museológico, os meios que ele encontra hoje para manter-se vivo e as ações socioeducativas que ele desenvolve a partir da educação patrimonial, é preciso reconhecer que o Museu do Trabalho vem construindo uma trajetória marcada pela superação de dificuldades institucionais e hoje tende a firmar-se como um instrumento vital para a valorização da memória e a identificação cultural dos diversos grupos que compõem o município de Maracajá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte do trabalho pode não ser a mais árdua das tarefas, mas certamente é uma das mais delicadas. ‘Findar o estudo’, ‘extrair percepções’ de uma experiência, ‘dar a ver uma história’, ‘indicar’ caminhos, tudo isso certamente não é tarefa simples. Então, como exprimir minhas impressões acerca deste estudo? Como apresentar-lhes uma história cheia de convicções e de certezas, se vivemos hoje a era de dúvidas e incertezas? Além disso, como compor uma história desconsiderando a possibilidade de que mesmo antes de ela ser construída já merece ser repensada?

Assim, tomo as palavras do autor Jacques Le Goff, que, ao tratar sobre os documentos, elucida algumas das questões que eu gostaria de discutir neste último momento. Na obra ‘História e Memória’, Le Goff nos lembra que *“o documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.”*²²⁸ O autor sugere que os documentos sejam ‘desmontados’, ‘demolidos’ e ‘desestruturados’, pois é antes de mais nada um esforço, intencional ou não, que as sociedades empreendem para impor “uma imagem de si própria”. Nesse sentido, a desconfiança torna-se um componente fundamental para o exercício de análise.

Nesse íterim, uma dissertação é também um documento que é fruto de uma montagem localizada no tempo e no espaço. Assim como procurei deixar claro desde o princípio da escrita, este estudo tem seus contornos teórico-metodológicos (desde o tema, o problema, o recorte, as fontes e o arcabouço teórico) intimamente ligados à História do Tempo Presente e tem como foco de análise o município de Maracajá/SC (1990-2009), mais especificamente o Museu do Trabalho e algumas das ações educativas que ele desenvolve.

Cumpre sinalizar aqui que este trabalho é o fruto de minhas inquietações de pesquisadora num esforço de adentrar campos disciplinares distintos (Educação e

²²⁸ LE GOFF, J. *História e memória*. 4. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 547.

Museologia) de minha área de formação e exercitar um olhar possível para as ações educativas do Museu do Trabalho de Maracajá. Exercício não menos desafiador foi o de analisar como esta instituição museológica, apoiada na abordagem de educação patrimonial, tem desenvolvido parcerias múltiplas e estabelecido diálogos significativos com as escolas e a comunidade.

Por sua vez, com a História do Tempo Presente, que se apresenta como um campo aberto de temáticas e debates suscitados pelas profundas transformações advindas com a contemporaneidade, pude refletir e investigar sobre como o Museu de Maracajá tem colocado em evidência, por meio de um conjunto de atividades educativas, suas preocupações com as identificações, com as memórias individuais e coletivas e com o patrimônio cultural.

De fato, a criação de um museu, como espaço de reflexão acerca da cultura material e imaterial, de pesquisa e divulgação, apresentou-se possivelmente como lugar significativo para intermediar a apropriação do conhecimento produzido ao longo do tempo (*passado e presente*) e pela comunidade maracajanesa. Pode-se dizer, também, que o Museu do Trabalho se abre como espaço privilegiado de exercício de alteridade, de trocas culturais e de construção social de memória.

Por outro lado, observo que ensaiar esta história e estranhar uma instituição que conheço e onde já desenvolvi atividades como professora não foi tarefa fácil. Além do mais, em um tempo de desconfianças, como oferecer certezas aos/às leitores/as do estudo? A bem verdade, ao findar este trabalho, fica claro para mim que, ao contrário de separar-me dele, cheia de convicções, levo comigo mais dúvidas do propriamente certezas. Nesse sentido, “ao que parece” ou “ao que me parece” foram expressões que constantemente utilizei, na confecção desta narrativa, para sinalizar esses momentos de inquietações e também para permitir que os/as leitores/as tirassem suas próprias impressões acerca do que eu estava expondo. Afinal, por mais que tentemos, não somos neutros, conseguimos apenas minimizar as subjetividades ao tratar com as fontes.

Numa outra paisagem, na tentativa de juntar pistas que pudessem, de alguma forma, oferecer suporte à construção deste trabalho, voltei-me aos arquivos do museu e da biblioteca municipal com intuito de rastrear vestígios que sinalizassem para o contexto de criação do museu. Para isso, debrucei-me sobre os jornais e desenhei um possível percurso de motivações que permitiram a constituição deste espaço. Claro está que o desenho deste possível mapa foi singularizado pelo

problema de pesquisa que pretendia examinar como o museu, ao longo dos cinco anos de existência, tem encontrado apoio na educação patrimonial para conduzir suas atividades e propostas.

Ao examinar os jornais, outras inquietações foram surgindo, como a de procurar os motivos que levaram a Gestão Municipal (1989-1992) a abraçar as causas patrimoniais ou ainda escavar as razões que levaram os diversos veículos de imprensa da região do extremo sul catarinense a potencializar uma imagem favorável ao prefeito e sua gestão. Entretanto, a mesma presença desses documentos aponta também para as ausências, para o que deixou de ser dito e, não raro, para o que foi omitido. Aqui, reitero novamente a ausência que senti de matérias veiculadas que se mostrassem desfavoráveis à administração, provavelmente, e não menos esperado, essa questão esbarre na própria forma de organização e de seleção do material a ser arquivado.

Justifico, aqui, que tracei um caminho, um percurso ou ainda que reuni elementos, a partir das fontes selecionadas, que como peças de um quebra-cabeça foram organizadas de modo a dar visibilidade à paisagem do museu e ao seu entorno, para que depois pudesse desdobrá-lo por meio de uma descrição interpretativa de suas atividades. É certo que havia outras maneiras de trilhar os caminhos, como, por exemplo, o viés econômico com o crescimento do Turismo Local; porém, optei por percorrê-lo a partir de uma abordagem cultural que mostrasse como as ações da e na comunidade maracajaense são atravessadas por um profundo dever de memória.

Assim, se a epígrafe escolhida para abrir o trabalho suscitou algum tipo de reflexão ao leitor, para mim ela não foi uma escolha aleatória. Foi, antes, uma motivação, um encorajamento, um caminho a construir e a seguir. *“Sem dúvida, qualquer história pode ser contada de mil maneiras”*, lembra Beatriz Sarlo, e esta foi a maneira que eu encontrei de melhor contar a história das Experiências de Educação Patrimonial do Centro Histórico Cultural ‘Avetti Paladini Zilli’. Foi em Beatriz Sarlo que busquei uma palavra para, então, iniciar a escrita deste trabalho e dar a ver algumas das múltiplas experiências vivenciadas ao longo dessa pesquisa.

Por outro lado, cumpre assinalar que as formulações desta Dissertação de Mestrado são provisórias e abertas à contestação, pois não pretendemos nós, historiadores do tempo presente, ser absolutos em nossas propostas, tampouco buscamos nos apartar daqueles que elegem outras temporalidades como recorte

para suas pesquisas e/ou são afiliados a outras correntes teórico-conceituais. Sabemos, é claro, que, de uma maneira geral, todo discurso histórico acaba por ser provisório e isso não se difere nesta operação historiográfica.

Todavia, o que se vislumbra com esta corrente, dentre tantas outras possibilidades, é a oportunidade de trilhar caminhos pouco explorados pelas demais historiografias, ‘misturar tempos’, ‘atravessar diálogos’, ‘deslindar fatos’, ‘compor e contrapor discursos’, lidar com uma variedade de fontes que até o momento foram pouco aceitas e ainda o de construir uma narrativa histórica na qual ‘atores’ e ‘expectadores’, homens e mulheres, escritores/as e leitores/as sejam oportunizados a examinar uma história e extrair dela as suas próprias impressões.

Do mesmo modo, não pretendo que este trabalho se encerre aqui, antes ele é uma motivação para uma futura pesquisa, com a qual almejo auxiliar para a ampliação do acervo de história oral do Museu do Trabalho, visto que o museu ainda possui um acervo de história oral bastante pequeno e que muitos maracajaenses ainda não tiveram seus depoimentos coletados. São tarefas a executar...

“Sem dúvida, qualquer história pode ser contada de mil maneiras”. (Sarlo, 2005).

Esta é uma delas...

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL:

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ABREU, Regina, CHAGAS, Mario (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

AIDAR, Gabriela. Museus e inclusão social. Patrimônio e Educação, *Ciências & Letras* – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, nº 31, Porto Alegre, jan./jun., p. 53-62.

AFONSO, Almerindo Janela. *Os lugares da Educação*. In: Educação não-formal: cenários da criação. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.

AFONSO, A. J. *Sociologia da educação não escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática?* In: ESTEVES, A. J.; STOER, S. R. *A Sociologia na escola*. Porto: Afrontamento, 1989.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. In: *Comunicação & Educação*, São Paulo, (10):50 a 56, set./dez. 1997.

ALMEIDA, Cícero Antonio Fonseca de. Texto de apresentação. In: ARNAUT, Jurema Kopke; ALMEIDA, Cícero A. Fonseca (Org.). *Museografia: a linguagem dos museus a serviço da sociedade e de seu patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: IPHAN: OEA, 1997.

AMARAL, E. L. G. Reflexões sobre o papel educativo dos museus. In: *Rev. Humanidades*, Fortaleza, v. 18, n. 1, p. 9-16, jan./jun. 2003.

ARANTES, Valéria Amorim (org). *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008.

BAY, Dora Maria Dutra. *Museu e escola: um diálogo possível*. In: *Arte na escola*. Boletim 35, São Paulo, jul-ago, 2004.

BARRETTO, M.. *Turismo e Legado Cultural*. 3. ed. Rio de Janeiro: Papyrus, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade; lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre: EDUSP, 2007.

CABRAL, Magaly. *Parcerias em Educação e Museus*, texto apresentado na conferência anual do CECA/ICOM, em Banská Stiavnica/Bratislava, Eslováquia, de 17 a 23 de setembro de 2005.

CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino: Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARNEIRO, M. A. *LDB Fácil – Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo*. 8ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 39.

CARVALHO, V. C. de; LIMA, S. F. de. Cultura material e coleção em um museu de história: as formas espontâneas de transcendência do privado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte, MG: Argumentum; Brasília, DF: CNPq, 2005.

CHAGAS, Mario. *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento*. Anotações pessoais da conferência proferida no interior do 3º Fórum Nacional de Museus, 08 de julho de 2008, na UFSC, Florianópolis.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. *Revista Estudos Avançados*. Vol 5, n. 11, jan/abr. 1991: 173-191. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 de março de 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CUNHA, M. T. S.. Essa coisa de guardar...Homens de letras e acervos pessoais. In: *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, Maio/Ago 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 16 de outubro de 2009.

CURY, M. X. *Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), p. 365-80, 2005, p. 368.

CZAPSKI, S. *A implantação da educação ambiental no Brasil*. Brasília: MEC, 1998.

DMITRUK, Hilda Beatriz. *Material para a Série Interdisciplinar do Centro de C. Humanas e Sociais*. In: I CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Tubarão. Anais, Tubarão – SC, 2001.

DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ENNES, Elisa Guimarães. *Espaço Construído: o Museu e suas exposições*. Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO / Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008, p. 48. Disponível em: < http://www.unirio.br/cch/ppg-pmus/dissertacoes/dissertacao_elisa_ennes.pdf>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2010.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). *Museus; dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte, MG: Argumentum; Brasília, DF: CNPq, 2005.

FREIRE, Paulo. *A ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História*. Como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 15-50, p. 15.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GINZBURG, C. *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRAUDY, Daniele; BOUILHET, Henry. *O museu e a vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro- RS; Belo Horizonte: UFMG – Escola de Biblioteconomia, 1990.

GOHN, M. G. *Educação não-formal e cultura política*. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

GOMES, A. de C.. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 126. Disponível em:< <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Acesso em: 25/03/2010.

GONÇALVES, D. R. P. *Educação Ambiental e o ensino básico*. Anais do IV Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente, p. 125-146. Florianópolis, 1990.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial. Utilização dos bens culturais como recursos educacionais. *Cadernos do CEOM*. Chapecó, n. 12, p. 159-180, 2000.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. *Regime de Historicidade*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>>. Acesso em: 08 de maio de 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queirós. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

HORTA, M. de L. P. . Patrimônio Cultural e Cidadania. POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete (Orgs.). *Museologia Social*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

KERRIOU, Miriam Arroyo de. Museu, patrimônio e cultura: reflexões sobre a experiência mexicana. 89-99. In SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura/Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

LE GOFF, J. *História e memória*. 4. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Rogério Proença. Lugares da política e consumo dos lugares – nação e patrimônio cultural. In: *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, Aracaju (SE): Editora UFS, 2004. p. 34-95.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto história* [PUC-SP], S. Paulo, n. 17, nov. 1998, p. 63-201.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*, v. 29, nº1, p. 27-43, jan/jun. 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAFFESOLI, Michel. Da identidade à identificação. In: MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 299-350.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e cultura: documentos pessoais no espaço público. In *Estudos Históricos - Arquivos Pessoais*, v. 11, n. 21, 1998.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 128-148.

PAIM, Elison Antonio. Um pouco da história da museologia brasileira: entrevista com a museóloga Magaly Cabral. In *Cadernos do CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina*, Ano 20, n. 26, [?], p. 361-375.

PEIXER, Zilma Isabel; TAMANINI, Elizabete. *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: Educação popular e herança cultural no século XXI*. Revista Arqueologia Pública, Vol. 2, p.23-32, CAMPINAS - NEE, SP, Brasil, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, S. J. (Org.); SANTOS, N. W. (Org.) ; ROSSINI, M. (Org.). *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural*. 1. ed. Porto Alegre: Asterisco, 2008. v. 1. 232 p. p. 11-18.

PESAVENTO, Sandra Jathay. O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado. São Leopoldo, *História Unisinos*, v. 8, nº10, p. 179-189, jul. dez. 2004, p. 183.

PHILIPPI Jr., COIMBRA, J. Á. A. Visão de Interdisciplinaridade na Educação Ambiental. In: PHILIPPI Jr., A.; ELICIONI, M. C. F. *Educação ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos*. São Paulo: Signus, 2002.

POMIAN, K. *Colecção*. In: Enciclopédia Einaudi - Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. v.1, p. 51-86.

PORTELLI, Alessandro. "Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética da História Oral." *Projeto História*. São Paulo: nº 15, abr. 1997.

POSSAMAI, Zita Rosane. Museu e Arquivo: Laboratórios de Aprendizagem e Descobertas, In: *A Memória e o Ensino de História*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC-ANPUH/RS, 2000.

PRIMO, Judite Santos. Pensar Contemporaneamente a Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia (16)*. Lisboa: Centro de Estudos de SocioMuseologia, 1999.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ROCHA, Alexandre. *Projeto: Centro de História e Memória de Araranguá*. Araranguá: Prefeitura Municipal de Araranguá, 2006.

SARLO, Beatriz. A história compacta e a história ausente. In:_____. *Tempo presente*. Notas sobre a mudança de uma cultura. Tradução de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005. p.147-150.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. SP: Companhia das Letras: Belo Horizonte; UFMG, 2007.

SEPÚLVEDA, Luciana. A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G., MARANDINO, M. e LEAL. M.C.

(Orgs). *Educação e Museu*. A construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access Editora/FAPERJ, 2003. p. 107-128. p. 107.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. *Ciências e Letras – Patrimônio e Educação* Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Rio Grande do Sul: Ciências e Letras, v. 31. jan. / jun. 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond; Minc/IPHAN/DEMU, 2006.

SILVA, H. R.. A história do tempo presente e a problemática das fontes. In: *Seminário: História do Tempo Presente* (UDESC). Florianópolis, 2008, p. 1-8.

SIMSON, O. R. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (Org.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.

SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, Agnès;. TÉTART, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SOARES, André Luis Ramos (Org.). *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRILLA, Jaume. *A educação não-formal*. In ARANTES, Valéria Amorim (org). *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA:

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy (Org). *Maracajá: Pré-História e Arqueologia*. 1. ed. Tubarão: Editora Unisul, 2005.

FARIAS, D. S. Eloy de. *O NUPEP e a preservação do patrimônio arqueológico e histórico-cultural em Santa Catarina*. I Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial. Tubarão 2001. CD-ROM.

FARIAS, D. S. E. ; NEU, M. F. R. ; SOUZA, O. A. . *Uma Aventura pela História de Maracajá*. 1. ed. Florianópolis: SAMEC, 2007. v. 600. 52 p.

MACHADO, Agilmar. *Maracajá*. Criciúma: Gráfica e Editora Tabajara, 2000.

MORAES, Lúcio Vânio; HENRIQUE, Ademir. Entre o Ensino de História e a Pesquisa: As Casas de Turma como Patrimônio Histórico. *Revista de Iniciação Científica* (Criciúma), v. 03, p. 131-142, 2005.

MORAES, Lúcio Vânio . *História e Memória Religiosa: Paróquia Nossa Senhora da Conceição- Maracajá* (1956/2006). Criciúma: do autor, 2008.

MORAES, Lúcio Vânio; SOUZA, Odécia de Almeida de. *Maracajá: Outras Memórias, Novas Histórias*. Florianópolis: Samec, 2009.

SOUZA, Odécia Almeida de. *Conflitos e mudanças – Os Xokleng e os imigrantes europeus no Vale do Rio Araranguá durante a segunda metade do século XIX, 2005*. Monografia do Curso de Pós-Graduação Especialização em História Social e História Cultural. UNESC-Criciúma. Dez. 2005.

SOUZA, Odécia Almeida de; FREITAS, Beibiane Rocha de. *Educação Patrimonial nos currículos escolares da rede municipal de ensino de Maracajá-SC: Uma proposta interdisciplinar*. Universidade do Sul de Santa Catarina/ UNISUL, 2004.

SOUZA, O. A. de. Respeito à diversidade étnica e cultural – ocupação pré-colonial do estado de Santa Catarina e do município de Maracajá. In: *Projeto da Disciplina de Educação Patrimonial e Ambiental. Maracajá/ Rede Municipal de Ensino: agosto a novembro de 2007*.

VALNIER, Luciane Ronchi Valnier. *Apresentação*. In: FARIAS, D. S. E. ; NEU, M. F. R. ; SOUZA, O. A. . *Uma Aventura pela História de Maracajá*. 1. ed. Florianópolis: SAMEC, 2007. v. 600. p. 3.

ATAS, LIVROS DE REGISTROS E DOCUMENTOS:

CENTRO HISTÓRICO CULTURAL DE MARACAJÁ. *Documento de Apresentação*. [200_].

_____. Livro de registros de atividades. Maracajá, 2005. p. 9.

DAL PONT, Gisele da Silva Garcia. *Parque Ecológico Maracajá*. Maracajá, 2008.

ENCICLOPÉDIA:

ENCICLOPÉDIA, Políticos Catarinenses. 1ª edição. Porto Alegre: Ediclas, 1978. v. I, p.40.

ENTREVISTAS:

DAL PONT, Gisele da Silva Garcia. Entrevista não gravada concedida a Sibeli Cardoso Borba Machado no dia 10 de agosto de 2009.

SOUZA, Odécia de Almeida. Entrevista não gravada concedida a Sibeli Cardoso Borba Machado em 10 de agosto de 2009.

FOLDERS:

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARACAJA. *Exemplo de Preservação Ambiental e Cultural*. Folder. Maracajá.

JORNAIS:

A CRIAÇÃO DE UM PARQUE ECOLÓGICO. *Jornal O Estado Sul*, Criciúma, 22 de fevereiro. 1991. p. [3-10].

FALTAM RECURSOS PARA EXECUÇÃO DO PRO-VIDA. *Jornal Tribuna Sombriense*, Sombrio, 19-25 de julho. 1991. p. 08.

MARACAJÁ 40 anos. *Jornal Sem Censura*, Araranguá, 12 -14 de maio. 2007. p. 9.

MEIO AMBIENTE É PREOCUPAÇÃO. *Jornal Nosso Tempo*, Araranguá, 08 de junho. 1990. p. [3-10].

MORAES, L. V.. Acervos doados: Memória preservada. *Jornal Folha Regional*, 12 de outubro. 2007. p. 3.

_____. Doações de acervos ao Centro Histórico de Maracajá: Memórias preservadas. *Jornal Folha Regional*, 06 de julho. 2007. p. 2.

_____. Memória do trabalho e Doações de Acervos. *Jornal Folha Regional*, 09 de novembro. 2007. p. 3.

_____. Patrimônio "Bate Enxada" Revela dificuldades na área da agricultura. *Jornal Folha Regional*, 03 de agosto. 2007. p. 3.

_____. Preservar e estudar Doação de Patrimônios ao Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli'. *Jornal Folha Regional*, 08 de junho. 2007. p. 2.

_____. Sr. Olávio Scaduelli e Doações de acervos. *Jornal Folha Regional*, 28 de setembro. 2007.

NÃO POLUAM RIO MÃE LUZIA. *Jornal Nosso Tempo*, Araranguá. 09-15 de maio de 1989. p. [3-15].

NATUREZA, GENTE E TRABALHO. *Jornal Nosso Tempo*, Araranguá, 15 de junho. 1990. p. 5.

LEIS:

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Organização dos textos, notas remissivas e índices por Juarez de Oliveira. 24. ed. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.

BRASIL- Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos do ensino fundamental: Apresentação dos temas transversais*. Brasília : MEC/ SEF, 1998.

MARACAJÁ. *Lei Orgânica do município de Maracajá*. 2ª ed. 2004.

MARACAJÁ. Lei nº 516, de 12 de junho de 2001.

MARACAJÁ. Lei nº 582, de 20 de maio de 2003.

MARACAJÁ. *Projeto de implantação da Disciplina de Educação Patrimonial e Ambiental nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Maracajá*. Parecer Nº 003/2006.

SANTA CATARINA. *Constituição do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis: DDSG: ALESC, 2000.

TEXTO DIDÁTICO:

MACHADO, Thiago; FERNANDES, Werigthon Pedro. *História das Mulheres na sociedade*. Texto dissertativo produzido na Disciplina de Educação Patrimonial e Ambiental. Maracajá, 30 de março de 2009.

WEBSITES:

CASPAR DAVID FRIEDRICH 1774-1840. Tradução de Paulo Victorino. Disponível em: <<http://www.pitoresco.com.br/universal/friedrich/friedrich.htm>>. Acesso em: 20 de março de 2010.

GUIA SANTA CATARINA. *Maracajá/Caminhos dos Canyons*. Disponível em: <<http://www.guiasc.tur.br/atrativos/cidade.php?cidade=118>>. Acesso em: 07 de agosto de 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. *Cidades*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2010.

MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA. Disponível em: <www.mhsc.sc.gov.br>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

MUSEU UNIVERSITÁRIO – UNIDADE DE ZOOLOGIA. Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/117/3527/>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

MUSEU VICTOR MEIRELLES. Disponível em: < www.museuvictormeirelles.org.br>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

MUSEU DA INFÂNCIA. Disponível em: <<http://www.museudainfancia.unesc.net/>>. Acesso em: 03 de agosto de 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARACAJA. *Parque Ecológico de Maracajá*. Disponível em: <
<http://www.maracaja.sc.gov.br/conteudo/?mode=pa&item=14612&fa=7&cd=5843&siglamun=maracaja>>. Acesso em: 04 de agosto de 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARACAJÁ. *Parque Ecológico Maracajá*. Disponível em:
<<http://www.maracaja.sc.gov.br/conteudo/?mode=pa&item=14612&fa=7&cd=16735>>
. Acesso em: 10 de agosto de 2009.

ROTA DOS CANYONS. A região. Disponível em: <
<http://www.rotadoscanyons.com.br/?acao=aRegiao>>. Acesso em: 05 de agosto de 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL. *Mapa de região de Abrangência da SDR Araranguá*. Disponível em:
<http://www.sc.gov.br/sdr/ararangua/mapa_ararangua.gif>. Acesso em: 07 de agosto de 2009.

SHAKESPEARE, William. *Sonetos 123*. Disponível em :<
<http://osmeussonetos.blogspot.com/2006/10/shakespeare-sonnets-123.html>>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

MATERIAL DIDÁTICO:

DE MARCO, Edina (coord.). *Um museu-palácio em Santa Catarina* [Projeto Escolas no Museu]. Florianópolis: Museu Histórico de Santa Catarina/Palácio Cruz e Sousa, [s.d].

FARIAS, D. S. E. ; NEU, M. F. R. ; SOUZA, O. A. . *Uma Aventura pela História de Maracajá*. 1. ed. Florianópolis: SAMEC, 2007. v. 600. 52 p.

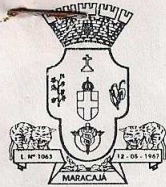
MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA. *Uma aventura no museu*. Florianópolis: MHSC, 2004.

MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA. *Vivendo com música*. Projeto Escolas no Museu. Florianópolis: MHSC, 2006.

ANEXO

ANEXO A:

DOCUMENTO DE INSTITUIÇÃO DO PROGRAMA 'EDUCAÇÃO AMBIENTAL E
QUALIDADE DE VIDA'



**Estado de Santa Catarina
Prefeitura Municipal de Maracajá**

LEI N.º 516 de 12 de junho de 2001.

**INSTITUI O PROGRAMA “EDUCAÇÃO
AMBIENTAL E QUALIDADE DE VIDA”, NAS
ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

ANTENOR ROCHA, Prefeito Municipal de Maracajá, faço saber a todos os habitantes do Município que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Municipal autorizado a instituir o Programa “Educação Ambiental e Qualidade de Vida” a ser desenvolvido nas escolas da Rede Municipal..

Parágrafo Único: O Programa preverá a atuação direta e conjunta dos Departamentos Municipais de Educação, Cultura e Esportes e do Meio Ambiente e Turismo e deverá promover integração ampla entre órgãos públicos e entidades não-governamentais envolvidas com os problemas ambientais.

Art. 2º O Programa será operacionalizado por meio de projetos específicos em cada escola, tomando como ponto de partida a realidade, seu processo histórico e os múltiplos determinantes que influem no ambiente onde a mesma está inserida, abrangendo a pré-escola e o ensino fundamental.

Parágrafo Único: Os projetos citados no “caput” deste artigo deverão oferecer, subsídios para que a Educação Ambiental não se limite a uma disciplina do currículo, mas sim possibilitar que seja tratada nos diferentes componentes curriculares de forma interdisciplinar.

Art. 3º O Poder Executivo elaborará material de apoio ao Programa, utilizando-se de material impresso, televisivo, entre outros.

Art. 4º O Poder executivo regulamentará a presente Lei, no prazo de 30 (trinta) dias após sua publicação.





**Estado de Santa Catarina
Prefeitura Municipal de Maracajá**

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Maracajá, 12 de junho de 2001.


ANTENOR ROCHA
PREFEITO MUNICIPAL

Registrada e publicada a presente Lei, na Secretaria de Administração, em
12 de junho de 2001.


ADEMIR ANTENOR DE OLIVEIRA
SECRETÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO

APÊNDICES

APÊNDICE A:

Estado da Arte

1 LIVROS:

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. *Memória e patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: UNI-RIO: FAPERJ: DP&A Editora, 2003.

ARANTES, Valéria Amorim. *Educação formal e não-formal: Pontos e Contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008

ARNAUT, Jurema Kopke; ALMEIDA, Cícero A. Fonseca (Org.). *Museografia: a linguagem dos museus a serviço da sociedade e de seu patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: IPHAN: OEA, 1997.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e museus: princípios, problemas e métodos*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1997. (Cadernos de sociomuseologia, n. 10).

CHAGAS, Mário. *Há uma gota de sangue em cada museu – a ótica museológica de MÁRIO DE ANDRADE*. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mário. *Museália*. Rio de Janeiro: J.C. Editora, 1996.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs). *Museus – dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FUNDAÇÃO MUDES. *A criança e o museu*. Rio de Janeiro: 1978.

GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M.C. (Org.). *Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. Rio de Janeiro: ACESS: FAPERJ, 2003.

HAMBURGER, Ernst W.; MATOS, Cauê (Orgs.). *O desafio de ensinar ciências no século XXI*. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência: CNPq, 2000.

HOLANDA, Guy de. *Recursos educativos dos museus brasileiros*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educativas. 1958.

HORTA, M. L. P. GRUNBERG, E., MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial de Petrópolis, 1999.

LEITE, Maria Isabel e OSTETTO, Luciana E. (Orgs.). *Museu, Educação e Cultura – Encontros de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papyrus, 2005.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999. 293 p., il. (Acadêmica, 26).

POSSAMAI, Zita Rosane. Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete (Orgs.) *Museologia Social*, Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, UE, 2000.

POSSAMAI, Zita Rosane. Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

PRIMO, Judite Santos. Pensar Contemporaneamente a Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia (16)*. Lisboa: Centro de Estudos de SocioMuseologia, 1999.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

REAL, R. Binômio: museu e educação. Rio de Janeiro: MEC: MNBA, 1946.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Integrando a escola ao bairro. Salvador: Instituto Anísio Teixeira: Secretaria de Educação. 1990. 129 p.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu, escola e comunidade: uma integração necessária. Salvador: SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. (Cadernos de sociomuseologia).

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Reflexões museológicas: caminhos de vida. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2002. (Caderno de sociomuseologia, n. 18).

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Repensando a ação cultural e educativa dos museus. 2. ed. ampliada. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1993.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIMSON, O. R. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (Org.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.

VARINE, Hugues de. *Museologia Popular*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

2 PERIÓDICOS:

CADERNOS CEOM. *Educação patrimonial e fontes históricas*. Chapecó: Centro de Organização da Memória do Oeste-Chapecó, SC, ano 14, n. 12, dez. 2000.

CADERNOS CEOM. *Museus: pesquisa, acervo, comunicação*. Chapecó: Centro de Organização da Memória do Oeste-Chapecó, SC, n. 21, 2005.

EPISTEME. *O mundo nas coleções dos nossos encantos*. Porto Alegre: ILEA: UFRGS, Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências, n. 21, jan./jun. 2005. (Suplemento especial).

MAST Colloquia v. 7. *Museu: Instituição de Pesquisa*. Rio de Janeiro: MAST, 2005.

MUSAS – *Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro: IPHAN, DEMU, n. 1 e 2, 2004 e 2005.

3 ARTIGOS EM PERIÓDICOS, CAPÍTULOS DE LIVROS E/OU PARTE DE MONOGRAFIA

ALMEIDA, Adriana M. *Desafios da relação museu-escola*. *Comunicação e Educação*, São Paulo: Moderna: USP, n. 10, p. 50-56, set./dez. 1997.

ALMEIDA, Adriana Mortara & VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Por que visitar museus*. In: *O saber histórico na sala de aula*. Editora Contexto: São Paulo, 1997.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *A museologia como uma pedagogia para o patrimônio*. *Ciências e Letras*. In: *Ciências e Letras*. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. (Patrimônio e Educação). Porto Alegre, nº 31, 2002.

ELAZARI, Judith Mader. *O Museu e seu potencial educativo: preocupações com orientação para professores de 1º e 2º graus*, *Revista da ANDE*, n. 21, 1994.

GRINSPUM, Denise. *A Formação do educador e o museu*. *Pátio - Revista Pedagógica Artes Médicas*, Porto Alegre, n. 4, fev./abr. 1998.

HIRATA, Elaine F. Veloso. *Relato das experiências educacionais do Museu de Arqueologia e Etnologia: 1981-1982*. *Dédalo*, São Paulo: USP, MAE, n. 24, 1985.

HORTA [BARRETO], Maria de Lourdes Parreiras. *Educação Patrimonial*. *Boletim do Programa Nacional de Museus*, Brasília, MinC, FNPM, n. 2, p. 6-9, 1985.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. *Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal*. In: *O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu*. *Caderno do Museu da vida*. MAST, Museu da Vida, 2001-2002.

_____. *A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito*. In: GOUVÊA, Guaracira, MARANDINO, Martha, LEAL, Maria Cristina (Orgs.). *Educação em museu: a construção social do caráter educativo dos*

museus de ciência. Rio de Janeiro: Acess, 2003. p. 107-128.

KÖPTCKE, L.S. et al. Ciência e vida cotidiana: parceria escola-museu. Boletim Salto para o Futuro, TV Escola, 2003, 27 p. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/civ/teimp.htm>.

KRAMER, Sônia. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museu. In: KRAMER, Sônia; PEREIRA LEITE, Ferraz, M. Isabel (Orgs.). Infância e produção cultural. Campinas: Papyrus, 1998. p. 199-215.

LEITE, Maria Isabel. O serviço educativo dos museus e o espaço imaginativo das crianças. Pro-posições, Campinas, v. 15, n. 43, p. 121-128, 2004.

LEITE, Maria Isabel. Criança, velhos e museu: memória e descoberta. Cadernos CEDES, Campinas, v. 26, n. 68, p. 74-85, 2006.

LOPES, Maria Margaret. A Favor da desescolarização dos museus. Educação & Sociedade, n. 40, p. 443-455, dez. 1991.

LOPES, Maria Margaret. Resta algum papel para o(a) educador(a) ou para o público nos museus?. Boletim do CECA-Brasil, ano 1, n. 0, mar. 1997.

MARANDINO, M. Museu e Escola: parceiros na educação científica do cidadão. In CANDAU, V. M. F.(org). *Reinventar a Escola*. Editora Vozes, Petrópolis, 2000.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. Revista FAPA - Ciências & Letras . n. 27, p. 91-102. jan.-jun. 2000.

NOELLI, Francisco Silva. Educação Patrimonial: relatos e experiência. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1413-1414, Set./Dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22628.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2009.

SILVA, D. A. de. Uma experiência educativa com adultos. Boletim, Joinville. ano 1, n. 3, 1991.

SUANO, Marlene. Uma experiência de visita programada ao Museu de Arte e Arqueologia. Dédalo, São Paulo: USP, MAE, n. 8, dez. 1968.

TAMANINI, E. Significado marginal do sambaqui: educação e patrimônio. Boletim, Joinville: MASJ, ano 1, n. 3, 1991.

TAMANINI, Elizabete; SILVA, Denise Aparecida. O trabalho educativo no MASJ. Boletim, Joinville: MASJ, jul. 1990.

TELLES, Angela Cunha da M. Mostrar, estudar, celebrar: apontamentos sobre a história das atividades educativas no Museu Histórico Nacional, 1922-1968. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MinC, IPHAN, n. 29, p. 187-210. 1997.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello; RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. A Ação Educativa na Exposição Brasil 50 Mil Anos: princípios e propostas. In: Universidade

de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Brasil 50 Mil Anos: uma viagem ao passado pré-colonial. São Paulo: USP. MAE: Edusp, 2001. (Catálogo de exposição).

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. O potencial pedagógico dos museus. Bolando Aula, 5 mai. 1997. (Apoio didático aos professores das séries iniciais do ensino fundamental).

4 ANAIS E ATAS, PUBLICAÇÕES DE SEMINÁRIOS, CONGRESSOS, OFICINAS, CURSOS:

CONFERÊNCIA CIMUSET, 2006, Rio de Janeiro. Instrumentos, máquinas e aparatos interativos de C & T em exibição nos museus. Rio de Janeiro: MAST: ICOM, CIMUSET, 2006. 1 CD.

CURSO PARA TREINAMENTO EM CENTROS E MUSEUS DE CIÊNCIA. Educação para a ciência. Organização Silverio Crestana, Ernst W. Hamburger, Dilma M. Silva e Sérgio Mascarenhas. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2001. 676 p.

DECLARAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. ICOM/CECA. Rio de Janeiro: 30 abril de 1993.

ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE MUSEUS, 2002, Brasília. A comunicação em questão: exposição e educação, propostas e compromissos. Organização Marília Xavier Cury. São Paulo: USP, MAE: STJ, 2003. 192 p.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS, I., 1992, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1992.

ENCONTRO REGIONAL DA AMÉRICA LATINA E CARIBE – CECA/ICOM, III., 2004, São Paulo. Museus e patrimônio intangível – O patrimônio intangível como veículo para a ação educacional e cultural. São Paulo: FAAP, Museu de Arte Brasileira, 2005, 208 p.

ENCONTRO REGIONAL DA AMÉRICA LATINA E CARIBE – CECA/ICOM, IV, 2005, São Paulo. Parcerias: educação em museus. São Paulo: FAAP, Museu de Arte Brasileira, 2006. 108p.

ENCONTRO SOBRE A PESQUISA EM EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO EM MUSEU, 2001, Rio de Janeiro. O museu e seus públicos - negociação e complexidade. Rio de Janeiro: Fiocruz, Museu da Vida: MAST, CNPq, 2003.

JORNADA MUSEOLÓGICA: NOTÍCIAS SOBRE MUSEUS-CASAS. Papéis Avulsos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 43, 2002.

MEMÓRIA DO FÓRUM NORDESTINO DE MUSEOLOGIA - Documentos, 1996, Aracaju. Organização de Verônica Maria Meneses Nunes. Aracaju: IPHAN, 2000. 118 p.

SEMANA DE MUSEUS. Ações afirmativas em museus: educar e preservar. São Paulo: USP, V, 2005, 2005.

SEMANA DE MUSEUS. Preservação em museus: identidades, políticas, memórias. São Paulo: USP, IV, 2003.

SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS, 2., 1998, Rio de Janeiro. Comunicação e Educação. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998.

WORKSHOP EDUCAÇÃO EM MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIA, 2003. Organização de Vanessa F. Guimarães e Gilson A. da Silva. Rio de Janeiro: Vitae: British Council: Techniquet, 2003.

3 TEXTOS COMPLETOS E RESUMOS EM ANAIS E ATAS DE CONGRESSOS, SEMINÁRIOS E EVENTOS

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. O despertar do espírito científico através dos museus. In: Novos enfoques educativos para a atividade museu, 1986, Rio de Janeiro. Participação-criatividade-comunicação. OREALC, UNESCO: CINEDUC.

CURY, Marília Xavier. O público e a comunicação em museus. In: INTEGRAR – CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 2., 2006, São Paulo: FEBAB, COFEM, 2006. p. 117-119.

GRUNBERG, E., Educação patrimonial - utilização dos bens culturais como recursos educacionais. In: Encontro de Museus do Mercosul, São Miguel, 1995.

KÖPTCKE, L. S., Reis, B. Museu da Vida: Análise do caminho entre a escola e o museu. In: REUNIÓN RED-POP, VII., 2001, Santiago do Chile. Libro de Resúmenes. Santiago do Chile: RED-Pop, 2001. p. 1-141.

KÖPTCKE, L. S. Estudo da utilização pedagógica do Museu da Vida pelo público escolar In: BIENAL DE PESQUISA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, II., 2000, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Oswaldo Cruz: Millenium Print, 2000, v.1. p. 530.

MATTOS, Yára. O Aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem de história através de um trabalho conjunto entre a escola de nível médio de Ouro Preto e o Museu da Inconfidência. In: SEMINÁRIO INTER-INSTITUCIONAL UFOP/ETFOP, Ouro Preto. Anais. Ouro Preto: UFOP: ETFOP, 1999.

POSSAMAI, Z. R. Museu e arquivo: laboratórios de aprendizagem e descobertas. In: JORNADA DE ENSINO DE HISTÓRIA, 1999, Lageado. Editora da UNIVATES, 1999.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A relação museu/escola no Brasil: realidade e perspectivas. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, II., 1997, São Paulo. Anais. São Paulo: FEUSP, 1997. (Grupo de Trabalho).

5 MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES:

AIDAR, Gabriela. Proposta de uma atividade educativa para a Coleção Brasileira – Fundação Rank-Packard/Fundação Estudar. 2000. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALENCAR, Vera Maria Abreu de. Museu-educação: se faz caminho ao andar... 1987. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

ALTMAN, Ana Paula Treigner. Paulo Portella Filho: a trajetória de um educador em museus. 2002. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BEMVENUTI, Alice. Museus e educação em museus – História, metodologias e projetos, com análise de casos dos Museus de Arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CABRAL SANTOS, Magaly. Lição das coisas (ou canteiro de obras) através de uma metodologia baseada na educação patrimonial. 1997. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

CAZELLI, Sibeles. Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações?. 2005. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

CHEN, Luciana. Ação educativa no Museu de Arte Brasileira da Fundação Álvares Penteado – 1999-2001. 2002. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CRUZ, Livia Lara da. O museu e a escola: construindo monólogos ou diálogos? 2006. 61 p. Monografia (Especialização em Museologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

FELDHAUS, Marcelo. O serviço educativo do Espaço Cultural UNESC/Projeto Toque de Arte: um estudo de caso. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense.

FLORES, Celia Lucia Baptista. O que as crianças falam sobre museu.... 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCOIO, Maria Angela Serri. Museu de arte e ação educativa: proposta de uma metodologia lúdica. 2000. 224 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FREIRE, Beatriz Muniz. O encontro museu/escola: o que se diz e o que se faz. 1992. 134 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

GRINSPUM, Denise. Educação para o patrimônio: Museu de arte e escola - Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. 131 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GRINSPUM, Denise. Discussão para uma proposta de política educacional da Divisão de Ação Educativo-Cultural do Museu Lasar Segall. 1991. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LAVRATTI, Isabel. Encontros e desencontros. Ações educativas museológicas, público espontâneo e procedimentos de investigação/avaliação museológica. 2004. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEITE, Maria Isabel. O que e como desenham as crianças? Refletindo sobre as condições de produção cultural da infância. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas.

LOPES, Maria Margaret. Museu: uma perspectiva de educação em geologia. 1988. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas.

MACHADO JÚNIOR, Laerte. Educação em museus: o fenômeno educacional nas exposições temporárias. 2004. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PIZZATO, VERA LÚCIA BUAES; ALMEIDA, ADRIANA MORTARA. Conhecendo nossa casa - Museu Histórico Municipal de São José - uma proposta de ação educativa para as 1ª as 4ª séries do ensino fundamental. 2001. Monografia (especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu-Escola: uma experiência de integração. 1981. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Processo museológico e educação: construindo um Museu didático-comunitário, em Itapuã. 1995. 278 p. Tese (Doutorado) - Departamento de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TAMANINI, Elizabete. Museu Arqueológico de Sambaqui: um olhar necessário. 1994. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de Campinas.

VALENTE, Maria Esther. Educação em museus. O público de hoje no museu de ontem. 1995. 208 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

VASCONCELLOS, Carolina Tonioli de. Educação em museus: uma leitura crítica. 2004. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIAL, Andréa Dias. Sala São Paulo. Compondo uma ação educativa. 2000. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

6 MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES (específicas dos museus visitados):

BARP, Diciane Aparecida. *Estudo da coleção herpetológica da unidade de zoologia do Museu Universitário do Extremo Sul Catarinense - MUESC/Criciúma*. 2008. 56f. Monografia (Especialização em Gestão de Recursos Naturais) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008.

BERNARDO, Ricardo Piacentini. . *Coleção ornitológica da unidade de zoologia do Museu Universitário do Extremo Sul Catarinense - MUESC/Criciúma*. 2008. 53 f. TCC (Ciências Biológicas) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2008.

DAL GRANDE, Andréa Marques. *Do Palácio Cruz e Souza ao Museu Histórico de Santa Catarina: uma adequação museológica e arquitetônica*. 2001. 82 f. : Monografia (especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2001.

FRANZ, Teresinha Sueli; GIOVANNONI, Natalice de Jesus Rodrigues. *Revelando o museu Victor Meirelles rumo à descoberta do seu potencial pedagógico e à educação em artes visuais em Florianópolis*. Curitiba, 1996. 103 f. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Paraná, 1996.

REDDIG, Amalhe Baesso. . *A infância representada nos espaços museais de Santa Catarina: reflexões sobre educação, identidade cultural, museus, arte e infância*. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

MENDES, Ana Maria Reitz; Universidade do Estado de Santa Catarina. *Escola e museu: uma experiência com Victor Meirelles*. 2006. 61 p. Monografia (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de Artes Plásticas, Florianópolis, 2006.

PRUDÊNCIO, MARIA DAS GRAÇAS SILVA; UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Entre o profano e o sagrado: Museu Histórico de Santa Catarina - o desafio da educação patrimonial*. 2001. 77 f. Monografia (especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

SHAH, Jaymini; FRANZ, Teresinha Sueli. *O museu Victor Meirelles e a arte/educação : uma aproximação ao tema*. 2006. 67 p. Monografia (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de Artes Plásticas, Florianópolis, 2006.

SILVA, Tathianni Cristini da. *O patrimônio cultural do Centro Histórico de Florianópolis* : um estudo do papel dos Museus Histórico de Santa Catarina e Victor Meirelles na preservação e produção da cultura . Florianópolis, 2004. 1v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

APÊNDICE B:

**QUADRO DE AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA
CATARINA- MHSC**

MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA

Instituição	Local	Data da Fundação	Projetos	Atividades	Objetivos	Público-alvo	Período
Museu Histórico de Santa Catarina	Florianópolis	1986	“Música no Museu”		É uma parceria com a Carpex Empreendimentos e Promoções, que acontece desde 1997 nos principais museus do país, como o Museu Nacional de Belas Artes, Museu Histórico Nacional, Museu da República, Museu Casa Brasileira, Memorial JK, MAM do Rio de Janeiro, tem como objetivo oferecer o melhor da música para os dilettantes, formar platéias e renovar o público da música erudita. Aqui em Florianópolis o Projeto acontece em parceria com Museu Histórico de SC desde 2003, em eventos mensais, com entrada franca, e tem proporcionado ao público oportunidade de assistir concertos com os mais prestigiados talentos da música de concerto.	Geral	Ano II
			Projeto: “Escolas no Museu”	Publicação de material didático: Cartilha “Vivendo com a Música”	Ação educativa que é desenvolvida desde 2004, foi criada para atender as escolas públicas e privadas do nosso Estado, visa proporcionar aos estudantes a oportunidade de vivenciar o Museu Histórico de Santa Catarina de uma forma lúdica e pedagógica. Sua meta principal é transmitir conhecimento e despertar os nossos jovens estudantes para a importância da preservação do patrimônio cultural. Patrocinado pelos CORREIOS por quatro (4) anos consecutivos, o programa inclui apresentações semanais de teatro com a peça “Momentos no Palácio”, especialmente desenvolvida para o MHSC, com texto e encenação do grupo Jabuti, além de concertos didáticos, com professores e alunos do Curso de Música da UDESC, contação de histórias e cursos de capacitação para os docentes. Dentro deste Projeto também foi desenvolvido material didático distribuído aos estudantes visitantes e, material de apoio aos professores.	Estudantes	Ano IV

			Publicação de material didático: Cartilha “Uma aventura no Museu!”	Transmitir conhecimento e despertar os jovens estudantes para a importância da preservação do patrimônio cultural.	Estudantes	Ano IV
			Produção de material : “Um museu-palácio em Santa Catarina”	Transmitir conhecimento e despertar os jovens estudantes para a importância da preservação do patrimônio cultural.	Estudantes	
			“Sexta no Jardim”	Este Projeto intenta manter um programa fixo e regular de apresentações artísticas no Jardim do Palácio, oferecendo atividades de música, teatro e dança às sextas feiras às 18h. Destinado à comunidade em geral e aos visitantes de Florianópolis, o projeto propõe a valorização dos artistas locais.	Geral	
			“Exposições temporárias”	São realizadas exposições de curta duração de cunho histórico, fotográfico e artístico nos salões do andar térreo.	Geral	

Tabela 03: Quadro de algumas das ações educativas do Museu Histórico de Santa Catarina.

Fonte: Dados do acervo da autora, ano 2008.

APÊNDICE C:

QUADRO DE AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU VICTOR MEIRELLES- MVM

MUSEU VICTOR MEIRELLES

Instituição	Local	Data da Fundação	Projetos	Atividades	Objetivos	Público-alvo	Período
Museu Victor Meirelles	Florianópolis	1952	CONVERSAÇÃO COM OS PROFESSORES 1 Cursos de capacitação	Projeto “Vi Vendo Victor Meirelles” ✓ Capacitar educadores a construir conhecimento da vida e obra de Victor Meirelles, através de vídeos, palestras e debates, a partir da Exposição Itinerante e utilização do “kit” mobiliário	Vinculado ao projeto “Vi Vendo Victor Meirelles” a ação educativa promove periodicamente cursos tendo como objetivo propor a utilização do material disponível na mala que vai até a escola de modo a articular a obra de Victor Meirelles, a produção artística contemporânea e o contexto dos estudantes. Não se apresenta um modelo pronto, mas provocam-se os professores a construir projetos que podem ultrapassar as paredes das salas, interagindo com professores de diferentes disciplinas, e até mesmo indo além dos muros das escolas, envolvendo a comunidade.	Professores	
			2 Assessoria	Conversações com os docentes.	De acordo com a sugestão de alguns professores nos cursos de capacitação desenvolvidos pela ação educativa, que afirmarem sentirem a necessidade da continuidade das conversações estabelecidas na ocasião, que a ação educativa oferece assessorias ao professor em seu processo de planejamento e execução de seus projetos educativos.	Professores	Durante o ano todo
			3. Galeria de Projetos Educativos	Exposição e divulgação de projetos educativos desenvolvidos a partir das obras de Victor Meirelles.	Convida-se os educadores que desenvolvem projetos tendo como enfoque a obra de Victor Meirelles para compartilhar de suas vivências nesta Galeria de Projetos Educativos, um espaço online para a divulgação das experiências escolares.	Professores	
			PROJETOS 1 Projeto “Vi Vendo Victor Meirelles”	Exposição itinerante com reproduções de obras do MVM: ✓ Desenvolver com os alunos atividades de	Sensibilizar os alunos e professores das escolas de Ensino Fundamental (1ª à 8ª séries) e Ensino Médio para o conhecimento e a leitura da obra de Victor Meirelles, tendo como referência a história, a crítica, a estética	Alunos	Durante todo ano com agendamento

				<p>releitura, utilizando as reproduções das obras de Victor Meirelles que compõem o “kit” mobiliário itinerante “Vi Vendo Victor Meirelles.</p>	<p>e a reprodução da obra de arte.</p>		
			<p>2 Projeto “Museu Vai À Escola/ Escola Vai Ao Museu”</p>	<p>Compreende 5 etapas: Oficinas de orientação para professores; Museu vai à escola com reproduções de obras de Victor Meirelles - sensibilização; Escola vai ao Museu para contato com as obras originais e desenvolvimento de atividades; Continuação das atividades na Escola e formação de Bancos de Dados sobre Victor e Artes e Organização e Montagem de Exposição dos trabalhos realizados e Avaliação do projeto.</p> <p>O projeto dividi-se em 5 etapas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Oficina prática: releituras ✓ Análise do Acervo na escola: apresentação de reproduções ✓ Escola no Museu: levar os alunos no Museu para ter contato com as obras de Arte ✓ Museu na Escola: aplicação dos conhecimentos; releituras de uma obra a escolher ✓ Acompanhamento, controle, documentação e avaliação do projeto: 	<p>Atende as diversas categorias de público escolar, da rede municipal de educação. Baseado na Metodologia Triangular do Ensino da Arte e Educação Patrimonial, tem como objetivo ampliar conhecimento sobre Arte, o estudo da vida e obra de Victor Meirelles, do Patrimônio Histórico e Artístico e o exercício da cidadania.</p> <p>O projeto propõe uma abordagem lúdica para que as crianças e adolescentes, ao visitarem o Museu, sejam desafiados a olharem as obras e tecerem relações com o contexto em que elas foram produzidas e com a atualidade, de modo atraente, que o instigue-o a buscar mais informações acerca da arte e sua história.</p>	<p>Professores e Alunos</p>	<p>Durante todo o ano.</p>
			<p>“Victor Meirelles em Jogo”</p>			<p>Alunos</p>	

				<p>Utilização de Fichas de cadastro de acompanhamento, material didático e questionários.</p> <p>Jogos propostos pela instituição:</p> <p>Faixa etária: 5 a 10 anos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jogo de dominó; • Jogo de montagem da face; • Jogo de montagem de figurino; • Quebra-cabeça; • Jogo da memória com imagens dos trajes italianos e com imagens dos retratos de Victor Meirelles. <p>Faixa Etária: 7 a 11 anos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jogo da memória com as imagens de pintura histórica; • Mico, a carta é o retrato “A Morta”, juntar os pares • Retrato-falado, fichas com os retratos de Victor Meirelles. <p>Faixa de 12 a 16 anos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jogo do tabuleiro; • Retrato-falado, fichas com os retratos de Victor Meirelles; • Quebra-cabeça. 			
			<p>PROGRAMA DE MONITORIA 1 Visitas Temáticas</p>	<p>O visitante poderá ser desafiado com jogos e ou questionamentos, tecendo as interpretações por meio de interlocuções com os monitores e com os materiais desenvolvidos pela ação educativa</p>	<p>Com uma abordagem iconologia, as visitas temáticas procuram dinamizar e aprofundar o exercício de leitura de imagens com as obras originais de Victor Meirelles. Construindo diferentes estratégias de penetrar nas imagens para as diversas faixas etárias dos visitantes e suas especificidades, tendo como embasamento teórico a proposta de Robert Ott, desenvolvida para o espaço metodológico.</p>	<p>Professores e alunos</p>	
			<p>2 Visitas</p>		<p>As visitas individuais são acompanhadas de monitoria e as visitas das escolas e grupos são agendadas com antecedência e</p>	<p>Comunidade em geral</p>	

			AÇÃO CULTURAL- Projeto "Agenda Cultural"	Cursos, Oficinas, Palestras, Lançamentos de Livros, Ciclos de Debates	acompanhadas pela educadora do Museu O Museu Victor Meirelles promove, desde 2002, com patrocínio da Caixa Econômica Federal, o projeto "Agenda Cultural", que oferece ao público uma programação mensal de atividades culturais, como lançamentos de revistas e livros, debates, palestras, encontro com artistas, ciclos de história da arte e seminários com profissionais qualificados no cenário nacional e internacional.	Comunidade em geral	
--	--	--	--	---	--	---------------------	--

Tabela 04: Quadro de algumas das ações educativas do Museu Victor Meirelles.

Fonte: Dados do acervo da autora, ano 2008.

APÊNDICE D:

QUADRO DE AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU UNIVERSITÁRIO DO EXTREMO SUL
CATARINENSE - MUESC: Unidade de Zoologia

MUSEU UNIVERSITÁRIO DO EXTREMO SUL CATARINENSE - MUESC: Unidade de Zoologia

Instituição	Local	Data da Fundação	Projetos	Atividades	Objetivos	Público-alvo	Período
MUESC- Museu de Zoologia	Criciúma	2002	“Bicho que educa”	Palestra e apresentação do acervo aos alunos de Ensino Fundamental (até 9º ano). Publicação de material didático: Folha de atividade personalizada: ✓ Cruzadinha ✓ Desenho	Através das exposições busca-se oferecer informações sobre a história natural de algumas espécies depositadas na Unidade sobre o papel da fauna nos ecossistemas e a necessidade de preservação.	Estudantes	Durante todo ano a partir de agendamento
			Palestras de Educação Ambiental ✓ Tráfico de animais	Folder sobre: a Legislação da Pesca-informações gerais	Conhecer a legislação ambiental e despertar o gosto pelas ações preservacionistas. Esta palestra é ministrada por um profissional da Polícia Ambiental que faz parte da equipe do museu. Contudo, quando por determinação da Justiça, os que infringem as leis ambientais também são convocados a palestrar, voluntariamente, para os alunos. Distribuição de Folders sobre Legislação da Pesca produzidos pela Polícia Ambiental e outros órgãos do governo Distribuição de Cartilhas reunidas na “Série Nosso Ambiente” que é composta por 6 cartilhas.	Estudantes	Durante todo ano a partir de agendamento
			Diversas Exposições do Acervo em Shoppings		Transmitir conhecimento e despertar os jovens estudantes para a importância da preservação do patrimônio cultural.	Comunidade	
			Projeto “Conheça e Preserve a vida. Unidade de Zoologia UNESC”: Divulgação e veiculação em jornais.	Publicação de rodapés nos jornais com apoio do Banco do Brasil	Divulgar o acervo da Unidade de Zoologia e integrar a comunidade. Fornecer explicações sobre a vida dos animais e curiosidades (Você sabia que..., Você sabe qual..)	Comunidade em geral	

			Monitorias	Visita guiada e apresentação explicativa sobre acervo. Desenvolvimento e aplicação de atividades didático-pedagógicas com os alunos.	Oferecer informações esclarecedoras sobre o papel da fauna nos ecossistemas e a necessidade de preservação.		Durante todo ano a partir de agendamento
			Materiais de divulgação: <i>Folders</i> : "Unidade de Zoologia" Catálogo de divulgação do acervo da Unidade de Zoologia.				Materiais disponíveis para os alunos e visitantes

Tabela 05: Quadro de algumas das ações educativas do Museu Universitário do Extremo Sul Catarinense- MUESC- Unidade de Zoologia.
Fonte: Dados do acervo da autora, ano 2008.

APÊNDICE E:

QUADRO DE AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU DA INFÂNCIA – UNESC

MUSEU DA INFÂNCIA - UNESC

Instituição	Local	Data da Fundação	Projetos	Atividades	Objetivos	Público-alvo	Período		
Museu da Infância	Criciúma	2006	FORMAÇÃO DE PROFESSORES	Palestras Ciclos de debates Exposições	<ul style="list-style-type: none"> • Rediscutir os conceitos vigentes de museu e infância entre os professores de educação básica; • Fomentar o interesse em visitação de museus em geral, e ao Museu da Infância em particular; • Favorecer o preparo de visitas ao Museu da Infância com turmas de educação básica; • Incentivar o desdobramento das visitas feitas ao Museu da Infância nas escolas de educação básica; • Ampliar o repertório de professores de educação básica nos temas a serem tratados nas exposições temporárias de 2007 no Museu da Infância, a saber: fotografia, literatura infantil, jogos e brincadeiras, comunidades indígenas e desenho de criança. 	Professores das escolas públicas de educação básica de Criciúma e arredores; além de estudantes, pesquisadores e demais interessados no tema.	2007		
			I CICLO INFÂNCIA E MEMÓRIA EM DEBATE				Debates	Professores	2006
			II CICLO MUSEU, EDUCAÇÃO E CULTURA EM DEBATE				Debates	Professores e pesquisadores	

			EXPOSIÇÕES	<i>Exposição</i> Literatura e Encantamento e à <i>oficina</i> de Contação de histórias		Professores	
			OFICINAS				
			Contação de Histórias na Exposição Literatura e Encantamento	As crianças, após visitarem a exposição, eram levadas à sala de teatro da Universidade e lá ouviam e contavam histórias	<ul style="list-style-type: none"> - Inserir-se no mundo da imaginação e da fantasia da contação de história; - Expressar-se por meio das artes plásticas; - Dar-se conta de que existe a alteridade e um mundo de diversidade cultural; 	Alunos do Ensino Fundamental (desde o Jardim até 4ª série)	2007/2006
			Oficina com o jogo eletrônico de História da Arte "A Mansão de Quelícera	Jogar e brincar nos laboratórios de informática	As crianças foram recebidas em um dos laboratórios de informática da universidade e puderam brincar com o jogo, recebendo orientação de uma das pessoas envolvidas na elaboração do mesmo.	3ª Série da Escola	2007
			Oficina de Contação de Histórias e Pintura com Pigmentos Naturais	Desenhar e criar suas próprias tintas	As crianças foram recebidas em um dos ateliês do bloco do Curso de Artes Visuais da Universidade e, após ouvirem a contação da história <i>Solange e o Anjo</i> , livro de Thierry Magnier e Georg Hallensleben, puderam desenhar com tintas produzidas por eles mesmos, com materiais alternativos.	3ª Série da Escolas	2007
			Oficina de Massinha de Modelar	Fazer esculturas de brinquedos	As crianças foram recebidas em um dos ateliês do bloco do Curso de Artes Visuais da universidade e lá foram apresentadas a elas fotografias do acervo de brinquedos do Museu da Infância, além de imagens de obras de arte em que aparecem brinquedos infantis. Após isso, uma receita de massinha de modelar foi posta em prática pelas crianças, sendo orientadas a produzirem, com ela pronta, esculturas de brinquedos com os quais gostam de brincar.	4ª e 5ª Séries das Escolas	2006

			Semana da Criança: Oficinas de Massinha	Fazer esculturas de brinquedos	As crianças foram recebidas em um dos ateliês do bloco do Curso de Artes Visuais da universidade e lá foram apresentadas a elas fotografias do acervo de brinquedos do Museu da Infância, além de imagens de obras de arte em que aparecem brinquedos infantis. Após isso, uma receita de massinha de modelar foi posta em prática pelas crianças, sendo orientadas a produzirem, com ela pronta, esculturas de brinquedos com os quais gostam de brincar.	3ª e 5ª Séries das Escolas	
			Oficina: Brincadeiras e Brinquedos	Conhecer e confeccionar brinquedos com sucatas	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer diferentes brinquedos e formas de brincar - Relacionar brinquedos e brincadeiras atuais com as maneiras de brincar do passado - Expressar criativamente na confecção de brinquedos e interpretação das brincadeiras 	1ª a 4ª série	2006
			Pote de Histórias com o acervo do Museu da Infância Ciclo de Filmes sobre a Infância		Favorecer que as crianças percebam que existem vários tipos de museus e esse em particular; ouvir as crianças sobre os brinquedos		2008

Tabela 06: Quadro de algumas das ações educativas do Museu da Infância- UNESC.
Fonte: Dados do acervo da autora, ano 2008.

APÊNDICE F:

**QUADRO DE AÇÕES EDUCATIVAS DO CENTRO HISTÓRICO CULTURAL 'AVETTI
PALADINI ZILLI' – MUSEU MUNICIPAL DO TRABALHO**

CENTRO HISTÓRICO CULTURAL 'AVETTI PALADINI ZILLI' – MUSEU MUNICIPAL DO TRABALHO

Instituição	Local	Data da Fundação	Projetos	Atividades	Objetivos	Público-alvo	Período
Museu Municipal do Trabalho	Maracajá	2004	Gincanas				
			I Gincana Cultural da Emancipação (Organizada pela Prefeitura Municipal)	Atividades entre as escolas Exposição de fotografias e objetos antigos do município	Conta a história do município	Professores, alunos e comunidade	Ano de 2004
			Exposição Arqueológica	Visitação	A partir do mapeamento arqueológico no município organizou-se uma exposição no Museu.	Alunos, professores e comunidade	Ano de 2004
			Projeto: Museu Vai a Escola	Oficinas; Feiras; Produção de Banners; Produção de Maquetes; Confeção de exposições; seminários; palestras, etc.	Estreitar as relações entre as instituições museu e escola. Sensibilizar os alunos, os docentes e os demais profissionais das instituições educativas para as causas patrimoniais.	Alunos; professores, corpo técnico das escolas e por extensão, as famílias	Durante o ano inteiro
			Programa de Educação Patrimonial	Aula no Museu:	O projeto trabalha a construção de conhecimentos sobre a história do município a partir de do acervo arqueológico, documental, fotográfico, etc.	Alunos de Ensino Fundamental e Médio.	Durante ano todo mediante agendamento
				Oficina de Arqueologia:	Promover a valorização do patrimônio arqueológico através da análise e estudos de materiais arqueológicos do município.	Alunos do Ensino Fundamental.	Durante ano todo mediante agendamento
			Publicação de material:				
			Folder: "Maracajá: Exemplo de Preservação Ambiental e Cultural"	Distribuição para os visitantes. Tem como temática o Museu e o Parque Ecológico	Divulgar o patrimônio cultural de Maracajá	Alunos, professores e comunidade em geral.	
			<u>Publicação de Material com</u>				

		<p><u>apoio da Associação Cultural de Maracajá e lançamentos no Museu</u></p> <p>✓ Material Científico:</p> <p><i>Livro: Maracajá- Pré-História e Arqueologia</i></p> <p>Cursos e Palestras</p> <p>✓ Material Didático:</p> <p><i>Cartilha: Uma aventura pela História de Maracajá.</i></p>	<p>Distribuição de exemplares para alunos e apresentação do livro</p> <p>Ambiente e Cultura: Construindo a preservação ambiental e patrimonial no município de Maracajá</p> <p>Ao longo da cartilha encontram-se atividades para serem respondidas. Como caça-palavras, atividades de pesquisa, atividade de avaliação e apropriação da visita ao Museu, etc.</p>	<p>Publicar os resultados das pesquisas arqueológicas no município; destacar a importância da Ed. Patrimonial e dos grupos pré-coloniais</p> <p>Curso de Formação</p> <p>Conhecer a história do município através de uma cartilha ilustrada.</p>	<p>Alunos (Ensino Médio, Acadêmicos), professores e pesquisadores.</p> <p>Professores</p> <p>Alunos da 3ª série do Ensino Fundamental</p>	<p>Ano de 2005</p> <p>2005</p> <p>Ano de 2007</p>
--	--	---	---	--	---	---

Tabela 07: Quadro de algumas das ações educativas do Centro Histórico Cultural 'Avetti Paladini Zilli' – Museu Municipal do Trabalho.

Fonte: Dados do acervo da autora, ano 2008.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)